

UNIVERSIDADE VILA VELHA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

GLALBER DA COSTA CYPRESTE QUEIROZ

**A INFLUÊNCIA DA VIOLÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DAS ROTINAS
COTIDIANAS DOS MORADORES DE BOA VISTA**

VILA VELHA - ES
MARÇO/2016

UNIVERSIDADE VILA VELHA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

**A INFLUÊNCIA DA VIOLÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DAS ROTINAS
COTIDIANAS DOS MORADORES DE BOA VISTA**

Dissertação apresentada a Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, para obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública.

GLALBER DA COSTA CYPRESTE QUEIROZ

VILA VELHA - ES

MARÇO/2016

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

Q3i Queiroz, Glalber da Costa Cypreste.

A influência da violência na organização da vida cotidiana dos moradores de Boa Vista. / Glalber da Costa Cypreste Queiroz. – 2016.

127 f.

Orientador: Humberto Ribeiro Junior.

Co-orientador: Pablo Ornelas Rosa.

Dissertação (mestrado em Segurança Pública) - Universidade Vila Velha, 2016.

Inclui bibliografias.

1. Violência – Aspectos sociais. 2. Violência Urbana. 3. Movimentos sociais I. Ribeiro Junior, Humberto. II. Rosa, Pablo Ornelas. III. Universidade Vila Velha. IV. Título.

CDD 363.6

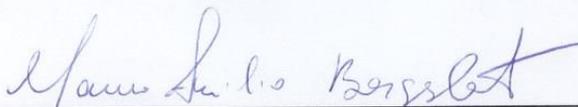
GLALBER DA COSTA CYPRESTE QUEIROZ

**A INFLUÊNCIA DA VIOLÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DAS
ROTINAS COTIDIANAS DOS MORADORES DE BOA VISTA**

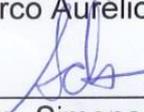
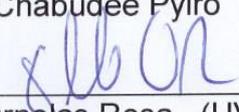
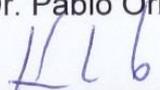
Dissertação apresentada à
Universidade Vila Velha, como pré-
requisito do Programa de Pós-
Graduação em Segurança Pública,
para obtenção do grau de Mestre
em Segurança Pública.

Aprovada em 10 de março de 2016.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Marco Aurélio Borges Costa (MULTIVIX)


Prof. Dra. Simone Chabudee Pylro (UVV)
Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV)
Prof. Dr. Humberto Ribeiro Junior (UVV)
Orientador

Dedicado a Cirleimar, Gleicy, Ingrid, José de Fátima e Alberto (*in memoriam*), minha família, com quem experimento cotidianamente a essência do verbo amar.

AGRADECIMENTOS

À Escola de Serviço Público do Espírito Santo (ESESP) pela concessão da bolsa de estudos que possibilitou a realização deste trabalho.

À Universidade Vila Velha (UVV), por todo o apoio material e imaterial disponibilizado aos alunos do Mestrado em Segurança Pública, sem os quais a realização deste trabalho se tornaria inviável.

Ao meu orientador e amigo, Dr. Humberto Ribeiro Junior, por ter compartilhado comigo uma faísca de seu vasto conhecimento. Serei eternamente grato pela paciência, dedicação e bom humor, sempre presentes em suas orientações e ensinamentos.

Ao meu co-orientador, Dr. Pablo Ornelas Rosa, fonte inequívoca de inspiração acadêmica e pessoal, por quem guardo um profundo respeito e admiração.

À Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Segurança pública da UVV, Dra. Luciana Borges, sempre solícita as demandas do corpo discente.

A todo o Corpo Docente do Programa de Pós-graduação em Segurança pública da UVV, que dedicaram parte de seu precioso tempo para proporcionar inestimável riqueza das reflexões, debates e demais momentos que permearam nossas relações.

Aos amigos Josimar, Michelle, Klauss e Pâmella, com quem compartilhei alegrias e aflições ao longo do mestrado. Conseguimos!

Aos demais colegas de turma, com quem compartilhei experiências memoráveis, cujas lembranças serão mantidas guardadas a sete chaves em meu coração.

A minha mãe Cirleimar, meu pai José (Kinder) e minhas lindas irmãs Gleicy e Ingrid, pelo amor, paciência e apoio de sempre. Vocês são fundamentais em minha vida, minha motivação maior para seguir em frente na busca por dias melhores.

Aos meus familiares, com quem tenho o prazer de compartilhar os momentos mais importantes de minha vida.

Aos meus amigos, pela compreensão de que fui compelido a me abster momentaneamente de sua companhia em razão da dedicação à pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho, especialmente Bruno Bergamaschi, Victor Piona, Siwamy Reis dos Anjos e Ray Novelli Junior, com quem compartilho a maior parte do meu dia e cujas discussões e debates enfrentados no dia-a-dia, contribuíram muito para este momento.

A todos os moradores de Boa Vista I, Boa Vista II e Vista da Penha, que dedicaram parte de seu tempo para compartilhar comigo um pouco de suas experiências de vida.

"Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior deste espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças".

(Pierre Bourdieu)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 BASE TEÓRICA	5
1.1 SOCIABILIDADE VIOLENTA	6
1.2 REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA URBANA	17
1.3 CRÍTICA A SOCIABILIDADE VIOLENTA.....	21
2 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS	28
2.1 TRABALHO DE CAMPO.....	30
2.1.1 Recorte Geográfico	30
2.1.2 Entrevistas.....	32
2.1.3 Acompanhamento Etnográfico	38
2.2 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	44
3 BOA VISTA	46
3.1 A TRANQUILIDADE	47
3.2 FICA PERTO DE TUDO	55
3.3 INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS PÚBLICOS.....	59
3.4 VIZINHANÇA.....	62
3.5 INTERVENÇÕES URBANAS NO ENTORNO.....	66
4 AMEAÇA ROTINEIRA	71
4.1 VIOLÊNCIA E PRESENÇA DO TRÁFICO	74
4.2 BALA PERDIDA	83

4.3 PERIGO MAPEADO	89
4.4 A POLÍCIA.....	95
5 O MEDO DA VIOLÊNCIA E A ORGANIZAÇÃO DA VIDA COTIDIANA....	101
5.1 O MEDO.....	103
5.2 A DIFUSÃO DA NOÇÃO DE VIOLÊNCIA URBANA	109
5.3 ORGANIZAÇÃO DA ROTINA	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS.....	125

RESUMO

QUEIROZ, Glalber da Costa Cypreste, Me., Universidade Vila Velha - ES, março de 2016. **A influência da violência na organização da vida cotidiana dos moradores de Boa Vista.** Orientador: Humberto Ribeiro Junior. Co-orientador: Pablo Ornelas Rosa.

A presente pesquisa trata de expor a maneira como o morador da região de Boa Vista, Vila Velha/ES organiza sua rotina cotidiana com base nas experiências obtidas em seu local de moradia. O objetivo é verificar em que medida é possível afirmar que a representação da violência urbana é utilizada como parâmetro para suas condutas e relações sociais cotidianas, acarretando na produção de um padrão de sociabilidade violenta. A base teórica deste trabalho é o conceito de sociabilidade violenta de Luiz Antônio Machado da Silva. Segundo esse autor, a representação da violência urbana, identificada nas ações violentas criminais e policiais, são elementos que compõem uma ordem social autônoma, que tem na força presente nas manifestações violentas o seu princípio de coordenação. Apesar de contraditórias, essas ordens sociais atuam simultaneamente em um mesmo território, orientando a organização das condutas e das relações sociais cotidianas dos moradores. A imprevisibilidade e o descontrole dos eventos violentos colocam o morador em constante estado de alerta, que tem por principal consequência a organização de suas condutas e de suas relações sociais no espaço público. Neste contexto, lançamos mão de uma conjugação de procedimentos metodológicos envolvendo entrevistas em profundidade e um acompanhamento de matriz etnográfica, moldados a algumas limitações específicas que se verificaram no decorrer da pesquisa. Os dados captados no campo nos permitiram tecer o complexo das práticas que marcam a vida cotidiana do morador de Boa Vista, bem como a forma pela qual experimentam o dia-a-dia no bairro. As ameaças que verificam como consequências da presença do tráfico na região os levam a organizar suas rotinas cotidianas e a elaborar um discurso de medo da representação da violência urbana. Embora não tenhamos conseguido verificar o desenvolvimento da sociabilidade violenta em sua integralidade, evidenciamos em Boa Vista a existência de elementos essenciais presentes no conceito proposto por Machado da Silva. Desta feita, o argumento que defendemos ao longo da presente dissertação, dispõe que há a possibilidade de a sociabilidade violenta se manifestar em contextos distintos aos das favelas cariocas. Apesar de não estarem presentes em sua integralidade, basta a existência de evidências inequívocas da manifestação de alguns dos elementos que compõem o seu núcleo essencial, como a força física presente na violência por princípio de coordenação de uma ordem social autônoma, em situação de coexistência com a ordem social institucional tradicional vigente, sem que elas colidam. Assim, entendemos que é possível afirmar que há o desenvolvimento da sociabilidade violenta em contextos diversos aos das favelas do Rio de Janeiro. Este é o caso de Boa Vista.

Palavras-chave: violência, sociabilidade violenta, violência urbana, medo social.

Title: A influência da violência na organização da vida cotidiana dos moradores de Boa Vista.

ABSTRACT

The present research comes to expose the way the inhabitant of the region of Boa Vista, Vila Velha/ES organizes your daily routine with the basis of the experiences obtained in their place of residence. The objective is to check to what extent it is possible to assert that the representation of urban violence is used as a parameter to its ducts and daily social relations, resulting in production of a pattern of violent sociability. The theoretical basis of this work is the concept of violent sociability Luiz Antonio Machado da Silva. According to this author, the representation of urban violence, identified in violent actions are criminal and police officers, are elements that make up an autonomous social order which has in force present in violent demonstrations its principle of coordination. Although contradictory, these social orders act simultaneously in the same territory, guiding the organization of ducts and of the daily social relations of residents. The unpredictability and the upset conditions of violent events pose the inhabitant in a constant state of alert, which has the main result of the organization of its ducts and of their social relations in the public space. In this context, we employed a combination of methodological procedures involving in-depth interviews and a monitoring of the ethnographic matrix, molded to some specific limitations that have occurred in the course of the research. Data captured in the field have enabled us to make the complex of practices which mark the daily life of the inhabitant of Boa Vista, as well as the form by which they experience the day-to-day in the neighborhood. The threats that occur as consequences of the presence of trafficking in the region lead them to organize your daily routines and to prepare a speech of fear of the representation of urban violence. Although we have not managed to check the development of violent sociability in its entirety, we evidenced in Boa Vista the existence of essential elements present in the concept proposed by Machado da Silva. This made the argument that we advocate throughout this thesis, provides that there is the possibility of the violent sociability manifest in contexts other than those of Rio's favelas. Although not present in its integrality, simply the existence of unequivocal evidence of the manifestation of some of the elements that comprise its essential nucleus, as the physical force present in violence by the principle of coordination of an autonomous social order, in a situation of coexistence with the social order traditional institutional law, without which they collide. Thus, we believe that it is possible to assert that there is the development of violent sociability in different contexts to the slums of Rio de Janeiro. This is the case of Boa Vista.

Keywords: violence, violent sociability, violent urban violence, social fear.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objeto as rotinas cotidianas dos moradores de três bairros situados no município de Vila Velha/ES: Vista da Penha, Boa Vista I e Boa Vista II. A escolha dessa região como campo para a coleta de dados ocorreu em razão da extensa visibilidade dada as manifestações violentas lá ocorridas, graças ao assédio dos meios de comunicação que de maneira sensacionalista dramatizam os eventos criminais. Ademais, essa é a região na qual está localizada a Universidade Vila Velha, há quase quarenta anos.

A base teórica utilizada como arrimo para o desenvolvimento de nosso argumento é o conceito de sociabilidade violenta de Luiz Antônio Machado da Silva.

Originada a partir das pesquisas realizadas nas favelas do Rio de Janeiro pelo referido autor, sua obra despertou o interesse em buscar a compreensão dos aspectos da violência em ambiente urbano na cidade de Vila Velha, especialmente no que diz respeito à maneira como a representação da violência urbana é construída.

A perspectiva dos moradores sobre a vida cotidiana na região foi tomada como primeira etapa na busca pelo objetivo geral desta pesquisa, que é determinar em que medida é possível afirmar que a violência urbana representa uma orientação para as condutas e relações sociais cotidianas dos moradores de Boa Vista, e conseqüentemente, na produção de um padrão de sociabilidade violenta.

Assim sendo, buscamos identificar o que é considerado pelos moradores como elementos que ameaçam o andamento de suas rotinas cotidianas.

Ponto importante para verificar a possibilidade de afirmar que existe a produção de um padrão de sociabilidade violenta em Boa Vista, deve-se ao fato de que tais ameaças têm a capacidade de influenciar na organização de suas condutas e de transformar a qualidade das relações sociais entre os moradores da região.

O primeiro capítulo deste trabalho visa discutir os conceitos que compõem a base teórica. Partimos assim do pressuposto de que o cenário de insegurança existencial a que estão submetidos os moradores das cidades brasileiras, especialmente nas regiões onde residem os indivíduos com limitação meios

particulares de defesa, esta na essência do que Luiz Antônio Machado da Silva (2004) denomina “sociabilidade violenta”.

Para o referido autor, a constante exposição a situações de violência que colocam em risco a integridade física e a garantia patrimonial do indivíduo, tem o poder de interferir diretamente em suas rotinas cotidianas, ao estimular o desenvolvimento de um padrão autônomo de sociabilidade que representa uma espécie de modelo para o seu agir e interagir diário.

Todavia, Michel Misse (1999) assevera uma série de questões que devem se levar em conta em relação ao conceito da sociabilidade violenta desenvolvida por Machado da Silva. Em sua crítica, Misse expõe que há falta de precisão quanto à explicação de qual seria a origem da sociabilidade violenta, pois há omissão quanto os motivos que a levaram ao ponto em que a teoria sugere ter chegado.

Outro ponto criticado por Misse é a ideia de que o complexo de condutas desenvolvidos a partir da violência criaria um novo padrão de sociabilidade também, que destaca ainda que essa teoria se aplique exclusivamente ao caso do fenômeno da violência especificamente ao Rio de Janeiro, em razão de um emaranhado de questões sociais, históricas e culturais.

O segundo capítulo, por sua vez, expõe o percurso metodológico seguido neste trabalho de pesquisa. Utilizamos uma conjunção de procedimentos que compreenderam entrevistas em profundidade e um acompanhamento de matriz etnográfica.

Assim, as entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado de questões que tinham o objetivo de captar relatos dos moradores, acerca de suas experiências cotidianas na região.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados segundo um critério temporal de moradia de no mínimo de cinco anos e, inicialmente, foram entrevistados apenas aqueles com quem o pesquisador possuía algum tipo de relação anterior. Na medida em que a pesquisa se desenvolveu, foram entrevistados moradores indicados, preservando-se apenas o critério temporal.

Esta pesquisa não é uma etnografia tradicional, propriamente dita, dadas certas limitações como o tempo exíguo para coleta de dados e a limitação de recursos humanos, uma vez o próprio pesquisador se encarregou de realizar as observações em campo.

O terceiro capítulo se destina a interpretação dos relatos do morador sobre a maneira como experimenta as rotinas cotidianas. Assim, procuramos expor o ponto de vista dos moradores de Boa Vista sobre seu próprio local de moradia, a partir da interpretação das perspectivas de suas experiências na vida cotidiana. A partir da análise dos dados coletados no campo, serão delineados aspectos que os habitantes consideram positivos e negativos a respeito da vida na região.

No quarto capítulo, debateremos com base nos dados coletados em campo, as situações em que o morador de Boa Vista se considera ameaçado e qual é a origem dessa ameaça, a que Machado da Silva indicou como sendo “duas condições básicas do sentimento de segurança existencial que costumava acompanhar a vida cotidiana rotineira – integridade física e garantia patrimonial” (SILVA, 2008, p. 36). Nesse ponto da dissertação, fica mais evidente a afirmação que a sociabilidade violenta não se processa integralmente, ainda que existam elementos dentre os indicados por Machado da Silva (2008).

No quinto e último capítulo, discutiremos a forma pela qual a violência influencia na organização das rotinas do morador de Boa Vista. Este é o principal argumento que ampara nosso entendimento de que a sociabilidade violenta não se processa na integralidade, ainda que possam ser percebidos elementos entre os indicados como componentes da essência desse fenômeno.

Tal situação possibilita o entendimento de que apesar não verificada em sua integralidade, ou seja, mesmo que não se verifique cumulativamente todo o rol de elementos citados por Machado da Silva (2008), a representação da violência urbana é identificada pelo morador como uma orientação para suas condutas no espaço público.

Esse fato é evidência robusta o suficiente para configurar a representação da violência urbana como uma ordem social vigente, contraditória a institucionalmente constituída, ocupando um determinado território em um mesmo

espaço de tempo, sem, entretanto colidir com a ordem social institucional tradicional em vigor.

Por derradeiro, o argumento que buscaremos desenvolver ao longo deste texto, baseia-se na afirmação de que embora a realidade do bairro pesquisado seja distinta dos ambientes analisados por Machado da Silva (2008), há na representação da violência urbana elaborada pelos moradores de Boa Vista a identificação de uma forma de orientação para modelos de conduta, baseados no uso irrestrito da força física com princípio de coordenação, em proporção suficiente para se entender que há a produção de um padrão de sociabilidade violenta.

1 BASE TEÓRICA

O primeiro capítulo desta dissertação apresenta ao leitor o referencial teórico que norteia a pesquisa. A reflexão proposta por Luiz Antônio Machado da Silva (2008), que ao longo dos últimos anos promove a análise dos diferentes aspectos da violência urbana por meio do conceito de sociabilidade violenta, tem como núcleo a transformação da força incrustada no fenômeno da violência, de um mero meio para a satisfação de interesses individuais, a um padrão específico de sociabilidade que orienta as condutas cotidianas (SILVA, 2008, p. 41).

A violência real, direta e imediatamente experimentada, ou a violência esperada, faz com que o sujeito acredite seriamente na possibilidade de se tornar sua próxima vítima. Desta forma, em suas rotinas cotidianas o indivíduo acaba por elaborar táticas e estratégias, físicas e/ou sociais, a fim de opor alguma resistência às ameaças que o rondam em seu local de moradia.

Como comprova por meio de suas experiências diárias que não dispõe dos recursos necessários para opor a força presente nas ações violentas criminais e policiais de forma ativa, resta ao indivíduo buscar se defender por meio da omissão.

Ao longo deste capítulo, buscaremos trazer à baila as nuances da sociabilidade violenta de Machado da Silva. Em um primeiro momento, explicitamos os pontos de maior relevo acerca do conceito da sociabilidade violenta e a forma como ela se processa no seio dos ambientes estudados pelo referido autor.

Em seguida, discutimos as importantes considerações expostas por Michel Misse sobre a elaboração do conceito da sociabilidade violenta. Apesar de reconhecer os seus méritos, segundo esse autor, existem algumas questões postas por Machado da Silva que carecem de aperfeiçoamento e detalhamento.

No item que segue, são traçadas as considerações feitas por Machado da Silva a respeito da representação da violência urbana no cenário atual dos centros urbanos brasileiros. Tal noção é uma espécie de categoria do senso comum, ou seja, uma construção desenvolvida entre a população geral em seu dia-a-dia nos centros urbanos brasileiros, que indica o complexo de práticas definidas como crime, a partir da força física presente em suas ações que ameaçam seu bem estar físico e seus bens materiais.

Este primeiro capítulo é fundamental para a compreensão de todo o argumento seguido ao longo deste texto, que a sociabilidade violenta não se processa integralmente, ainda que seja possível perceber alguns dos elementos citados por Machado da Silva.

1.1 SOCIABILIDADE VIOLENTA

Ao longo de sua trajetória, Luiz Antônio Machado da Silva direcionou considerável parcela de atenção para questões da sociologia urbana brasileira, com foco especial voltado para a vida nas favelas.

Dentre o conteúdo de sua produção, estão os estudos desenvolvidos sobre os diversos aspectos da violência urbana à luz do conceito de “sociabilidade violenta”. A obra “Vida sob cerco”, publicada no ano de 2008, expõe uma compilação dos resultados das pesquisas acerca do tema no Rio de Janeiro.

Ao investigar os efeitos causados as rotinas cotidianas das pessoas que vivem imersas em um ambiente constantemente ameaçado pela violência, Machado da Silva buscou captar as consequências que este processo acarreta na sociabilidade local, a partir da interpretação do ponto de vista dos moradores.

Para atingir o objetivo almejado nas pesquisas realizadas nas favelas cariocas, foram empreendidas ações direcionadas a captar os relatos diretamente de seus moradores. Tarefa que exigiu o rompimento do silêncio por meio de um espaço seguro onde pudesse haver um diálogo franco, que permitisse a revelação pelo morador de suas vivências diárias, sem a influência do temor causado pelo risco iminentemente fatal oferecido aos pelos agentes que os ameaçam em suas rotinas cotidianas (SILVA, 2008, p. 43).

Foram aliadas informações obtidas por meio de “coletivos de confiança”, dos quais participaram cerca de 150 informantes moradores de 45 diferentes favelas. Além das entrevistas em profundidade, foi realizada uma ampla pesquisa etnográfica para analisar sistematicamente as experiências sociais violentas. Assim, buscou-se entender os aspectos subjetivos da maneira como os moradores das

favelas vivenciam e enxergam a violência, bem como a forma como interpretam o seu significado (SILVA, 2008).

O resultado deste trabalho minucioso e complexo levou a descrição dos efeitos que a violência urbana causa sobre a vida dos moradores das regiões segregadas da cidade.

Para Machado da Silva (2008) a ameaça que a violência presente nas ações dos criminosos comuns e de policiais representa, tem acarretado na formação de um padrão específico de sociabilidade, no qual o princípio de organização é o recurso universal à força. Assim, na medida dos acontecimentos de suas experiências diárias, seriam selecionados aqueles atos bem sucedidos, que passaria então a representar o modelo que servirá de orientação para as condutas futuras.

Machado da Silva identifica na força física presente nas ações violentas uma característica peculiar que considera como a essência da sociabilidade violenta, que é a sua capacidade de orientar e estabelecer padrões de conduta.

Seu entendimento é o de que a força física presente na violência deixa de ser um instrumento exclusivamente votado para a obtenção de certo interesse, convertendo-se também em uma espécie de modelo de comportamento a ser adotado pelo indivíduo em suas rotinas cotidianas no espaço público (SILVA, 2004, p. 74).

Desta feita, Machado da Silva afirma que a sociabilidade violenta pode ser identificada no fato de a violência real ou esperada influenciar na organização da rotina do morador da favela e das regiões pobres dos centros urbanos brasileiros.

A sociabilidade violenta seria um produto desenvolvido a partir das experiências diárias que podem interromper as rotinas cotidianas dos indivíduos, ao passo que coordena uma série de condutas que representem redução da probabilidade de ser vitimada.

Dentre as consequências diretas da influência do temor causado pela percepção do risco iminente fatal oferecido pelos “portadores da violência

urbana”¹ (SILVA, 2008, p. 43), estão à aniquilação das redes de sociabilidade e o rearranjo de suas condutas, em função da expectativa de ações violentas tanto por parte dos grupos de criminosos quanto das ações policiais abusivas.

Ao dissolver os vínculos sociais que marcam as rotinas dos moradores, há a redução drástica da confiança mútua, o que interrompe a configuração de um padrão determinado de sociabilidade, tanto entre si quanto com os de fora da favela (Silva, 2008, p. 45).

Portanto, Machado da Silva revela que a violência deixa de ser encarada especificamente a partir de uma perspectiva que a define como um instrumento utilizado no intuito de alcançar certo interesse individual e imediatista. Além desta inegável característica, a violência é a responsável pela produção de certo modelo de conduta que o indivíduo assume em virtude do medo de ser vitimado pelos agentes que considera o expor a tal situação, exigindo de si o constante estado de alerta.

No entanto, este padrão de conduta que se baseia no recurso irrestrito a força como meio de relação social não se opõe a ordem “institucional-legal” vigente, apesar de contraditórios. Sendo essa uma das características mais relevantes da sociabilidade violenta.

Há, por parte do indivíduo que ocupa uma posição subalterna, o reconhecimento da existência dessas duas ordens sociais que se mantêm em uma situação de permanente coexistência, em um mesmo espaço territorial (Silva, 2008, p. 38). Embora antagonistas, não se verifica o conflito entre elas, pois a sociabilidade violenta é desprovida do interesse em derrubar a atual ordem social. A sociabilidade violenta não tem o condão de tornar a si própria um novo modelo de organização da sociedade.

A argumentação de Machado da Silva (2008) propõe a produção da sociabilidade violenta como uma inovadora forma de sociabilidade com arrimo essencialmente na violência.

¹Termo utilizado por Machado da Silva ao se referir aos supostos criminosos como componentes de uma camada dominante desta ordem social, pois entende haver uma distribuição de diferentes posições hierárquicas entre os agentes, enquanto que a população não portadora da sociabilidade violenta se encontra numa situação subalterna.

Seu conteúdo não se baseia na “alteridade e na intersubjetividade compartilhada, que revela um novo tipo de individualismo, e que não entra em conflito com, nem destrói, as outras formas de sociabilidade” (MISSE, p. 4). Ao passo que reduzem drasticamente a confiança mútua entre si por dissolver os vínculos sociais que marcam suas rotinas, interrompem a configuração de um padrão determinado de sociabilidade (SILVA, 2004, p. 78).

Tal fenômeno é descrito por Machado da Silva (2008) como produto da relação entre determinados elementos que foram identificados como presentes nas rotinas cotidianas das favelas do Rio de Janeiro. A somatória de tais elementos culmina na aniquilação das redes de sociabilidade e no rearranjo das condutas de seus habitantes, em função da expectativa de ações violentas tanto por parte de criminosos quanto de policiais.

O primeiro elemento é a convivência de duas ordens sociais distintas em um mesmo espaço territorial. Nos locais identificados como dominados por grupos armados ligados ao comércio de drogas ilícitas, sua vontade seria imposta mediante uso da força física presente na violência. No entanto, desprovida de qualquer intenção de se sobrepor à ordem social vigente (SILVA, 2004, p. 72).

Ao submeter os moradores a sua vontade, o sujeito que ocupa uma posição dominante dentro dessa ordem social possui interesse em garantir a manutenção desta situação. A partir da ocupação territorial armada, visa preservar os lucros que auferes especialmente os provenientes do comércio de drogas ilícitas. Portanto, sua ocupação não tem uma finalidade revolucionária de negar ou de substituir o padrão dos valores tradicionalmente postos, pelos seus próprios. Mas possui um cunho econômico de assegurar o lucro dos pontos de comércio do entorpecente.

O segundo ponto citado por Machado da Silva (2008) diz respeito à dominação militar do território por um grupo armado de indivíduos ligados ao comércio de drogas ilícitas, que defende o território sob sua influência a qualquer preço (MISSE, 2008, p. 383). Essa atitude acaba por culminar em reiterados confrontos entre o grupo dominante e outros grupos adversários ou contra a intervenção das instituições policiais.

Esses eventos insuscetíveis ao controle por parte do indivíduo comum, inviabiliza o normal andamento de suas rotinas cotidianas e, conseqüentemente, impede “o desfrute regular e continuado da liberdade elementar de ir e vir” (SILVA, 2008, p. 14).

Em razão da falta de meios para fixar sua residência em outra localidade, o indivíduo é obrigado a compartilhar o local de moradia e a seguir as determinações do grupo dominante que pune os desvios, principalmente com a execução do desviante. Assim, o ir e vir do morador da favela fica limitado em razão do medo provocado pela ameaça letal representada pelos sujeitos dominadores.

A terceira questão identificada como elemento percussor da produção da sociabilidade violenta é a atuação dos agentes policiais, que em sentido análogo aos grupos armados ligados ao tráfico, usa de métodos truculentos e arbitrários durante suas incursões, para a satisfação de seus objetivos.

A violência e a imprevisibilidade das operações policiais, associados ao padrão indiscriminado de suas ações bélicas, ultrapassam a limitação legal do emprego da força necessária à manutenção da ordem social. Essa situação seria percussora da reprodução da violência, uma vez que a missão que lhe é imposta pelo ordenamento jurídico prevê exatamente o contrario (SILVA; LEITE, 2007, p. 557).

A ineficácia da atuação policial e seu aparente desinteresse e preconceito com os moradores das favelas, somadas as denúncias de corrupção, corroboram para que a falta de confiança prevaleça na relação entre os agentes e o indivíduo.

A violência presente nas operações policiais é temida, especialmente porque por sua natureza súbita e eventual, reduz drasticamente o leque de possibilidades que o indivíduo possui para se esquivar. A ação truculenta, ilegal e arbitrária dos agentes do Estado durante a atuação da polícia é para o indivíduo que mora na favela “inapelável, incontrolável e imprevisível” (SILVA e LEITE, 2008, p. 71).

No caso desta, silêncio e omissão não tem utilidade como recursos defensivos. Nem são impostos explicita ou implicitamente pelos policiais, os quais sabem que estão lidando com uma população segregada e estigmatizada, de modo que não se esforçam por garantir a clandestinidade de sua atuação. (SILVA e LEITE, 2008, p. 70).

Esse cenário se agrava à medida que existe uma mentalidade que define os locais pobres e as manifestações oriundas dessas localidades como perigosas e criminosas. Tal situação tem ampliado discursos que exigem uma repressão cada vez mais rígida a fim de formar uma barreira que impeça os chamados “bandidos” de atuar em outros locais.

O ponto fundamental da sociabilidade violenta, segundo Machado da Silva (2008), ocorre como consequência das ações de grupos armados ligados ao comércio de drogas ilícitas e do assédio violento das instituições policiais, sobre uma população em situação de confinamento territorial. Logo, aqueles moradores que não tem envolvimento com os grupos ligados ao comércio de drogas ilícitas se sentem em perene estado de confinamento.

A atuação dos grupos armados ligados ao comércio de drogas ilícitas é interpretada como responsável pela generalização da violência em determinados espaços das cidades brasileiras. Entretanto, a relação entre tráfico e violência é o resultado da territorialização das atividades do comércio de droga observado nas regiões mais empobrecidas, especialmente nos centros urbanos (MISSE, 2008, p. 383).

Os constantes conflitos armados em virtude das disputas pelos pontos de venda entre os grupos de traficantes e contra a intervenção repressiva policial, demonstram a importância que a dimensão territorial ocupa no comércio de entorpecentes, “constituindo- se assim num ‘território’ do tráfico a ser defendido, a ferro e fogo, de outras redes de quadrilhas e das incursões da polícia” (MISSE, 2010, p. 20).

Nas regiões mais pobres da cidade que se observa a territorialização do tráfico, pois nas áreas nobres e de classe média o comércio de drogas ilícitas se processa em geral de maneira isolada, sem a companhia de um grupo ou uma gangue. Há um caráter pessoal e individual na relação entre o traficante “do asfalto” e o comprador, que dificulta o uso da violência como forma de retaliação (GRILLO, 2008, p. 35).

Sem a variável da territorialização, não há nexos que vincule as drogas ilícitas ao complexo de questões que envolvem a violência, que só se verifica

“quando o tráfico se territorializa e opera com jovens pobres, submetidos ao sistema da consignação de vendas e à relação de subordinação ao chefe da quadrilha” (MISSE, 2010, p. 20).

Ocupação territorial ostensiva pelo grupo que domina os pontos de venda de determinada região, visa resguardar sua hegemonia perante a ação de grupos rivais e a intervenção do aparelho policial. Fato este que abre margem para a confusão entre os locais específicos de venda de droga com o aglomerado urbano no qual se insere.

Apenas no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, tornou-se comum uma extensa territorialização do comércio de drogas. Esses territórios, operados por traficantes varejistas, são constituídos, no Rio, pelos pontos de venda nos morros (“bocas de fumo”), defendidos por “soldados” armados com fuzis, metralhadoras, granadas e até, em alguns casos, com armas antiaéreas, tudo isso em meio urbano, com alta densidade demográfica e constantes incursões policiais. Aos conflitos armados com a polícia, seguem-se os conflitos armados com outras quadrilhas, que tentam invadir e tomar o “território” do outro. (MISSE, 2008, p. 383).

Seja em razão da proximidade por questões de parentesco ou em virtude da moradia em um mesmo perímetro territorial, criou-se o mito de que os moradores das regiões mais pauperizadas da cidade seriam coniventes com o modo de vida dos agentes do comércio de drogas ilícitas (FRIDMAN, 2008, p. 84). A consequência dessa visão errônea é a formação de “um tecido social homogêneo que sustentaria uma subcultura desviante e perigosa” (SILVA e LEITE, 2007, p. 549).

A equivocada compreensão por parte dos indivíduos das classes média e alta em geral, sobre o envolvimento dos moradores dos locais da pobreza com ações criminosas, ou ainda, de sua atuação como cúmplices de criminosos leva os moradores das favelas a um esforço para realizar uma “limpeza simbólica”² (SILVA e LEITE, 2007, p. 574-575). Assim, a grande maioria dos moradores que não tem envolvimento com tal comércio empreende um esforço para provar ser “pessoa de bem” (MISSE, 2008, p. 381), a fim de conquistar a confiança do outro.

²A primeira se baseia na busca pelo afastamento material do mundo do crime, na medida em que se esmeram por demonstrar que norteiam suas condutas e sua vida, com base em modelos morais burgueses atualmente vigentes. A segunda forma é geralmente mais utilizada pelos moradores que possuem vínculo de parentesco, ou vizinhança, por exemplo, com determinada pessoa que seja reconhecida pelos demais moradores como envolvida em ações criminosas. Nesse caso, os moradores tendem a destacar alguma característica positiva que tem por objetivo, não justificar suas práticas, mas argumentar que apesar de reprovar seu modo de vida, a pessoa possui qualidades que superam este defeito aparente.

A construção da “pessoa de bem” se baseia num processo de limpeza moral que desvincule o indivíduo do estilo de vida peculiar ao dos traficantes de drogas.

Por meio da adoção de condutas ostensivamente contrárias as dos identificados como criminosos, o morador tem a intenção de deixar nítida a diferenciação entre quem possui envolvimento com atividades ilícitas, daqueles que buscam orientar suas condutas pelos padrões sociais e morais dominantes (SILVA, 2008, p. 20). Portanto, quem não está integrado aos grupos ligados ao comércio de drogas ilícitas, tende a se distanciar das ações que possibilitem lhe ser atribuído algum adjetivo, dentre os que entende representar em efetiva participação em atividades ligadas ao crime.

Descritos como responsáveis pela mudança de qualidade no ambiente das localidades pobres, os grupos de traficantes armados são acusados pelos demais moradores como responsáveis por tornar os locais violentos e perigosos, fazendo com que busquem se separar “como indica o uso frequente das categorias ‘nós’ *versus* ‘eles’ [ou ‘o cara’, ‘vagabundo’, ‘marginal’, etc.] e ‘lá’ [na ‘boca de fumo’] *versus* ‘aqui’ [na ‘comunidade’]” (SILVA e LEITE, 2007, p. 574).

Segundo Fridman (2008, p. 88), “a ‘ordem’ nas favelas compõe-se de um exercício de dominação em que os integrantes do tráfico dão a última palavra, se não a primeira, sobre o que é permitido nas atitudes e relações cotidianas”. Entretanto, apesar dessa ordem imposta, não há um padrão específico definido, o que desencadeia o sentimento de incertezas sobre os códigos de condutas cotidianas.

Essa situação de submissão do morador perante os grupos armados, dado ao isolamento e ao desamparo, promove o desenvolvimento de atitudes como “o silêncio e a obediência” (SILVA e LEITE, 2007, p. 574). Esses atos omissivos são elementos que compõem as táticas de defesa, que tem por finalidade reduzir a oportunidade de vitimização, pois não dispõe de outros recursos para se esquivar da violência.

Desamparado e sem ter a quem recorrer. Não lhe resta opção a não ser conviver em seu local de moradia com a ameaça constante e adaptar suas rotinas,

pautado na omissão. Seria esta a forma encontrada para manter certa normalidade ao andamento de seu cotidiano, pois são vistos pela polícia e pelos integrantes das demais áreas da cidade como “bandidos” ou “quase bandidos” (FRIDMAN, 2008, P. 78).

A sociabilidade violenta se desenvolve a partir das experiências diárias nesse cerco, cujos acontecimentos violentos podem subitamente interromper as rotinas cotidianas dos indivíduos.

O perene estado de alerta em razão da influência direta do temor que lhe causa a percepção do risco iminente fatal oferecido pelos agentes violentos leva o morador dessa localidade a organizar suas rotinas e a coordenar uma série de condutas a fim de reduzir a probabilidade de ser vitimado (SILVA, 2008, p. 43).

Assim, na medida dos acontecimentos de suas experiências diárias, seriam selecionados aqueles atos bem sucedidos em prevenir a ruptura do normal andamento de suas rotinas cotidianas, que passaria então a representar o modelo que servirá de orientação para as condutas futuras.

A percepção da exposição à ameaça pelo indivíduo o leva a desenvolver uma estratégia, com a intenção de oferecer alguma resistência às ações que identifica como ofensivas a sua integridade física e patrimonial. Estratégia essa que culmina em uma mudança compulsória de comportamento, que por sua vez resulta da elaboração de um intuitivo complexo de práticas e não de ações isoladas. Situação que provoca uma interferência nas interações sociais cotidianas, ao passo que as articula (FRIDMAN, 2008, p. 80).

Sem ter a quem recorrer os moradores com limitação de recursos para impor uma defesa eficiente, frente às ameaças presentes nas ações violentas, são obrigados a conviver nesse ambiente perigoso e imprevisível.

Os moradores das cidades brasileiras, em especial os que habitam as favelas e bairros pobres, sofrem com impactos causados pelas práticas truculentas e ilegais dos indivíduos armados envolvidos com o tráfico e por policiais, mas também pela invisibilidade e pelo esquecimento (FRIDMAN, 2008, p. 78 – 79).

A conhecida “lei do silêncio” parece ser mais perniciosa do que normalmente se imagina: não se trata apenas do fechamento para os “de

fora” das populações mais diretamente afetadas pela sociabilidade violenta, mas da incomunicabilidade entre seus próprios membros produzida pelo medo e pela desconfiança. Esta talvez seja a consequência mais perversa da implantação da sociabilidade violenta como ordem instituída. As populações que ela submete continuam, de certa maneira, a viver sua vida “normal”, organizadas como subalternas que são à ordem estatal, mas sob a condição de serem impedidas de se apropriarem coletivamente da “outra parte” desta mesma normalidade cindida. (SILVA, 2004, p. 78).

A sociabilidade violenta afeta as interações sociais e a comunicação dos moradores dos bairros pobres entre si e com os de outras localidades (FARIAS, 2008, p. 188). Sua legitimidade como interlocutor no debate público fica prejudicado, em razão de estereótipos sobre as classes perigosas, por uma errônea generalização que criminaliza toda a população dos bairros pobres, limitando as discussões sobre uma possível solução que definitivamente ponha fim a problemas que se arrastam ao longo da história (SILVA, 2008, p. 45).

A conseqüente falta de confiança faz com que o indivíduo tenha medo de revelar seus problemas da vida cotidiana, pois uma atitude mal interpretada ou mal calculada pode atrair reações violentas tanto por parte dos policiais como por parte dos criminosos, caso uma das regras de conduta impostas – que podem ser subitamente alteradas - seja violada.

O ponto central da teoria da sociabilidade violenta é a violência como meio de interação social, que não enseja ser descartado de consideração ao se estudar o fenômeno da violência em ambiente urbano.

Contudo, a violência vem assumindo formas e representações que se assemelha em determinado ponto, por mais distintos que se apresentem as variáveis que cercam a ocorrência desse fenômeno.

O fenômeno da violência se manifesta por meio do emprego da força por determinado sujeito na busca de fazer prevalecer seu interesse em detrimento à vontade de outro sujeito (SILVA, 2004, p. 57). É assim um produto da interação entre indivíduos com interesses conflitantes, que buscam impor sua vontade por meio das diversas formas pelas quais a violência se manifesta – física, simbólica, psicológica, etc.

Motivados por diversos interesses, os indivíduos interagem e essa interação possibilita que determinado aglomerado de pessoas receba a

denominação de sociedade. Mas nem sempre os motivos que provocam a interação entre os indivíduos os levam a uma relação cooperativa, como no caso em que a violência se manifesta como produto de suas relações sociais.

Muitas das interações que ocorrem entre indivíduos provêm do choque entre seus interesses, onde ocupando pólos opostos nessa relação, cada qual busca saciar suas pretensões em detrimento da vontade do outro. Uma dessas formas de conflito pode ocorrer fora do plano físico, no mundo das ideias, seja por meio de debates orais ou em um processo judicial, por exemplo.

Ao deixar o universo abstrato e tomando o mundo físico por arena, o conflito tende a ser resolvido mediante uma competição em que a força determinará qual indivíduo terá sua pretensão saciada. Isso demonstra que quando se interage mediante processos violentos, o sujeito passivo é transformado em coisa, em uma não pessoa (CHAUÍ, 1980, p.1). Trata-se de um processo em que o sujeito ativo desconsidera o outro como pessoa, pois não enxerga o indivíduo como uma entidade portadora de direitos e deveres perante aos demais integrantes do corpo social.

Conforme iremos abordar ao longo deste texto, acreditamos ser possível que a sociabilidade violenta se processe, apesar de não se evidenciar em sua integralidade de elementos. A depender do contexto que se analisa, esse fenômeno pode ocorrer em outras regiões urbanas das cidades brasileiras.

Segundo Machado da Silva, a noção da violência urbana é um dos elementos chave para se compreender a sociabilidade violenta, pois se trata de uma categoria elaborada pelo senso comum. Ela indica um complexo de práticas definidas como crime, que possuem a força física que ameaça sua integridade física e seus bens. Tal representação está no núcleo do conceito da sociabilidade violenta.

Essa representação é elaborada de acordo com o contexto social no qual determinado grupo de indivíduos está inserido. No item a seguir, iremos expor a visão de Machado da Silva acerca da noção de violência urbana, bem como sua forma e conteúdo.

1.2 REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA URBANA

Os constantes os confrontos entre os grupos armados ligados ao comércio de drogas ilícitas, com as instituições policiais e com grupos rivais, nas favelas e nos bairros pobres das cidades brasileiras, fazem com que seus moradores convivam diariamente com a violência.

Suas vidas cotidianas são constantemente ameaçadas pelo risco em potencial que tais eventos representam, verificadas a partir da força física presente nessas ações identificadas como situações elementares de violência urbana.

Com a finalidade de assegurar a preservação de sua integridade física e patrimonial, o indivíduo elabora uma espécie de estratégia intuitiva de defesa, por meio da elaboração de um padrão de conduta. Esse padrão de conduta lhe servirá de orientação na organização de suas ações cotidianas, contribuindo para minimizar suas chances de vitimização.

Esta afirmação reforça o entendimento de que a força física presente na violência detém dentre suas características a de nortear as condutas das pessoas. Isso se deve ao fato de que elas buscam se desviar da ameaça iminente fatal, que verificam como um de seus efeitos. Logo, a violência deixa de ser apreendida apenas como um instrumento exclusivamente voltado ao alcance de certo interesse individual.

Apesar de variar de acordo com o contexto analisado, a noção de violência urbana é produto da constante exposição a situações violentas, concretas ou esperadas. É uma representação social que compreende o ponto central da compreensão e dos debates sobre as condições dos locais de moradia da população, identificada a partir da força física presente nas ações que ameaçam romper o fluxo contínuo das rotinas cotidianas do indivíduo (SILVA e LEITE, 2008, p. 554).

As situações de violência, que colocam em risco a segurança dos bens essenciais à existência individual, têm o poder de interferir diretamente no andamento regular de suas rotinas diárias ao estimular o desenvolvimento de um padrão autônomo de sociabilidade (SILVA, 2004, p. 57).

Para Machado da Silva (2008, p. 41), “a característica central da representação da ‘violência urbana’ é captar e expressar uma ordem social, mais do que um conjunto de comportamentos intersticiais, isolados uns dos outros e sem continuidade no tempo”.

A violência urbana é uma representação. O que se chama de violência urbana é uma representação de práticas (saques à propriedade privada e ameaças à integridade física) e de modelos de conduta subjetivamente justificados; (...) É uma construção simbólica que ‘constitui o que descreve’. Logo, a violência urbana é um objeto, jamais um conceito. (MISSE, 1999a, p. 1).

Assim, elaboração de um complexo de práticas pautadas na noção de violência urbana, que possui por característica “captar e expressar uma ordem social” (SILVA, 2004, p. 57), decorre da ameaça verificada pelo indivíduo nas ações dos criminosos comuns e de policiais. Dentre seus efeitos, há a formação de um padrão específico de sociabilidade que possui como princípio nuclear de organização a utilização deliberada da força.

Construída com base nas experiências cotidianas, “a violência urbana como representação, do ponto de vista dos atores, tem um significado singular, que a distingue nitidamente de outras representações da violência em geral” (MISSE, 1999^a, P. 2), que possibilita ao indivíduo adotar aquelas condutas que entende reduzir a probabilidade de que se torne uma vítima.

O termo violência urbana, portanto, designa uma construção simbólica que descreve uma série situações que põe em risco a integridade física e patrimonial dos indivíduos. A partir da percepção do risco a que está exposto, é possível ao indivíduo nortear suas condutas de maneira a reduzir a possibilidade de ser a próxima vítima.

Por outro lado, enquanto representação, a violência urbana tende a ser tomada como um caso particular da violência em geral (outra representação) e assim reduzida a um espaço homogêneo de práticas e de modelos de conduta ao longo do qual se distribuem seus vários tipos. (MISSE, 1999^a, P. 1-2).

Mais do que uma mera descrição inerte, a violência urbana leva a compreender e identificar relações de fato ao mesmo tempo em que aponta para o modo mais apropriado de se conduzir as ações. Violência urbana contém uma espécie de “dimensão prático-normativa institucionalizada” (SILVA, 2004, P. 58), no

sentido de que ao mesmo tempo em que identifica relações de fato, indica aos agentes certos padrões de conduta a serem seguidos.

Em outros termos, a representação da violência urbana é a responsável pela elaboração de um componente de “obrigação normativa subjetivamente aceita que, em certas situações e em determinadas condições, substitui cursos de ação relativos a outras referências sem, entretanto cancelá-las” (SILVA, 2004, p. 58).

Com o passar dos tempos à representação da violência se transformou e se adaptou as novas realidades, em razão das alterações ocorridas pela emergência de novos contextos sociais, econômicos e políticos (SOARES, 2014, p. 187).

Atualmente, a violência urbana é uma representação que aponta para determinadas práticas e modelos de conduta. Significa dizer que este termo é uma construção simbólica, entendida pelos demais integrantes do grupo de pessoas, pois constitui o que descreve. Pois conforme já citado acima, “a violência urbana é um objeto, jamais um conceito” (MISSE, 1999a, p. 1).

Entender a violência urbana como uma produção que orienta e exemplifica formas sistematizadas de agir, dentro de certos padrões preestabelecidos, expressa “uma forma de vida constituída pelo uso da força como princípio organizador das relações sociais, cuja consequência provoca o sentimento de que sua generalização e desconcentração são legítimas” (SILVA, 2004, p. 59). Esse fato expõe a percepção de que a violência é algo normal, um elemento intrínseco a realidade vivenciada por todos os indivíduos pertencentes à sociedade.

É a partir da representação da violência urbana que Machado da Silva propõe uma nova perspectiva para se analisar o cenário atual dos centros urbanos brasileiros.

A atuação violenta dos indivíduos vistos como criminosos e dos agentes do Estado periclitam a integridade física e o patrimônio material do indivíduo (SILVA, 2008, p. 20), em razão da arbitrariedade e da truculência que empregam em suas abordagens.

Esta ameaça tem sido difundida a partir da noção de violência urbana, expressão que é utilizada no cotidiano das cidades brasileiras para descrever e

organizar o sentido das práticas do que legalmente é definido por crime comum violento e suas vítimas atuais ou potenciais (SILVA, 2004, p.57).

Termo utilizado pelos moradores das cidades brasileiras em geral, para articular parte da compreensão e dos debates sobre a situação atual de seus locais de moradia, também vem sendo utilizada como parâmetro para avaliações morais de certas condutas e para explicar fenômenos da vida cotidiana dos meios urbanos brasileiros.

É assim uma “representação que seleciona e indica um complexo de práticas que oferecem ameaça a dois direitos fundamentais do indivíduo, a integridade física e a garantia patrimonial” (SILVA, 2004, p. 57), os quais se encontram umbilicalmente relacionados ao sentimento de segurança existencial que o acompanha em sua vida cotidiana.

Neste sentido, violência urbana é uma representação coletiva, uma categoria do entendimento de senso comum que consolida e confere sentido à experiência vivida nas cidades, bem como orienta instrumental e moralmente os cursos de ação que os moradores – como indivíduos isolados ou em ações coletivas – consideram convenientes nas diversas situações em que atuam. (SILVA, 2008, p. 35).

A violência urbana é representada como um sujeito social que envolve um conjunto de práticas de violência que se expande pelo tecido social em função de alguma razão social, macrosociológica, e não mais exclusivamente individual. A violência urbana aparece sempre como um fantasma, um sujeito social antissocial. (MISSE, 1999b, p.84).

O indivíduo verifica na violência urbana uma representação, que lhe oportuniza elaborar uma série de medidas que entende mais adequada na condução de suas rotinas cotidianas, a fim de evitar os incômodos causados pela ameaça a sua integridade física e patrimonial. Assim, a noção de violência urbana descreve não só o roteiro e os agentes ameaçadores, mas também se revela uma orientação para a adoção de práticas diante dos fatos que se apresentam como eminente potencial de vitimização.

Apesar de toda essa argumentação sobre a sociabilidade violenta proposta por Machado da Silva, esta construção não ocupa uma lugar que a torne insuscetível a críticas. Algumas questões, segundo Michel Misse (1999a) destaca,

carecem de uma melhor explicação e desenvolvimento. Tais questões e as demais ponderações deste autor serão expostas com mais detalhes no item a seguir.

1.3 CRÍTICA A SOCIABILIDADE VIOLENTA

Apesar de reconhecer o argumento da sociabilidade violenta como uma refinada e ousada construção, Michel Misse (1999a) revela uma análise crítica que detalha as questões que entende como carentes de aperfeiçoamento. Inicialmente, Misse considera questionável a construção do conceito de sociabilidade violenta como uma tendência nova e permanente.

Para este ponto em específico do conceito da sociabilidade violenta de Machado da Silva (2004), Misse sugere que seria mais coerente indicar a ocorrência de uma acumulação social da violência, pois “sua expansão precisa ser alimentada não apenas ao nível do consumo individual e do poder pessoal, mas por formas de dominação que estabilizem sua reprodução” (1999a, p. 6).

Assim, Misse discorre que “se a hipótese quer enfatizar exatamente o seu caráter invertebrado, hobbesiano” (MISSE, 1999a, p. 6), a noção de sociabilidade seria diminuída a uma espécie de reciprocidade violenta. Desta feita, a fim de manter sua posição quanto ao conceito da sociabilidade violenta, seria necessária uma reconstrução do poder de Weber que se oponha a dominação, haja vista que este autor assevera que “a autoridade puramente violenta é instável, de curto prazo e não-legítima” (MISSE, 1999a, p. 6). Logo, não teria as condições mínimas para se estabelecer como uma ordem social, conforme denota a sociabilidade violenta.

A pertinência de tal crítica se deve a construção do conceito da sociabilidade violenta, que não revela com a devida clareza qual a unidade que foi submetida à análise e que deu origem a sua elaboração conceitual.

Misse entende que “uma sociabilidade em que a unidade de análise nega a sua alteridade não poderia se constituir como sociabilidade, mas como a-sociabilidade, se a unidade de análise for o indivíduo” (MISSE, 1999a, p. 6). Isso porque, segundo este autor, “as relações de força e enfrentamento, como sempre

defendeu Weber e também Foucault, são constitutivas de qualquer forma de sociabilidade, mas não lhe são idênticas” (MISSE, 1999a, p. 6).

Outro ponto atacado pela crítica de Misse (1999a), diz respeito à falta de precisão quanto à explicação de qual seria a origem da sociabilidade violenta, uma vez que em sua construção há a omissão quanto os motivos que a levaram ao ponto em que o conceito sugere ter chegado.

Segundo seu entendimento, a insistente presença nas argumentações de Machado da Silva sobre a sociabilidade violenta como uma novidade emergente é insustentável, pois os elementos citados por este não possuem nada de novo, uma vez que são encontrados como “modos legítimos de se operar o poder em muitas conjunturas de diferentes tipos de formações pré-capitalistas, bem como nos interstícios da moderna organização social” (MISSE, 1999a, p. 5).

Conforme expõe Misse em suas assertivas, para tornar possível o entendimento de que a sociabilidade violenta é algo completamente novo, segundo a elaboração de Machado da Silva, é imprescindível à indicação do exato momento e da forma na qual se pode considerar o seu surgimento.

A novidade, então, não é qualitativa senão após ser quantitativa: trata-se de uma sociabilidade em expansão, não-intersticial e, portanto, tendencialmente não-contígua (senão provisoriamente), pois seria inexplicável sua expansão sem que sua reprodução não estivesse vinculada, de algum modo, à apropriação econômica adequada a relações sociais de produção também emergentes. (MISSE, 1999a, p. 6).

Do mesmo modo que aponta de maneira crítica para a argumentação de que a sociabilidade violenta é algo realmente novo, a vigência de duas ordens sociais legítimas convivendo e um mesmo espaço territorial não trás consigo novidade alguma. Segundo Misse, apesar de ver como algo fecundo, este ponto “remonta a velha ideia da convivência entre o Brasil leal e o Brasil real” (MISSE, 1999a, p. 7), ideia já explorada anteriormente.

Assim, Misse pontua que a opção de Machado da Silva por uma abordagem estritamente sociológica do assunto atenta “mais para os processos sociais de diferenciação, legitimação e acomodação” do que para “a convivência de conteúdos culturais contraditórios” (Misse, 1999a, p. 7). Em sua consideração acerca deste tópico, revela que seria uma perspectiva mais conveniente promover uma abordagem sobre as “questões da inormalidade, no âmbito econômico da

sociabilidade, e sobre as questões da (in)civilidade, no âmbito sócio-político da sociabilidade” (Misse, 1999a, p. 7).

Ao questionar as origens da sociabilidade violenta, Misse descreve que a ênfase de Machado da Silva “é a emergência de fenômenos que dizem respeito a uma forma de vida social organizada, isto é, a um complexo de condutas para cuja formação a ordem pública não entra como referência” (MISSE, 1999a, p. 9).

Destarte, Misse prossegue ao defender que a ideia de um complexo de condutas desenvolvidas a partir da violência criaria um novo padrão de sociabilidade é falha, ao passo que destaca que seria plausível “falar mais em acumulação social da violência na sociabilidade do que em expansão de uma sociabilidade nova, violenta” (MISSE, 1999a, p. 10).

Quanto ao argumento da acumulação social da violência, seria esse o “conjunto de práticas e agentes representados como um perigo social, cujo aumento constante é atribuído a uma série de causas sociais cujos efeitos retornavam como causas reiteradas de mais violência” (MISSE, 1999b, P. 84).

Na representação social, essa acumulação social da violência é medida pelo volume de mortes, de lutas e agressões, de roubos, assaltos e sequestros, pela insegurança em deixar uma filha andar à noite em seu próprio bairro, em deixar uma casa fechada, um apartamento num prédio sem porteiro, um veículo estacionado na rua. Os agentes dessa acumulação são representados, principalmente, como bandidos, marginais, vagabundos, traficantes. Mas também são acusados, principalmente nas áreas urbanas pobres, a polícia (especialmente a Polícia Militar), e os alcaguetes ou delatores. (MISSE, 1999b, P. 84).

Essa acumulação social, segundo Misse, designa um complexo de fatores que interagem e se misturam de maneira que qualquer tentativa de analisá-los separadamente “conduz, às vezes, a resultados superficiais ou tautológicos” (MISSE, 2008, p. 9).

Esse complexo de fatores cumulativos se retroalimenta a partir de processos de criminalização, criminação e incriminação: criminalização é a previsão típico-ideal positivado em norma penal; criminação é o processo de interpretação que considera dado evento como crime; já a incriminação é a busca da identificação da autoria do evento crime (MISSE, 2008, p. 379).

Teoricamente, por uma questão de lógica, a ordem racional do processo de incriminação deveria seguir a ordem cronológica mencionada, que deveria partir da criminalização a incriminação.

Quando há a antecipação da incriminação de dado evento, o foco é deslocado do evento interpretado como crime para o sujeito da ação, ou seja, as atenções se desviam do crime para o suposto criminoso que “cria a possibilidade de que um sujeito torne-se identificado com o ‘crime em geral’, e que ele (e suas extensões como tipo social) torne-se assujeitado ao ‘crime’ que ainda não ocorreu” (MISSE, 2008, p. 380).

A identificação de certos tipos de indivíduos com suposta afinidade para a realização das práticas previstas como crime é o desdobramento do que Misse (2008) identificou como uma “acumulação social da violência”.

O que é visto como criminoso, neste caso, não corresponde especificamente ao indivíduo que infringiu uma lei de cunho criminal, tão pouco descreve a situação temporária de certo indivíduo que foi considerado culpado após conclusão de processo judicial criminal pela autoria de fato tipificado como crime.

Mas é o indivíduo que possui as características dos tipos sociais, demarcados como dotados de certa afinidade com práticas criminais, que geralmente causam maior ameaça à segurança das pessoas em suas rotinas cotidianas. Tal situação ocorre, pois “seus crimes os diferenciam de todos os outros autores de crime, não são apenas criminosos; são ‘marginais’, ‘violentos’, ‘bandidos’” (MISSE, 2010, p.18).

Os termos criminoso e bandido são empregados para descrever o indivíduo “cuja morte ou desaparecimento podem ser amplamente desejados” (MISSE, 2010, p.17). Ao indivíduo rotulado como criminoso ou bandido são incorporados os mais repulsivos adjetivos e lhes são direcionados, às vezes de maneira explícita, o desejo de que suas ações lhe sejam retribuídas com duras e rigorosas penas, inclusive, mediante emprego de castigos físicos extremos e a cassação de seu direito a vida.

É como se alguns fatores sociais se alimentassem reciprocamente em algo como uma causação circular acumulativa, gerando, de um lado, acumulação de desvantagens para um segmento da população e, de outro, estratégias

aquisitivas partilhadas tanto por agentes criminais quanto por agentes encarregados de reprimi-los, de um modo que ganhou diferentes graus de legitimação em importantes camadas da sociedade mais abrangente. Além da associação entre acumulação de desvantagens e incriminação preventiva de certos “tipos sociais”, desenvolveu-se um persistente processo de “sujeição criminal” de uma parcela de agentes de práticas criminais. Tal dinâmica terminou por constituir algo como uma “cultura” associada a esses sujeitos. (MISSE, 2010, p. 18).

Para se compreender a dimensão do conceito de sujeição criminal, é preciso compreender que o surgimento de grupos de extermínio no passado, materializou a justificação da eliminação física de quem comete crime, mesmo quando o perigo que oferece não tem a capacidade de justificá-la.

A permanência ao longo do tempo da atuação de diversos grupos de extermínio e a confusão moral de praticar crimes para “justificadamente” punir crimes, demonstram que se buscou alguma forma de ambientação social para legitimar sua atuação (MISSE, 2010, p. 19).

Os crimes cometidos de forma costumeira são apontados como conteúdo intrínseco ao criminoso comum, como expressão do seu mau-caráter e de sua subjetividade essencialmente criminosa, impassível de ser recuperada, portanto, justificada a sua eliminação definitiva.

O processo de sujeição criminal toma nova dimensão com a emergência do varejo de drogas ilícitas como novo e lucrativo mercado de trabalho ilegal. Assim, uma vez verificado o fenômeno da territorialização dos grupos que controlam tal mercado, e a conseqüente confusão entre a área dos pontos de venda com o aglomerado urbano do qual faz parte, foi se constituindo uma dimensão espacial da sujeição criminal, por ser defendido a “ferro e fogo” da intervenção de outras quadrilhas e das incursões da polícia (MISSE, 2010, p. 20).

Também por isso podemos considerar que a sujeição criminal é um processo de criminalização de sujeitos, e não de cursos de ação. Trata-se de um sujeito que “carrega” o crime em sua própria alma; não é alguém que comete crimes, mas que sempre cometerá crimes, um bandido, um sujeito perigoso, um sujeito irrecuperável, alguém que se pode desejar naturalmente que morra, que pode ser morto, que seja matável. No limite da sujeição criminal, o sujeito criminoso é aquele que pode ser morto (MISSE, 2010, p. 21).

Na sujeição criminal (MISSE, 2010, p. 23), a auto-imagem do indivíduo se amolda substancialmente de acordo com a imagem de desviante que os demais indivíduos detêm dele, por meio de processo semelhante ao descrito por Becker

(2008), como um tipo de *status* negativo que se atribui ao desviante definido como rótulo (*label*), e ao que Goffman (2008) denominou de “estigma”, como reflexo da deterioração da imagem do sujeito perante o corpo social.

No entanto, os efeitos da sujeição criminal são potencializados sobremaneira, em virtude das características presentes na sociedade brasileira contemporânea, marcada por extrema “desigualdade social, forte privação relativa de recursos de resistência (ou ocultação social) à estigmatização e pela dominação (mais que apenas pelo predomínio) da identidade degradada sobre todos os demais papéis sociais do indivíduo” (MISSE, 2008, p. 23).

Bandido ou criminoso é um rótulo dispensado ao indivíduo em razão de suas características pessoais, restando “poucos espaços para negociar, manipular ou abandonar a identidade pública estigmatizada” (MISSE, 2008, p. 24). Assim, o pressuposto que define quem será definido pelo de rótulo criminoso ou bandido, não depende exclusivamente de autoria de fato previsto como crime, mas de um complexo sistema onde o principal fator determinante é o perfil do sujeito.

Sua construção no seio da sociedade brasileira decorre de um processo de sujeição criminal, que “engloba processos de rotulação, estigmatização e tipificação numa única identidade social, especificamente ligada ao processo de incriminação e não como um caso particular de desvio” (MISSE, 2008, p. 24).

Não encontro explicação melhor para isso que não seja o efeito perverso da sujeição criminal, que criou a desconfiança generalizada, entre traficantes e ladrões – a clientela principal das prisões brasileiras – de que “bandido bom é bandido morto”. A acumulação social da violência continua no Rio de Janeiro, com a migração de parte dos jovens traficantes para o assalto a pedestres, ônibus e carros, e com o aparecimento de uma nova modalidade de “esquadrão da morte”, grupos de policiais militares que impõem a oferta de proteção em favelas e conjuntos habitacionais pobres, com a promessa de matar os bandidos locais, em troca do pagamento regular de uma mensalidade. (MISSE, 2008, p. 283).

Nesse contexto, Misse relaciona a “sujeição criminal aos mercados ilegais nas áreas de pobreza urbana, às mercadorias políticas e à violenta repressão policial, para compreender a acumulação social da violência no Rio de Janeiro” (MISSE, 2008, p. 384). Assim, expõe que a desconfiança generalizada que vigora entre os moradores das regiões mais pauperizadas dos centros urbanos brasileiros, seria uma das facetas da acumulação social da violência mediante o desenvolvimento desse processo de sujeição criminal.

Ademais, Misse assevera que ao se estudar as causas e efeitos da violência, deve se tomar o cuidado para as questões específicas do objeto. Para este autor, “a violência em Belo Horizonte, Salvador, Belém e mesmo em Vitória, Recife e Porto Alegre é mais localizada e comparável a metrópoles de outros países” (MISSE, 1999^a, p. 10). Em razão da complexidade de se estudar um fenômeno multidimensional como é a violência, os resultados das pesquisas realizadas no Rio de Janeiro revelam as especificidades de ocorrência em seu contexto, estritamente.

Portanto, conceitos elaborados com base em pesquisas realizadas no seio das relações sociais dos moradores das favelas cariocas, direcionam seus resultados a compreensão do fenômeno da violência exclusivamente a esse caso, em razão de um emaranhado de questões sociais, históricas e culturais (MISSE, 1999a, p. 11).

Todavia, o próprio Michel Misse em sua crítica expõe que questões como o “recurso universal a violência, subjugação pela força como princípio rotineiro, colaboração inter-individual estritamente técnica e provisória, rompimento com toda a alteridade” (MISSE, 1999a, p. 5) etc., são elementos presentes em diversas formas da manifestação do poder, já observados anteriormente.

Portanto, parece plenamente possível que as consequências da sociabilidade violenta possa se manifestar de formas semelhantes às observadas por Machado da Silva em outras localidades, não se limitando ao caso das favelas cariocas, desde que acometidas por variáveis idênticas como a “negação do outro como igual” em razão de sua redução a “condição de objeto”, “fragmentação dos processos de identificação” e a “insolvência do outro generalizado” enquanto princípios regentes da vida social (MISSE, 1999a, p. 5).

Após promover o debate a respeito da base teórica que norteou nossa pesquisa, cujos resultados são aqui apresentados, o capítulo a seguir busca descrever os procedimentos metodológicos que empregamos durante sua execução.

2 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo se destina a expor os procedimentos metodológicos adotados durante a realização desta pesquisa, que se dedicou em verificar a pertinência da afirmação de que há entre os moradores de Boa Vista o desenvolvimento de uma sociabilidade violenta.

O marco referencial tomado para a realização deste estudo são as pesquisas realizadas nas favelas do Rio de Janeiro, cujos resultados compõem a obra “Vida Sob Cerco”, de 2008, organizada por Luiz Antônio Machado da Silva.

O problema de pesquisa é a violência real ou esperada, que supostamente marcariam parte das rotinas cotidianas dos moradores de Boa Vista, como a causa do abalo da organização de suas rotinas cotidianas e dos laços afetivos que caracterizam as relações sociais entre si.

Assim, nosso objetivo foi verificar em que medida é possível afirmar que a violência urbana representa uma orientação para as condutas e relações sociais cotidianas experimentadas pelos moradores de Boa Vista, Vila Velha – ES. Nossa hipótese é a de que há a produção de um padrão de sociabilidade violenta, nos moldes dos apontamentos de Machado da Silva (2004).

Fixada a referência que serviria de norte para nosso estudo, houve a necessidade de moldar os procedimentos metodológicos ao contexto desta pesquisa. Assim, seus aspectos e suas peculiaridades tanto em relação ao objeto de pesquisa quanto aos recursos que nos estavam disponíveis para sua execução, tiveram de ser levados em conta. Essa adaptação nos proporcionou aperfeiçoar a coleta de dados e contribuiu para garantir resultados satisfatórios em sua análise.

Para a realização da análise proposta pela presente pesquisa, definimos o recorte geográfico em uma região do Município de Vila Velha/ES, composta por três bairros³: Vista da Penha, Boa Vista I e Boa Vista II.

³Lei Municipal Nº 4.707, de 10 de setembro de 2008, que dispõe sobre a institucionalização dos bairros nas Regiões Administrativas, os limites e a denominação dos mesmos e os critérios para organização e criação de bairros, no perímetro urbano do Município.

Essa região foi marcada pela ocupação urbana precária no início dos anos 1970 e recentemente vem sofrendo uma série de consideráveis intervenções urbanas⁴, especificamente nas avenidas que definem os limites administrativos de seu entorno. As avenidas e calçadas receberam um tratamento que melhoraram substancialmente o tráfego de pessoas e veículos. A sinalização de trânsito e a iluminação pública também receberam especial atenção.

Além de todos esses impactos advindos pelas recentes e consideráveis mudanças em suas características urbanísticas, está presente nessa região há quatro décadas, a maior universidade privada do Estado do Espírito Santo. Que dada às obras realizadas em suas vias de acesso, também tratou de aperfeiçoar alguns pontos que compõem as edificações de sua propriedade.

Tudo isso contribuiu para converter uma região anteriormente periférica, marcada pela constante e exaustiva exploração por parte dos meios de comunicação sensacionalistas de cunho policiaisco (BOURDIEU, 1997, p. 25), em uma região movimentada e muito procurada por determinada parcela da população residente em outras regiões.

Optamos por realizar nossa coleta de dados por meio de instrumentais de pesquisa semelhantes aos que foram utilizados por Machado da Silva (2008). Assim, optamos por não inovar quanto aos procedimentos a serem adotados, mas tão somente a moldá-lo ao objeto estudado, o que não excluiu a realização de uma análise crítica quanto a sua aplicação ao contexto de suas especificidades durante sua execução.

Portanto, nossas etapas metodológicas seguiram uma rota já consolidada, mas nem por isso menos polêmica em razão dos debates que existem acerca de sua aplicação.

O ponto de partida foi realizar uma pesquisa bibliográfica, sobre temas como violência, segurança pública, criminalidade, segregação socioespacial, dentre outras que guardavam relação direta ou indireta com a pesquisa. Essa revisão teórica foi fundamental para nortear todas as ações seguintes, pois a partir dela que os demais procedimentos metodológicos foram definidos.

⁴ Restauração e melhoria paisagística de ruas e avenidas, construção de um luxuoso shopping, da sede do Ministério Público Estadual no município e do Fórum Municipal.

Feitas estas considerações introdutórias, nos itens a seguir pormenorizamos cada uma das etapas que compreenderam a presente pesquisa. Desenvolvida por meio de procedimentos metodológicos tradicionais em ciências humanas, almejamos garantir o devido rigor metodológico intrínseco a qualquer produção de caráter científico.

2.1 TRABALHO DE CAMPO

2.1.1 Recorte Geográfico

Vila Velha é o município mais antigo do Estado do Espírito Santo, integra a Região Metropolitana da Grande Vitória (LIRA, 2014) com população em 2015 estimada em 472.762 habitantes pelo IBGE (2010). Entre os anos de 2008 e 2010, registrou uma média de 55,6 mortes por arma de fogo por 100.000 mil habitantes (WAISELFISZ, 2014).

Apesar da importante posição que ocupa no cenário político, econômico e cultural no contexto estadual, verifica-se reduzida a produção científica voltada a analisar o fenômeno da violência.

A localidade descrita como Boa Vista para fins desta pesquisa, engloba um aglomerado urbano composto por três bairros localizados na Região Administrativa I do Município de Vila Velha⁵, situado no Estado do Espírito Santo.

Os três bairros pesquisados são Boa Vista I, Boa Vista II e Vista da Penha, com população total estimada em 3.143, 3.515 e 1.199, respectivamente, compostos majoritariamente pela classe média⁶, conforme informações da Secretaria Municipal de Planejamento Orçamento e Gestão, da Prefeitura Municipal de Vila Velha (2013).

5 O Município de Vila Velha é constituído por 05 (cinco) regiões administrativas, conforme Lei Municipal Nº 4.707, de 10 de setembro de 2008, que dispõe sobre a institucionalização dos bairros nas Regiões Administrativas, os limites e a denominação dos mesmos e os critérios para organização e criação de bairros, no perímetro urbano do Município.

6 Segundo Neri (2008, p. 21) a estratificação das classes sociais no Brasil são aferidas em razão de seu potencial de consumo, sendo a classe média considerada como classe C. Em termos de renda per capita mensal, a classe C compreende a faixa entre R\$ 214,00 a R\$ 923,00 (2008, p. 26). Conforme consta da publicação feita pela Secretária Municipal de Planejamento Orçamento e Gestão de Vila Velha, intitulada de Perfil Socioeconômico por Bairros (2013, p. 20), o valor nominal médio da renda das pessoas com mais de 10 (dez) anos e com rendimento no ano de 2010, foram os seguintes: Boa Vista I R\$ 899,30; Boa Vista II R\$ 1.066,88; Vista da Penha R\$ 900,37.

Boa vista será o termo utilizado para tratar de aspectos inerentes aos três bairros de uma maneira geral e, em se tratando de uma questão específica, destacaremos o nome específico da localidade ao qual se faz referência. Por questões estritamente metodológicas, utilizaremos o termo bairro estabelecido pela administração municipal de Vila Velha (2013) para nos referir a Boa Vista, enquanto região.

O Município de Vila Velha, assim como os demais que integram a Região Metropolitana da Grande Vitória⁷, receberam considerável acréscimo populacional entre 1960 e 1970.

Ocorre que não obstante a chegada, dominação e colonização do solo espírito-santense pelos conquistadores europeus remontar a quase cinco séculos, o Espírito Santo somente se definiu em uma posição mais destacada no cenário nacional em período muito recente, com sua inclusão tardia no processo de industrialização e modernização do país (LIRA, 2013).

Esse cenário de desenvolvimento acarretou em um processo de intensificação do fluxo migratório e, em virtude da falta de ação e planejamento quanto ao crescimento local sua área urbana foi se estendendo com a ocupação de morros, áreas alagadas e manguezais, sem qualquer política de infraestrutura urbana ou social (LIRA, 2013).

Quanto ao caso específico de Boa Vista, que não foge a regra da ocupação das terras capixabas sem um planejamento ou políticas sociais de moradia, uma série de intervenções tem atingido as regiões que compreendem suas áreas limítrofes. Entretanto, as recentes melhorias que afetaram o bairro foram realizadas estritamente nos acessos das edificações citadas. Em seu interior, onde estão localizadas as moradias de seus habitantes, não ocorreram intervenções nas mesmas proporções.

Essas intervenções converteram uma região anteriormente periférica, marcada por uma exploração exaustiva por parte dos meios de comunicação

⁷ A Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) foi instituída pela Lei Complementar N.º 204, de 22.06.2001. Seu propósito é promover organização, planejamento e execução de funções públicas de interesse comum, no âmbito metropolitano. Integram tal região os municípios de Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória (VITÓRIA, 2015).

sensacionalistas de cunho policialesco em uma região de grande circulação de pessoas de outras localidades.

Todos esses fatores foram cruciais para a escolha de nosso recorte geográfico, uma vez que teríamos a oportunidade de conferir de fato o contexto da realidade local e o modo pelo qual seu morador atribui significado as experiências no cotidiano do bairro.

2.1.2 Entrevistas

Nossa entrada no campo ocorreu por meio do contato direto e pessoal com moradores, os quais este pesquisador já possuía qualquer tipo de relacionamento pregresso. Estes também foram os primeiros sujeitos selecionados e convidados para participar das entrevistas.

A fase de seleção dos indivíduos que seriam convidados a participar da pesquisa merece ser destacada, pois foi o momento da pesquisa em que adotamos uma postura muito criteriosa. A razão se deve ao tema que iríamos tratar, o qual as pessoas que vivem em determinadas localidades tem certa dificuldade para expor suas sinceras opiniões, especialmente às ocupadas pelos segmentos menos abastados da população (BAIERL, 2004, p. 28).

Portanto, no intuito de possibilitar a obtenção de informações mais claras e precisas, optamos inicialmente por convidar a participar das entrevistas, pessoas com as quais possuía qualquer tipo de relacionamento anterior (Silva, 2008, p. 28), desde que o indivíduo alegasse morar em Boa Vista há pelo menos 05 (cinco) anos – período de tempo que entendemos ser mais que o suficiente para que o indivíduo se integre ao contexto do cotidiano da localidade.

Conhecer previamente as pessoas que seriam entrevistadas fez com que ficássemos a vontade para realizar os questionamentos, por mais polêmicos que fossem.

Na medida em que as entrevistas aconteceram e no transcorrer da pesquisa, novos sujeitos foram aparecendo em razão da indicação de pessoas

conhecidas ou mesmo das interações que ocorreram durante as incursões etnográficas pelo bairro.

Essa experiência de aproximação com os moradores desconhecidos de Boa Vista se revelou de grande valia, pois proporcionou um conhecimento empírico da maneira como se desenvolvem os relacionamentos com os moradores de outras localidades.

Realizamos um total de 13 (treze) entrevistas com moradores de Boa Vista, com idade entre 20 (vinte) e 55 (cinquenta e cinco) anos. Os relatos dos moradores captados ao longo das entrevistas são expostos ao longo do texto, categorizadas em Sujeitos divididos de 1 a 13.

Os convidados a participar das entrevistas inicialmente eram conhecidos, e a partir de indicações destes, passamos a captar os seus relatos. Ademais, outras pessoas que tivemos a oportunidade de conhecer ao longo das incursões pela localidade, também foram entrevistadas.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto de 2015 e janeiro de 2016, em diversos horários e locais tais como residências, locais de trabalho e nas dependências da Universidade Vila Velha. O local e o horário marcado eram sempre estabelecidos de acordo com a conveniência entrevistado.

Os assuntos travados que precediam o início da entrevista normalmente abordavam temas alheios à pesquisa como a situação da família, do tempo, do trabalho, do estudo e outras demais questões que compõem o cotidiano da sociedade.

Essas conversas preliminares contribuíam para tornar os acontecimentos seguintes mais próximos dos considerados dentro da normalidade, pois retirava do momento da entrevista a sensação de que havia a necessidade por parte do informante, de maiores formalidades além de um simples jogo de perguntas e respostas.

A rigor, antes de definitivamente adentrar na entrevista com as indagações sobre as experiências cotidianas em Boa Vista, explicava ao entrevistado de maneira superficial os aspectos mais importantes e interessantes da

pesquisa. De maneira mais detalhada, tecemos considerações que envolviam o sigilo de sua identidade e das informações prestadas, inclusive sobre a gravação do áudio que seria posteriormente reduzida a termo e arquivada com o pesquisador. Feitas as explicações preliminares, a entrevista era iniciada.

A pergunta inicial “onde você mora?” se destinou a revelar qual a definição que o morador estabelecia ao seu lugar de moradia. Em seguida, perguntava como é viver neste lugar. Por exemplo, se o entrevistado disse morar em Vista da Penha, perguntava: “como é viver em Vista da Penha?”; se disse morar em Boa Vista I: “como é viver em Boa Vista I?”. Esse procedimento foi adotado na intenção de se averiguar a identificação do morador com o local, captar a existência de um senso de pertencimento e qual a definição que o mesmo dirige ao seu lugar de moradia.

A denominação empregada ao seu território de moradia (bairro, favela, etc.) é relacionada com a definição estabelecida pelas instituições públicas, segundo disposições expressas pela administração municipal. Pudemos verificar que a maioria da população moradora de Boa Vista expressa conhecer exatamente os limites territoriais previstos pela municipalidade de cada um dos bairros, apesar de em geral, os moradores de outras regiões identificam todo aquele aglomerado urbano por Boa Vista.

Durante as entrevistas obtivemos relatos dos mais variados sobre os acontecimentos da vida cotidiana do nosso interlocutor, que ao longo da sua narrativa variava sua posição umas vezes como protagonista e outras como coadjuvante. Em alguns momentos da fala percebemos a exposição de situações em que se situa como um expectador, como um agente completamente passivo aos acontecimentos em razão de sua impotência para atuar de maneira ativa para alterar determinada realidade.

Nosso roteiro semiestruturado previa vinte perguntas, dentre as quais: Em sua opinião quais são as qualidades do bairro e o que mais lhe agrada no dia-dia do bairro? Em sua opinião, qual o maior defeito do bairro e o que menos lhe agrada no dia-dia do bairro? Você se considera uma pessoa que mantém uma relação próxima a seus vizinhos? Qual a sua opinião sobre as pessoas que moram no bairro? Você se sente seguro ao andar pelas ruas do bairro? Em sua opinião, o que é a violência?

Você já se deparou com algum caso de violência? Você considera Boa Vista um bairro violento? Você já foi vítima de alguma ação violenta aqui no bairro? Conhece alguém que já foi vítima de alguma ação violenta aqui dentro do bairro? Em sua opinião, algum morador do bairro tem envolvimento com crimes?

Seguir um roteiro semiestruturado proporcionou que cada entrevista fosse realizada seguindo sua própria dinâmica. Portanto, não nos mantivemos presos de forma rígida às perguntas previamente definidas e deixamos que o sujeito entrevistado falasse a vontade. No entanto, sempre que o assunto parecia se desviar demasiadamente do foco da pesquisa recorríamos ao roteiro de entrevista para dar prosseguimento.

Vale ressaltar que este ponto foi o que nos demandou maior sensibilidade e atenção, para que uma nova pergunta ou uma mudança de assunto não nos levasse a desperdiçar algum relato interessante, uma vez que em certos momentos as falas dos moradores eram tão cifradas de forma que revelava ou ocultava detalhes importantes de suas vidas cotidianas.

Vale acrescentar que logo nas primeiras entrevistas constatamos que perguntas fechadas realizadas de maneira rígida, por meio de um roteiro com perguntas fixas, poderia acarretar na perda de informações fecundas e detalhadas sobre o contexto das rotinas e das relações sociais dos moradores.

As perguntas realizadas tinham por finalidade obter relatos sobre as experiências de suas rotinas diárias e de interação social com os demais moradores, sobretudo se de algum modo à violência real ou esperada era de fato algo que as integrava costumeiramente.

Captar a maneira pela qual os moradores atribuem significado as experiências em suas rotinas cotidianas nos espaços públicos de seu local de moradia, bem como suas perspectivas a respeito da atuação policial e criminal, possibilitaram a identificação do que os moradores entendem por violência.

Além de captar tudo que era dito pelo sujeito durante a entrevista por meio de uma escuta ativa (DINIZ, 2010, p. 187), buscamos atentar para suas expressões corporais, faciais e vocais (BAIERL, 2004, p. 29). Por vezes, a depender do assunto tratado, surgia da face do nosso interlocutor certas expressões que nos

transmitiam uma sensação de angústia, com um franzir de testa que recrutavam inúmeros de seus músculos faciais.

Em outras ocasiões o tom e o volume da voz se alteravam, como quando alguém nos conta algo que deve ser guardado em segredo. Movimentos com ambas as mãos abertas e as palmas voltadas para cima ou erguer os ombros em sinal de indagação como quem diz “fazer o quê?”, ou com golpe sobre uma mesa em sinal de revolta, ocorreram inúmeras vezes ao longo das entrevistas.

Merece o devido registro que algumas falas soavam como um verdadeiro desabafo, algo “entalado na garganta” que há muito desejava ser expelido. Esses relatos carregados com elevada dose emotiva ocorreram majoritariamente quando tratávamos das dificuldades encaradas nas rotinas cotidianas da localidade, em decorrência da aparente dificuldade em se obter acesso a serviços públicos como de saúde, segurança, lazer, educação e transporte.

Interessante citar também que, apesar de as duas perguntas iniciais não mencionarem o termo violência, mas exclusivamente fazem menção às opiniões sobre como é a vida diária no local de moradia, a palavra violência foi citada reiteradas vezes em grande parte das respostas.

As críticas direcionadas ao suposto abandono da localidade pelas instituições estatais ficou evidente, mas o que é apontado como o grave problema local é a violência, enfaticamente abordada e atribuída à atuação de pessoas envolvidas com o comércio de drogas ilícitas.

De todo modo, as entrevistas foram momentos especiais da pesquisa, sempre envolventes e marcadas por certa carga sentimental que por vezes variava bruscamente no decorrer de uma mesma entrevista entre o conformismo e a revolta, entre a crítica pela situação presente de abandono e a esperança de um futuro onde suas demandas sejam acolhidas.

Alguns moradores mais esperançosos acreditavam que o simples fato de nossa presença no local já significava o prelúdio de dias melhores, pois disseram acreditar que o interesse de um pesquisador pela região já demonstra que, apesar de tardiamente, suas preces surtiram efeito e despertaram o interesse de alguém em expor as dificuldades enfrentadas pelos moradores da região.

Questão que merece especial consideração diz respeito à inviabilidade da realização de certas formalidades exigidas pelo comitê de ética em pesquisa para execução das entrevistas, como coleta de dados pessoais e da assinatura do sujeito entrevistado, haja vista que alguns dos informantes declararam possuir envolvimento com o comércio local drogas ilícitas.

A ilegalidade das ações de determinados sujeitos entrevistados nos conduziram a optar pelo afastamento dos procedimentos burocráticos exigidos nas demais entrevistas, e em seu lugar, procedemos com a captação de relatos mediante seu consentimento livre esclarecido na modalidade oral (DINIZ, 2010, p. 187), em razão ao receio de a mera suposição de tais procedimentos comprometerem a qualidade das informações captadas (GRILLO, 2008, p. 6).

Como pode se pedir a um jovem, à beira de entrar ou sair de uma quadrilha de traficantes, que assine um termo de consentimento? Tudo que ele deseja é não deixar nenhum registro que possa identificá-lo como informante para quem quer que seja até mesmo um pesquisador, que não se identifica nem como jornalista nem policial, mas pode ser associado a eles. A pena de morte é o que lhe aguarda, caso os chefes desconfiem que o jovem falou sobre o que ninguém pode dizer nada. Vamos Então renunciar à pesquisa que iria nos esclarecer sobre a dinâmica do crime organizado porque o jovem não pode ou não quer assinar o termo, embora tenha consentido oralmente em dar a entrevista ou participar do grupo focal? (ZALUAR, 2009, p.8).

Partimos do pressuposto de que “as garantias éticas de proteção dos direitos e interesses dos participantes” (DINIZ, 2010, p. 189) está diretamente relacionado com o respeito ao princípio da dignidade da pessoa humana, portanto os valores culturais e morais dos sujeitos objeto da pesquisa devem ser mantidos em situação de inviolabilidade (ZALUAR, 2015, p. 139).

A burocracia excessiva apenas enrijece e retarda a atuação dos pesquisadores das ciências humanas, mediante exigências de comprovação por escrito da concordância em participar da pesquisa por vontade própria com a alegação de que somente assim se prova o pleno exercício de sua liberdade de escolha (ZALUAR, 2015, p. 140).

Essas exigências inviabilizariam, por exemplo, pesquisas em que os sujeitos são iletrados ou cegos por não conseguirem decifrar os códigos impressos na folha de papel.

Ademais, esta pesquisa se propôs a estudar um determinado padrão social dentro de um contexto cultural em que o grupo é que se encontra “no centro das preocupações éticas do pesquisador, pois é o grupo ou na rede social, e não o indivíduo inquirido, o objeto da investigação” (ZALUAR, 2009, p. 6).

2.1.3 Acompanhamento Etnográfico

Método desenvolvido por antropólogos para o estudo de aldeias (CALDEIRA, 2011, p. 13), a legitimação da etnografia decorre do argumento de que através da imersão de um indivíduo em uma determinada sociedade é que torna possível entendê-la.

Durante os primeiros anos do século XX, a etnografia foi utilizada especialmente pelos pesquisadores da metrópole para estudar os povos colonizados. No entanto, seus estudos deixavam de tratar as questões que tangiam a relação de poder estabelecidas entre si (CALDEIRA, 1988, p. 135).

Duramente criticada, especialmente pelos antropólogos nas décadas finais do século passado, a etnografia clássica estabelecida a partir dos anos 1920 (CALDEIRA, 1988, p. 135), seguindo o ritmo das transformações ocorridas no mundo a partir do final da Segunda Guerra Mundial, buscou se aperfeiçoar e apesar de constantemente problematizada nos dias atuais, segue como importante método de pesquisa em ciências humanas (CALDEIRA, 2011, p. 19).

Dentre as grandes obras estrangeiras que exemplificam a relevância que a etnografia assume para as ciências humanas, destacamos a de Foote Whyte (2005), que entre o fim dos anos 1930 e início dos anos 1940 realizou célebre e exemplar pesquisa em uma área pobre e degradada de North End, em Boston, onde desvelou toda a organização social existente entre seus habitantes compostos por imigrantes italianos. Outra obra exemplar é a de Wacquant (2011), que no final dos anos 1980, em uma academia de boxe no gueto negro de Woodlawn, em Chicago, experimentou com o próprio corpo as rotinas e o ofício dos boxeadores. Ambas são consideradas referências quando o assunto é etnografia.

Diversos são os exemplos da produção etnográfica nacional, mas nos limitaremos a expor quatro que utilizamos como referência para nossa pesquisa. Utilizada como método para estudar diversos contextos sociais, focamos especialmente nas realizadas em ambiente urbano.

Primeiramente, a obra de Alba Zaluar (2015) cujo resultado é apresentado sob o título “a máquina e a revolta”. Sua pesquisa ocorreu nos anos 1980, em Cidade de Deus no Rio de Janeiro, e revelou o modo de vida e as representações sociais das classes populares urbanas que constituíam sua população.

Outra obra etnográfica nacional que utilizamos como referência é a de Carolina Grillo (2008), que imergiu no universo dos traficantes de drogas de classe mediadas cidades do Rio de Janeiro e Niterói, no intuito de desvelar sua dinâmica, seu sistema de referências e seu estilo de vida.

Por sua vez, ao longo de uma pesquisa que durou quase seis anos, Karina Biondi (2010) se inseriu no sistema carcerário de São Paulo a fim de coletar seus dados. O resultado de seu estudo etnográfico apresentou as nuances da estrutura simbólica e do funcionamento do Primeiro Comando da Capital, especialmente no ambiente carcerário.

Por último, não só nossa base teórica, mas também nossa principal referencia metodológica, a obra de Machado da Silva (2008), cujos resultados se encontram ao longo das páginas do título “vida sob cerco”. Este autor coordenou um grupo de pesquisadores que realizaram o acompanhamento etnográfico em três favelas⁸ da capital fluminense, a fim de investigar os efeitos da violência sobre os seus moradores.

A produção acadêmica nacional que utiliza a etnografia como método, têm se dedicado nas ultimas décadas preferencialmente ao estudo de grupos sociais que ocupam as porções menos privilegiadas como “o pobre, o negro, o índio, o

⁸A primeira localidade selecionada era considerada muito violenta, com a presença de indivíduos ostensivamente armados ligados ao tráfico, com longa tradição de ações coletivas entre os moradores que estava se esvaziando em razão da violência; a segunda era considerada calma por não se verificar a presença armada de forma ostensiva e a participação coletiva nunca foi muito intensa; a terceira era dominada “pelo que atualmente se designa de ‘milícia’, considerada um exemplo da imposição pela força de um poder local que perverte antigo dispositivo de controle social cujo recurso à violência gozava de certa legitimidade na cultura popular urbana, a ‘policia mineira” (SILVA, 2008, p. 33).

membro de minorias étnicas ou sexuais, e os trabalhadores organizadores de movimentos sociais” (CALDEIRA, 2011, p. 22).

Esta pesquisa se enquadra entre aquelas realizadas por um nativo que investiga a própria sociedade em que está inserido (CALDEIRA, 2011, p. 18), pois conforme Zaluar (2009, p. 557) “os nativos são agora cidadãos de seus respectivos países, muitos deles transformados em nativos antropólogos de seus povos, historiadores de sua história, filósofos de seu modo de encarar o mundo”.

No entanto, as etnografias realizadas por indivíduos em sua própria sociedade, são apontadas como carentes de uma produção crítica ao imperativo da alteridade estabelecido desde as etnografias clássicas do início do século XX. Ocorre que os etnógrafos nativos “estudam sua própria cultura e não ‘outros’, mas continuam a insistir na construção de alteridade e são tímidos em produzir uma crítica dessa postura” (CALDEIRA, 2011, p. 21 – 22). Assim, à medida que o etnógrafo está inserido em uma mesma sociedade definida como objeto de suas investigações, cria-se a possibilidade de haver uma tentativa de se tornar estranho a sua própria cultura, o que o leva a transformar o que lhe é familiar em algo extravagante.

Contudo, ao passo que uma sociedade é formada a partir da interação entre indivíduos, que por diversas motivações se relacionam a fim de satisfazer seus interesses (SIMMEL, 2006), aqueles indivíduos que desenvolvam maior afinidade entre si tendem a se reunir em grupos distintos dentro de um mesmo contexto social e, a partir de então, desenvolvem um mundo simbólico próprio. Assim, um indivíduo que não participa de determinado grupo poderá se sentir um estranho em um primeiro contato com o complexo de práticas que, para os que integram este grupo, são de inequívoca familiaridade.

Mesmo pertencendo a uma mesma sociedade, aqueles indivíduos que participam de grupos distintos, tendem a se sentir estranhos quando saem de seu círculo habitual e passam a interagir com outro. Portanto, um nativo pode se sentir um estranho em sua própria sociedade, desde que entre em contato com mundos simbólicos que não compõem o seu próprio.

Sendo assim, ele junta mundos invisíveis um ao outro, diminuindo a cegueira cultural e a arrogância étnica que os separam ainda mais do que a

diferença, porque alimenta o ódio e o ressentimento. O ofício do etnógrafo ajuda a destruir as construções simbólicas feitas para criar imagens negativas do outro, principalmente as dos que se tornam os discriminados bodes expiatórios que carregam a culpa do mal no mundo. (ZALUAR, 2009, p. 567).

A experiência é necessária para o conhecimento e, a observação participante⁹ que está na essência da etnografia, seria meio mais apropriado para atingir ao objetivo proposto por esta pesquisa, em virtude da aproximação e do diálogo com o objeto que ela oportuniza.

Mesmo para aquele que conhece bem o contexto das rotinas cotidianas da cidade de Vila Velha de um modo geral, pode se surpreender com o universo das interações sociais ocorridas especificamente no seio de um dado grupo de pessoas.

Portanto, a abordagem etnográfica foi escolhida para a realização desta pesquisa, pois entendemos que a experiência em um dado contexto “baseado na observação participante segundo esta abordagem, é o modo de conhecer a ‘sociedade’ ou a ‘cultura’ estudada que culmina na sua reconstituição desde o ponto de vista do nativo” (ZALUAR, 2009, p. 563).

Aliadas as informações colhidas durante as entrevistas, o acompanhamento etnográfico com incursões diárias especialmente aos espaços públicos de Boa Vista, bem como as visitas as residências de alguns sujeitos, proporcionou uma perspectiva mais íntima e próxima daquilo que os moradores experimentam no cotidiano.

Neste contexto, após estabelecer a base teórica de nossa pesquisa, partimos para o trabalho de coleta de dados em campo. Por meio das entrevistas em profundidade e do acompanhamento de matriz etnográfica, buscamos captar do morador de Boa Vista a maneira como experimenta as diversas situações com que se depara em suas rotinas cotidianas.

Outra excelente fonte de informação foi o diálogo mantido tanto com moradores quanto com funcionários de estabelecimentos comerciais frequentados

⁹ Para Caldeira (1988, p. 137) a obra “Argonautas do Pacífico Ocidental”, de Bronislaw Malinowski (1978), que expõe um estudo realizado com populações costeiras de ilhas situadas na região sul do Oceano Pacífico, pode ser considerado como o texto que funda a observação participante como método.

durante a pesquisa – bares, mercearias, farmácias, cabeleireiros, sorveterias, lanchonetes, etc.

Após cada incursão no campo, transcrevemos toda a experiência obtida ao longo do percurso, em um caderno. Nesse diário de campo foram registradas as informações sobre o dia da semana, o dia do mês, o horário de partida e de retorno, as condições do tempo, os locais frequentados e as pessoas com quem conversamos.

Também empreendemos a descrição das características estruturais dos locais visitados e as pessoas com quem mantivemos contato. Enfim, buscamos elaborar um vasto relato sobre tudo o que era possível captar.

A visão não foi o único meio sensorial corpóreo utilizado como instrumento para captar as experiências das incursões etnográficas por Boa Vista, além desta, a audição desempenhou importante papel ao longo da pesquisa. A cada experiência pelos locais públicos de Boa Vista, tratávamos de buscar captar as conversas entre os moradores e assim que possível buscava registrar tudo para não cair no esquecimento.

Seguindo esta lógica construímos uma descrição das rotinas da localidade pesquisada, especialmente da maneira como os moradores interagem no espaço público. Todas as ruas que integram a região foram percorridas em caminhadas diárias, por vezes seguindo por itinerários pré-estabelecidos e outras sem planejamento prévio se deixando levar pelo instinto, em horários e dias diferentes, retornando sistematicamente a determinados locais vistos como fonte privilegiada de dados, como um cabeleireiro, um campo de futebol, uma sorveteria e uma lanchonete, em razão do fluxo constante de informações que nos pareceu possível captar nesses lugares.

Tudo o que foi possível captar das experiências vividas nas rotinas locais de Boa Vista permitiram desvelar o mundo simbólico específico das rotinas e das interações sociais entre os moradores.

Embora o fato de que este pesquisador vive na própria cidade objeto desta investigação, a imersão em um mundo simbólico distinto do que lhe pertence, propicia alcançar uma perspectiva mais profunda e realista do que os relatos

veiculados pela mídia sensacionalista e pela população média, que geralmente retratam Boa Vista como um lugar violento e perigoso, habitado por bandidos ou por seus cúmplices.

Merece destaque que esta pesquisa não tem por característica o enquadramento como uma etnografia tradicional, propriamente dita, dadas certas limitações de nossa pesquisa. Primeiramente o tempo exíguo de um mestrado com duração de vinte e quatro meses, que nos permitiu permanecer no campo por seis meses. Outra limitação diz respeito ao fato de que este pesquisador se encarregou de realizar as coletas de dados em campo e as demais etapas metodológicas, que compõem sua execução.

Todavia, apesar desses fatores limitadores, durante todo o período em campo procuramos incorporar ao máximo as experiências e as reflexões que estiveram ao nosso alcance. Esses seis meses em que o acompanhamento etnográfico ocorreu nos proporcionaram “acompanhar algumas de suas atividades, além da observação direta das rotinas de alguns moradores” (SILVA, 2008, p. 33).

As experiências em campo também oportunizaram ter acesso a entrevistas em profundidade com sujeitos indicados a partir daqueles já entrevistados, inclusive um que alegou possuir envolvimento com o comércio de drogas ilícitas do local.

Neste sentido, a associação entre as informações obtidas por meio das entrevistas em profundidade e do “acompanhamento de inspiração etnográfica (não uma etnografia propriamente dita)” (SILVA, 2008, p. 33), nos forneceram dados que se complementaram e possibilitaram o desenvolvimento da presente pesquisa.

Após coletados os dados, envidamos nossos esforços para tratá-los e analisá-los, de maneira a possibilitar sua interpretação. No tópico que se sucede, iremos tratar de maneira mais minuciosa como se deu o tratamento e a análise dos dados coletados ao longo de nossa pesquisa.

2.2 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Procedimento fundamental de qualquer pesquisa, a análise dos dados obtidos “significa exatamente decompor, fragmentar e separar diferentes componentes no sentido de realizar as sínteses que se busca” (QUEIROZ, 1988, p. 17). Inicialmente, por meio de revisão da teoria da sociabilidade violenta (SILVA, 2004), buscamos evidenciar quais são os fatores que determinam a ocorrência desse fenômeno.

Segundo as assertivas de Machado da Silva, o que determina a produção da sociabilidade violenta é a fragmentação da vida cotidiana, a partir do reconhecimento por parte dos moradores da vigência de duas ordens sociais, em torno das quais sua vida cotidiana se organiza.

A contiguidade territorial e temporal entre duas ordens sociais incompatíveis, sendo uma imposta pela “violência urbana, cujo princípio de organização é o recurso universal a força”, e a outra decorrente da uma “ordem mais convencional, que pode ser designada como institucional-legal, cujo elemento fundamental é a pacificação das relações sociais através do monopólio formal da violência pelo Estado” (SILVA, 2008, p. 38), integram a essência da teoria da sociabilidade violenta. A partir dessas afirmações pudemos definir a forma pela qual os dados coletados seriam analisados.

Durante a coleta dos dados em campo, houve a necessidade de se investigar a presença dessas duas ordens sociais, e se de fato elas se caracterizam como referências para a organização da vida cotidianas dos moradores de Boa Vista.

Assim, nosso foco foi captar a maneira como a violência urbana interfere nas rotinas dos moradores. “Violência urbana” é uma noção que indica os elementos que põem em risco a integridade física e patrimonial dos moradores dos centros urbanos brasileiros, causando na interrupção do normal andamento de suas rotinas cotidianas, quase sempre identificados nas ações de criminosos comuns e polícias (SILVA, 2008, p. 36).

Após cada incursão de acompanhamento etnográfico ou entrevista, todas as experiências e relatos eram registrados. As experiências etnográficas era registrada em diário de campo e as entrevistas gravadas em áudio.

Transformada a fala oral em texto, os relatos fora fragmentados de acordo com a temática. Assim, cada relato foi dividido por temas. Em seguida, reagrupamos os fragmentos de texto de cada um dos relatos captados nas entrevistas de acordo com os temas. Os grupos temáticos foram: pontos positivos da região, rotinas, violência, criminalidade, crime, tráfico, polícia, segurança, medo, perigo, políticos, serviços públicos, amigos, família e vizinhos.

Em seguida, reorganizamos os grupos temáticos e buscamos interpretar a representação simbólica que os moradores atribuem a cada um desses elementos, com base no referencial teórico exposto no Capítulo I. Especificamente, investigamos os seguintes pontos das falas dos moradores:

- 1) Suas perspectivas a respeito da violência policial e criminal;
- 2) A maneira pela qual atribuem significado as condutas com que lidam em seus locais de moradia e no espaço público.
- 3) A coexistência de dois padrões de organização de suas condutas, um decorrente do modelo institucional-legal vigente e outro que tem a violência como princípio de organização, que apesar de incompatíveis não se sobrepõem;
- 4) A elaboração de modelos de conduta que tem por objetivo garantir a não ruptura de suas rotinas cotidianas, em razão do medo da violência.

O trabalho de tratar e analisar os dados coletados levou em consideração não só a identificação das palavras pronunciadas, mas ao contexto analítico em que foi construído. Portanto as frases contidas nas falas dos moradores não foram extraídas de maneira isolada, mas dentro de todo um complexo contextual que nos permitiu expor com a maior riqueza de detalhes possível, o universo simbólico que rege as rotinas cotidianas de Boa Vista.

3 BOA VISTA

A proposta deste capítulo é expor o ponto de vista dos moradores de Boa Vista sobre seu próprio local de moradia, a partir da interpretação das perspectivas de suas experiências na vida cotidiana. A partir da análise dos dados coletados no campo, serão delineados aspectos que os habitantes consideram positivos e negativos a respeito da vida na região.

Inicialmente, discorreremos acerca da definição dos moradores quanto à tranquilidade que permeia as rotinas de Boa Vista. Todavia, os próprios habitantes asseveram que há de se ter cuidado ao circular por certas ruas em certos horários. A questão principal a ser debatida é a maneira como se dá a elaboração desse discurso paradoxal e então decifrar o seu sentido, para se compreender a relação dos moradores no cotidiano do bairro.

Em seguida empreenderemos a análise de outra questão destacada pelos moradores como sendo uma qualidade e um problema. “Fica perto de tudo” é um termo utilizado pelos moradores para definir a localização central de Boa Vista no espaço geográfico da cidade de Vila Velha, haja vista que se encontra próximo aos bairros nobres da cidade habitados por uma população de maior renda.

No item seguinte, discorreremos sobre a infraestrutura local e os serviços públicos oferecidos. Neste ponto descobrimos que os moradores de Boa Vista possuem uma série de demandas não acolhidas, situação que gera uma espécie de insegurança quanto à capacidade de as instituições de Estado garantir a manutenção e a melhora de sua atual condição de vida.

Logo após, analisamos as falas sobre a relação entre vizinhos no bairro. Segundo os relatos captados, a convivência entre os moradores que alegam não possuir envolvimento com o comércio de drogas ilícitas é boa, onde todos se conhecem e buscam conviver de maneira harmônica e amigável. Ademais, conhecer bem os indivíduos que habitam o local ajuda a distinguir e a se afastar daqueles considerados indesejáveis.

Por fim, revelamos o ponto de vista dos moradores acerca das intervenções urbanas recentemente ocorridas na região. Ocorre que as construções do shopping e das edificações que sediam instituições públicas na região,

incrementaram positivamente a localidade em razão das intensas transformações no aspecto urbanístico local. Apesar de tal iniciativa receber elogios da população de Boa Vista, há uma séria crítica ao fato de que o interior do bairro não fora contemplado na mesma proporção.

Os elementos a seguir abordados são de significativa importância para testar nossa hipótese, que preleciona que há a produção de um padrão de sociabilidade violenta no contexto de Boa Vista, mesmo que com algumas reservas.

Assim sendo, ao longo deste e dos demais capítulos que se sucedem, mostramos a maneira como a violência urbana influencia diretamente na organização das condutas e relações sociais cotidianas dos moradores. Tal situação reforça o argumento que buscamos desenvolver de que é possível de que a sociabilidade violenta se manifeste, mesmo que com algumas ressalvas em relação à manifestação desse fenômeno nas favelas cariocas.

Embora a realidade do bairro pesquisado seja distinta dos ambientes analisados por Machado da Silva em suas pesquisas, há na representação da violência urbana elaborada pelos moradores de Boa Vista a identificação de uma forma de orientação para modelos de conduta, baseados no uso irrestrito da força física. Este que segundo o referido autor integra a essência da sociabilidade violenta como uma ordem social que, apesar de antagonista àquela instituída pelo Estado e pelos padrões tradicionais, servem de referência para os indivíduos em um mesmo espaço territorial e temporal.

3.1 A TRANQUILIDADE

A tranquilidade é relatada como uma constante nas rotinas atuais de Boa Vista, contrastando com a igualmente reiterada alegação de medo de se tornar a próxima vítima de um evento violento no bairro.

Ao passo em que a população diz que a vida tranquila é uma característica da região, a violência criminal é apontada como seu mais grave defeito. Esse paradoxo está presente nas falas das pessoas que lá habitam.

S3: Morar é tranquilo. Em termos de segurança pública tá péssimo. A gente nem culpa o bairro porque, infelizmente policiamento tem, mas são muitas violências. Pessoas de fora que passam. E aí por ter a faculdade ali, facilita muito o envolvimento da droga ali. Porque é a hora que rola dinheiro, né, que rola a criminalidade. E a segurança pública nossa tá péssima, crítica.

S4: A vida no bairro é boa, né. Tranquila, assim, em certos aspectos. Porque tem muita presença da policia. A presença da policia é constante. Sempre preocupada com você devido ao tráfico. Porque em Boa Vista tem muito bandido. Em Boa Vista você não pode dar mole.

S1: O que o bairro tem de melhor é a tranquilidade. Você pode chegar numa boa e bater papo, pode ir à praia, a pizzaria e tal. Porque aqui no Boa Vista passa policia o tempo todo, por causa da vagabundagem. Aqui na nossa rua não tem, graças a deus. Mas ali pra trás é feio, a malandragem domina.

S2: Faz muito tempo que não rola tiro aqui. Esses dias mesmo eu tava comentando com os caras. Te falo que aqui é muito mais tranquilo que esses bairros por aí. Nego fala mal de Boa Vista por causa da guerra que rolava. Agora que acabou povo não fala nada. Também, tá cheio de policia por aí, aí os moleque fica esperto, pra não dar mole..

S6: Eu vejo como bem tranquilo, porque quando eu ceguei lá em 2002 era muito mais violento. Você via naquela subida pra caixa d'água muita coisa ali, muito movimento. Hoje em dia tá muito tranquilo. Eu não vejo tráfico de drogas na verdade. Muito tráfico de drogas e usuários andava muito por ali. Hoje eu não vejo nada por ali. Porque eu não entro muito por Boa Vista. Eu entro e subo mais ali na parte da caixa d'água, porque minha namorada mora ali em cima. Mas o mínimo que eu andava ali naquela região já era assim, tenso. Hoje em dia tá muito mais tranquilo.

Há na fala dos moradores o reconhecimento de que atualmente as rotinas do bairro seguem seu curso de maneira mais constante, se comparado com seu passado recente. Todavia, o temor de que algum evento ocorra subitamente e provoque a ruptura neste padrão de vida está constantemente presente em seu dia-a-dia.

O fato de Boa Vista ter sido cenário de diversos conflitos armados entre grupos ligados ao comércio de drogas ilícitas há alguns anos, parece ter deixado marcas na memória de seus habitantes.

Segundo relatos, nessa época em que os eventos violentos eram constantes e pessoas executadas a luz do dia, os moradores se amontoavam para ver quem teria sido a vítima, a mídia policlesca se encarregava de transmitir ao vivo e promover o seu deletério espetáculo dramático e sensacionalista, praxe em eventos dessa natureza. Tudo isso se mantém vivo no imaginário dos moradores e a imagem local segue abalada de um modo geral.

Os moradores atribuem esses eventos violentos a disputa pelo domínio territorial dos pontos de vendas da região, entre grupos locais e de outras regiões, resultando na ocorrência de vários tiroteios e homicídios.

O término desse conflito se deve a execução de muitos dos integrantes dos grupos envolvidos, conforme os relatos dos moradores. Outros acreditam que a polícia colocou fim ao conflito após a realização de diversas operações de caráter repressivo na região. Existe também quem acredite que um dos lados venceu, não havendo mais motivos para sua continuidade ou ainda que ele ainda persista, porém de maneira mais branda, pois os dois lados temem uma ação mais enérgica das instituições policiais.

Essa aparente contradição presente na opinião do morador que aponta a região como tranquila e, concomitantemente, assevera que seu maior defeito é a criminalidade violenta, seria uma espécie de comparação entre dois momentos: um passado, marcado pela violência gerada por um conflito armado entre grupos rivais, e um presente, marcado pela considerável redução da constância em que eventos conflituosos ocorrem.

Supomos então, que haveria assim uma comparação que toma por referência esse passado em que a violência criminal assolou intensamente as rotinas cotidianas de Boa Vista e o momento atual, que os moradores entendem como mais tranquilo.

S12: Quando eu vim pra cá foi um choque de realidade, porque lá [outro bairro em que morava] era muito tranquilo. Quando eu cheguei a Boa Vista naquela época, era um ambiente um pouco pesado. Eu lembro que na primeira semana que a gente tava lá, na nossa rua alguém foi assassinado bem ali. Aí já dá aquele choque. Mas com o tempo foi ficando muito melhor. Hoje aqui é mais tranquilo do que lá.

S1: Pra mim é a tranquilidade de poder chegar e sair de minha casa com segurança, embora não pareça. Atribuo isso ao bar que fica aberto até as duas da manhã. Aí atrai movimentação e segurança, porque ninguém vai mexer comigo sabendo que tem dez ou vinte testemunhas me vendo chegar onze horas da noite, meia noite, né. Essa é uma das coisas que eu acho tranquilo, que eu vejo acontecer em outros bairros e aqui não acontece. É tomar seu carro de assalto na porta da sua casa, invadir a sua casa, isso aqui não tem.

Outra possibilidade vislumbrada é que o morador também compare a sua realidade com a de outros locais, dos quais tem ciência dos eventos criminais violentos em razão de experiências próprias ou por meio do que é noticiado pela

mídia policialesca, que de maneira sensacionalista aborda os temas que envolvam a violência urbana.

Apenas dois dos moradores que participaram das entrevistas em profundidade disseram ter sido vítimas de ações violentas em Boa Vista, ambos em abordagens policiais. Os outros onze, afirmaram que tanto eles quanto seus familiares e os amigos mais próximos e residentes em Boa Vista, jamais sofreram algum tipo de violência.

Tal fato torna possível que ocorra uma comparação entre os eventos violentos experimentados ou os que se tem noticiado atualmente sobre Boa Vista, com os que aparecem na TV e nos jornais acerca de outros lugares.

A partir de então, o morador pode considerar que Boa Vista é uma localidade tranquila para se viver, quando comparado a outras regiões que tem recebido maior atenção desses noticiários, uma vez que não experimentam eventos violentos direta e diariamente.

Outro fator que merece ser considerado para compreender a elaboração desse discurso que define Boa Vista como um lugar tranquilo, mas violento ao mesmo turno, tem origem na percepção de abandono e desamparo das instituições do Estado às demandas dos moradores da região. Como diversas reivindicações antigas não encontram o devido amparo nas instâncias governamentais, os moradores vêm com desconfiança a garantia que o Estado oferece para a manutenção dessa tranquilidade atual.

A falta de eficácia nas ações do Estado se verifica nos relatos dos moradores, que revelam o escasso acesso a serviços públicos básicos como atendimento de saúde em Boa Vista. A ausência de um posto de atendimento para uso dos moradores da região e a falta de áreas de lazer para as crianças são citados em suas falas como exemplos do descaso das autoridades públicas para com sua população.

S13: Aqui tinha que ter um posto de saúde pra atender só ao pessoal. Se você passa mal tem que dar um jeito. Pede pra vizinho que tem carro pra levar. Já cheguei até a pedir pra policia que tava passando na ora pra levar mina mãe. Ela tem problema cárdico, aí você sabe. Eu não tenho como pagar plano pra ela, nem meus irmãos. Aí a gente fica nas mãos de deus. Todo dia a ente vê a roubalheira na televisão. Eles [os políticos] tão nem aí pra ente.

S1: Bem que eu queria levar minas crianças pra brincar. Mas não tem nada em Boa Vista. Em Itapoã tem, em Coqueiral. Mas aqui não nada. Nem uma pracinha. Lá no Boa Vista II fizeram uma pracinha muito boa, mas os vagabundo ficava fumando maconha lá. Hoje tá largada, destruída. Só dá marginal e 'craqueiro' lá, morador de rua. O bairro é bom, mas falta muita coisa. Prefeitura só promete. Vem aqui pedir voto e depois já era.

Pesquisador: Se você tivesse o poder de mudar somente uma coisa em Boa Vista, para tornar um lugar luar melhor?

S9: Eu acabava com a bandidagem. Acho que o governo podia fazer isso, mas não faz. O governo só faz o que quer, mas nunca olha pro pobre, pro trabalhador. Eu não confio em político. Entra prefeito, sai prefeito e a nossa condição fica aí. Porque não manda a policia pra fica aqui direto? Os policia aqui só fica pra lá e pra cá.

A falta de resposta aos anseios dos populares em Boa Vista pelos órgãos públicos, produz um sentimento de fragilidade frente aos acontecimentos diários que põe risco ao que lhe permite ter uma condição de vida minimamente digna. Esse sentimento de fragilidade leva o morador a temer ser vítima de eventos criminais violentos, pois não dispõe de meios suficientes para garantir sua segurança de maneira autônoma.

Como não confia na capacidade de as instituições governamentais atenderem a seus pleitos, sente que as entidades responsáveis pela manutenção do atual padrão de tranquilidade também não cumpre efetivamente a obrigação de promover a perenidade dessa tranquilidade.

S3: Rapaz, se tornar um criminoso ali é um garoto que não tem uma educação, o nosso Estado não dá uma educação aos filhos da gente. Então ali com certeza vai estar na mão do criminoso. Se o governo não coloca um curso, que não tem o menino vai querer ter as coisas. E como vai conseguir comprar se não tiver emprego? Olha eu tenho dois meninos um de 08 (oito) e um de 07 (sete) anos, não surge uma oportunidade. Já fui no CRAS pedindo um apoio de um curso para eles fazerem, não tem. Eles não orientam a gente e também, igual eu falei, não tem um lazer pra criança. Não tem um colégio de tempo integral, não tem. É só o normal de sete horas ao meio dia e acabou. Então, não no meu caso porque minha esposa trabalha como diarista e não atrapalha. E tem uma pessoa que toma conta dos meus garotos. Mas tem outras pessoas que não tem essas condições de colocar alguém pra tomar conta das crianças. O que ela faz ela deixa meio período no colégio ai nesse período de colégio ela deixa na mão de quem não conhece ai essa criança vai ser o que, vai se transforma em uma pessoa mal informada. Não estou dizendo que vai se tornar um vagabundo, mas há uma tendência de o tráfico começar a usar ele.

Andando pelas ruas de Boa Vista durante os seis meses da presença no campo para coleta de dados, foi possível perceber que a região é muito movimentada, com grande fluxo de carros e pedestres especialmente nos horários de pico pela manhã e a tarde. Não foi experimentada nenhuma situação que

oportunizasse perceber elevado grau de risco iminente a integridade física ou patrimonial, mas apenas certa apreensão em razão do que era relatado pelos moradores entrevistados.

O ato de entrar e sair das ruas e dos estabelecimentos comerciais em Boa Vista, era sempre realizado com muita cautela, mas tentando não deixar evidente tal conduta a fim de evitar qualquer evento desagradável. Apesar de todo o receio, todo o período presente em campo ocorreu de maneira tranquila.

Os locais considerados mais críticos são aqueles em que se verifica o comércio de drogas ilícitas, que são facilmente identificáveis, pois sempre há alguma pessoa de pé ou sentada assistindo a movimentação da rua e pronta para te atender, principalmente se reconhecerem que você é um cliente habitual. Em alguns pontos de venda era possível contar meia dúzia de indivíduos a espera da clientela, que vem de diversas regiões de Vila Velha de bicicleta, moto ou a pé.

As experiências no campo serviram para possibilitar a percepção de que o ato do comércio de drogas em si, ocorre de pacificamente. A violência que a população de Boa Vista atribui aos traficantes se deve as consequências das disputas entre grupos rivais pelo controle dos locais onde se desenvolve o comércio de drogas ilícitas na região, geralmente com o emprego de armas de fogo, que reafirma a ideia de que tráfico de drogas e violência só se relaciona na medida em que aquele se territorializa (MISSE, 2008, p. 383).

Os moradores de Boa Vista constroem a fala da tranquilidade em relação à conjuntura de um momento específico, em que diversos fatores contribuem para que acredite que essa situação é momentânea e passageira. Os moradores que alegam que o bairro é tranquilo hoje tomam como referencial comparativo o momento passado marcado por constantes eventos violentos.

Também afirmam que essa tranquilidade existe ao se comparar o que é noticiado pela mídia sensacionalista com suas experiências como vítima da violência na região de Boa Vista, daí a se dizer que sua rotina cotidiana é tranquila, pois é comparada ao que se vê pela TV e pelos jornais.

Assim, hoje Boa Vista é mais tranquila que na época passada e, Boa Vista é mais tranquila do que outros lugares que são noticiados como violentos e

perigosos, conforme as respostas dos entrevistados, quando perguntados sobre a razão pela qual atribuem a vida em Boa Vista como envolta de tranquilidade.

S7: Tranquilo, tranquilo, não é. Mas já foi pior com toque de recolher, guerra de trafico, tiroteio. Não sei por que, mas dizem que acabou, mas parece que a policia prendeu todo mundo aí. Eu duvido porque ali no meio rola muita droga que eu sei só passar por ali que você vê. Mas a policia prende, ou morre, mas outro vem pro lugar. É dinheiro fácil e esses aí querem nada, só dinheiro fácil.

S9: Você não vê mais Boa Vista no jornal. Você vê Ilha dos Aires, Santa Rita, Vale Encantado. Esses dias mesmo passou no jornal lá não sei onde na Serra que teve ente morta com um monte de tiro, que em não sei onde teve preso com droga. Tá geral a violência. mas aqui no Boa Vista tá tranquilo. Já foi tenso, mas aqui tá mais tranquilo que por aí.

S11: É só você andar por aí pra ver que hoje você pode andar tranquilo. Acabou a guerra. Antes era tiro todo dia, gente morta de dia. As crianças que saiam do colégio passa e via o corpo estirado no chão. Tina virado rotina. Mas aí o tempo passou e deu uma acalmada, mas sempre rola uns tiro. Mas deu um diminuída boa, sentes era terrível. Muita gente boa se mudou daqui por causa da violência.

S1: A tranquilidade é você circular por aí e falar com os vizinhos, conversar na padaria, no barzinho. Isso pra mim é tranquilidade. Você vê por aí vagabundo botando o terror, todo dia passa no jornal só coisa ruim. Boa vista tá tranquilo.

Apesar de afirmar a tranquilidade de se viver em Boa Vista, o morador continua inseguro e receia quanto à garantia dessa tranquilidade. Os moradores de Boa Vista entendem que a situação da região no que tange a criminalidade violenta melhorou, no entanto o medo da violência se mostra presente em suas rotinas cotidianas, não ao fato de que esteja envolvida por eventos violentos, mas decorre da desconfiança que tem no aparato estatal responsável pela manutenção da situação atual.

S10: Você tá ligado que os polícias roda por aí, né. Eles ficam por aí direto, pra cima e pra baixo na baratinha deles. Mas eles passam olham e vão em bora. O pessoal já tá esperto com eles então não podem vacilar, tá ligado. Eles não protegem nada, porque quem quer fazer alguma coisa fica de olho neles, espera eles virar as costas pra fazer o que quer. Porque quando quer bagunçar mesmo vem a GAO, ROTAM, BME. Esse vem pra acabar com a festa, agora esses das baratinha, dá nada não.

S5: A policia tinha que vir aqui conversar com o morador, porque a gente sabe como é que as coisas acontecem. O problema é que tem gente que vai ter medo depois de ser chamado de 'xis nove' e aí o 'tráfico passar o ferro'. Mas do jeito que tá vagabundo tá rindo a toa, porque a polícia não acaba de vez com eles. Se quisesse acabar era só fechar o bairro, colocar dois policiais em cada esquina aí eu ia querer ver. Mas do jeito que tá os vagabundo tão rindo a toa, porque a polícia só chega depois que as coisas acontecem.

Neste sentido, se percebe que o morador entende que a tranquilidade é frágil à medida que “a polícia só chega depois que as coisas acontecem”. Assim sendo, supomos que o morador de Boa Vista acredita que há elevada probabilidade da ocorrência de eventos violentos, especialmente nas áreas descritas como as mais perigosas da localidade.

Pode-se entender que essas falas contraditórias são construídas principalmente em razão dos intensos conflitos armados no bairro que ocorreram em um passado recente e pela desconfiança geral dos moradores nas ações do Estado, pois o aparato do sistema de “segurança pública não dá respostas efetivas e nem oferece garantias de proteção à vida e ao patrimônio” (BAIERL, 2004, p. 62).

Somados a presença constante de traficantes de drogas no bairro, o morador acaba por acreditar que um evento criminal violento pode acontecer de súbito e interromper a tranquilidade de suas rotinas cotidianas na atualidade.

Essa tranquilidade fragilizada é verificada também no relato de um operador de segurança pública que reside em Boa Vista, uma vez que ele se contradiz, pois por um lado afirma confiar plenamente na capacidade de o aparato policial em garantir a manutenção da tranquilidade local. Todavia, não se sente seguro de andar ostentando seu uniforme por suas ruas, pois quando perguntado se ele se sente tranquilo ao transitar pela região vestindo sua farda, ele respondeu:

Pesquisador: Seus vizinhos sabem em que você trabalha?

S4: Os meus vizinhos sabem, mas eu não fico divulgando pras pessoas, né. Eu chego e saio de casa fardado, mas dentro do carro. Não fico andando fardado pelo bairro não.

Merece o devido destaque, que esse mesmo morador também disse, conforme anteriormente citado, que um dos fatores que o levam a entender que a vida local é de qualidade se baseia na constante presença da polícia na região.

Os moradores de Boa Vista organizam suas falas acerca da tranquilidade com base em um antes e um depois, ou seja, antes do período marcado pelo conflito pelo controle do tráfico na localidade e depois que os eventos violentos associados a “guerra” terminaram.

A demasiada desconfiança dos moradores quanto à manutenção dos acontecimentos dentro que consideram tranquilo, os leva a entender as rotinas cotidianas de Boa Vista como imprevisíveis e instáveis. Todavia, não se pode ainda afirmar que tal situação isolada seja um indicativo de que apesar da ordem institucional-legal vigente, os moradores adotam a violência urbana como referencial de organização de suas condutas (Silva, 2008, p. 38).

Apesar de temida pelos moradores de Boa Vista, pelo que foi possível apresentar até o momento, não revela indícios suficientes para que se afirme que a representação da violência urbana esteja na origem das expectativas gerais de suas rotinas cotidianas (SILVA, 2008, p. 36).

Embora ainda seja momento muito precoce para fazer qualquer apontamento mais conclusivo frente aos demais elementos a serem vislumbrados ao longo deste texto, não evidenciamos ainda os indícios que apontam para a produção de uma sociabilidade violenta (SILVA, 2008), em razão do que foi até aqui abordado.

Neste item, buscamos revelar essa questão paradoxal presente no discurso dos moradores de Boa Vista, que descreve seu local de moradia tranquilo, ao passo em que a violência criminal é apontada como seu mais grave defeito. A seguir, passamos a discorrer sobre outro paradoxo verificado nos relatos dos entrevistados, pois conforme captamos das falas dos sujeitos, ficar perto de tudo tem suas vantagens e desvantagens.

3.2 FICA PERTO DE TUDO

O fato de Boa Vista ocupar uma posição geográfica central, entre as regiões mais valorizadas da cidade de Vila Velha, é também apontado por seus moradores como uma característica que possui seus prós e contras.

“Fica perto de tudo” é um termo utilizado pelos moradores de Boa Vista para definir a sua localização como central no espaço geográfico da cidade de Vila Velha, como favorecido à medida que se encontra próximo a outros bairros habitados por uma população de maior renda.

Esse fator é visto como um benéfico pelos moradores, uma vez que a localização facilita o seu acesso a serviços e estabelecimentos comerciais, presentes nos bairros ao redor. Em contrapartida, essa proximidade seria um atrativo para que os consumidores que habitam os bairros de maior renda venham a Boa Vista, em razão da proximidade, interessados na oferta de drogas ilícitas, contribuindo para a evolução econômica dos traficantes.

Assim, o ponto positivo de seu local de moradia é a localização privilegiada, em uma região central de Vila Velha que facilita o acesso especialmente a serviços de caráter comercial, facilitando assim sua vida cotidiana por não demandar muito tempo para seu deslocamento. Serviços como farmácia, padaria, supermercado, escolas, faculdade e mais recentemente um luxuoso shopping estão posicionados a poucos minutos de caminhada de suas casas, no próprio bairro ou nos vizinhos.

S2: É tudo muito perto. Padaria tem ali perto, farmácia tem ali perto. Se você quiser ir pra hospital, o 'Santa Mônica' é ali perto. O shopping é ali perto, a universidade é perto. Tem tudo no bairro.

S9: Ser próximo à faculdade, o supermercado, a praia. O bairro é muito bem localizado. Localização do bairro é excelente.

S4: É perto de tudo. Se não fosse a questão do tráfico seria nota 10. Tem o supermercado perto, supermercados grandes, praia, farmácia, tudo perto e um do lado do outro, então não tem muita coisa com que se preocupar. Tudo perto, tudo você vai a pé.

Mas por um lado, alguns moradores relatam que há um preço a se pagar por esse privilégio geográfico. Ocorre que o fato de estar situado entre bairros de classe média e alta, torna os pontos de comércio de drogas ilícitas presentes em Boa Vista um atrativo para os consumidores que os habitam.

Para os moradores, certa parcela de usuários que formam a clientela do comércio de drogas local é formado por pessoas de outros bairros de melhor renda e pelos estudantes da Universidade Vila Velha, presente em Boa Vista.

A escolha de se comprar a droga ali seria em razão da proximidade ao seu local de moradia, estudo ou trabalho, talvez na intenção de manter sua condição de usuário em sigilo, pois se corre menor risco de ser descoberto por pessoas conhecidas.

S5: Acho que quem vai comprar são pessoas de fora. O bairro já virou referência, assim como outros bairros Santa Rita, Soteco. Cada bairro tem ali um lugar específico de tráfico de drogas, mas a playboizada prefere Boa Vista porque é mais perto.

S4: A localização do bairro, por ter uma boa localização ali, perto de Coqueiral, da Praia da Costa, perto da Glória, facilita esse trânsito de pessoas, favorece a prática de atividades delituosas ali, que favorece a ocupação dessa área por essas pessoas.

S3: Passa a pessoa e compra. Não é pobre que vem ali não. Passa aqueles caras da faculdade que bancam eles, infelizmente. Por isso que o tráfico vai se desenvolvendo e vai crescendo. Os filhos de papai vem de fora e vem comprando mesmo. Na tora. Passam na rua assim e toma, vai entregando, abaixa o vidro e vai pegando.

S10: Eu que sô eu, vô ali em Itapuã no supermercado a pé pra comprar arroz e feijão, o filhinho de papai vem de carrão compra bagulho aqui. É tranquilo. Parô, pagô, levô.

Os moradores entendem que os benefícios e facilidades para realizar as atividades de sua vida cotidiana, oportunizada pela boa localização de Boa Vista entre outros bairros de maior renda média e com comércio diversificado, seria a mesma lógica seguida pelos usuários e traficantes.

Como no relato anterior citado, da mesma maneira que certo indivíduo busca o comércio de outra localidade em razão da proximidade e da qualidade dos serviços prestados, no mundo dos usuários de drogas ilícitas a lógica não seria diferente, tornando Boa Vista em uma espécie de vitrine ou grife no contexto de Vila Velha.

A liberdade de locomoção dos indivíduos entre os diversos bairros da região é evidente nesses relatos, pois se percebe das falas dos moradores de Boa Vista que é absolutamente normal pessoas de outros bairros transitarem livremente em busca de satisfazer seus interesses comerciais. Isso revela que os moradores de Boa Vista não sentem cerceados, senão eventualmente em razão da atuação dos grupos armados ligados ao comércio de drogas.

Verificamos que a limitação ao trânsito de pessoas por Boa Vista não se deve a imposição de terceiros, ou seja, não há uma restrição constante quanto ao tráfego pelo local, mas muitas pessoas evitam as ruas do bairro em razão do medo pessoal de se tornar vítima de eventos violentos, tema que será abordado com mais critério no Capítulo IV.

No entanto, apesar de não ser constante, a coação quanto à circulação ou a permanência de pessoas na região ocorre eventualmente. Tal fato se verifica na fala do morador que revelou já ter presenciado pessoas sendo expulsas de suas casas ou obrigadas a se mudar do bairro em virtude das ameaças de morte que sofreram, por estarem interferindo ou ao menos não colaborando com certos interesses do tráfico.

S8: Violência aqui tá demais. É o tráfico. Isso a gente ouve direto, que alguém saiu fora por causa do tráfico. Pessoas que são obrigadas a sair de suas casas. Já vi gente mudando aí, porque os caras mandaram sair fora. Traficante [que ordenou]. Mudaram, pois não estavam condizendo com a situação. Se o cara não serve [aos traficantes], ameaçam e ele vai embora com medo. Só nessa rua de trás já foram três. Três famílias saíram fugidas. Aí, quando acabou a guerra teve uns que voltaram pra cá.

Quanto à liberdade de locomoção em Boa Vista, há certa distinção ao que é citado por Machado da Silva com relação a um “confinamento territorial” (SILVA, 2008, p. 13), que seria uma das bases para a produção do fenômeno da sociabilidade violenta.

No caso específico de Boa vista, não obstante haver esse “desfrute regular e continuado da liberdade elementar de ir e vir” (SILVA, 2008, p. 14) por suas ruas, verificamos no relato exposto que eventualmente certas pessoas têm seu direito de ir, vir e permanecer cerceado pelo tráfico local.

Há ainda a restrição quanto a locomoção e permanência em razão do medo e desconfiança sempre presentes nas rotinas cotidianas do bairro, oriundos do receio da iminência de um evento criminal violento.

A apesar de bem localizada conforme as falas dos moradores, a região é evitada pelas populações que residem em outras localidades em virtude má imagem de que tem de Boa Vista.

Apesar desse fator territorial se verificar em Boa Vista em situação diversa ao observado por Machado da Silva nas Favelas cariocas, onde os moradores vivem em uma “contiguidade territorial inescapável com bandos armados” (SILVA, 2008, p. 12), as duas realidades têm em comum que “o medo se reifica e se especializa nos perigos imputados aos territórios da pobreza”, vistos por determinados segmentos da população como “lugares prenhes de uma violência descontrolada” (SILVA, 2008, p. 14).

Isso corrobora para o argumento que pretendemos desenvolver ao longo dos itens descritos a seguir, de que é possível que a sociabilidade violenta se produza em dado contexto social, mesmo que com algumas reservas, bastando que questões fundamentais do conceito exposto por Machado da Silva (2008) sejam passíveis de comprovação.

Feitas essas considerações, prosseguimos apresentando as perspectivas dos moradores de Boa Vista sobre seu local de moradia, agora focalizados nas questões que tangem a infraestrutura da região.

3.3 INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS PÚBLICOS

Em Boa Vista atualmente todas as ruas são pavimentadas e contam com um razoável sistema de iluminação pública. A região também é atendida por serviço de coleta de lixo e limpeza urbana que segundo os moradores atende com regularidade satisfatória.

Os edifícios da região, quase que em sua totalidade são construídos em alvenaria, possuem rede de coleta de esgoto, água encanada e rede de energia elétrica. Chama à atenção a quantidade de edificações que possuem antenas receptoras de sinal de televisão pago, presente em quantidade expressiva.

A região conta com escolas do ensino infantil ao médio, possui uma linha de ônibus urbano que a percorre em seu itinerário e um campo de futebol gramado que é o único local destinado ao lazer que se encontra em condições de uso. Certamente, as condições de infraestrutura básica dos moradores de Boa Vista se encontram em uma posição mediana no contexto de Vila Velha.

No entanto, nas falas dos moradores se percebe há a demanda por intervenções mais efetivas não somente para melhorar o aspecto urbanístico e estrutural da região, mas de promover a elevação em sua qualidade de vida.

Assim como a população de outras regiões de Vila Velha, os moradores de Boa Vista reclamam das dificuldades que encaram quando o assunto é o acesso a bens e serviços públicos de qualidade.

As instituições estatais não estão atendendo de maneira satisfatória as reivindicações dos habitantes locais que anseiam principalmente por melhor acesso a atendimento de saúde e lazer, além de um serviço de segurança pública mais eficaz que ponha fim ao tráfico de drogas no local.

S4: Hoje tem mais casas e escola. Hoje tem escola municipal e do Estado, que não tinha. Sobre melhoria de colégio, meus filhos estudam então isso eu não posso questionar. Tô falando assim, em termos de segurança tá péssimo.

S13: Eu mesmo passei mal, minha pressão aumentou e quando cheguei lá no pronto atendimento da Glória, infelizmente tive que voltar pra casa sem ser atendido. Aí logo em seguida a minha mãe e minha esposa. Você chega lá não tem médico e você tem que se deslocar lá pra Cobilândia. Então chega em Cobilândia aí você tem outra decepção.

S9: Minha esposa grávida precisei do SAMU, que é outra área também que meio crítica, aí não atende a gente bem. Eles te pedem tanta informação. O medico conversa com a gente pelo celular fala o diagnóstico ali e dizem que o Samu não pode ir porque só vai em caso de plena necessidade como tiro, facada, ou acidente e pedem pra a gente procurar a ambulância da comunidade.

S3: O que tem de bom ali, pra falar a verdade, não tem uma área de lazer pra criança, nem em Coqueiral nem em Boa Vista, nem em lugar nenhum aqui em Vila Velha. Por que se a gente quer sair com o filho vai só pra praia mesmo, porque investimento não tem. Não tem um lazer pra você levar a criança pra brincar de bola, eles só se preocuparam em fazer um campo pra comunidade, mas não pra comunidade, tipo assim, fizeram um campo de futebol, e aí vem uns pessoal de outros bairros e aí jogam. Mas um lazer pra criança não tem.

S2: Só tem o campo e o campinho do lado. E a creche que as crianças usam pra brincar. Tinha uma quadra, subindo no morro aqui reto e lá no Boa Vista II, também tem uma quadra que tá abandonada.

S7: O transporte é ruim. Se você quiser se deslocar pro terminal de Vila Velha, você tem que ir a pé até o INSS, ou senão até a UVV, pegar um ônibus pra você ir mais rápido. Agora se você quiser prolongar mais a distancia é o terminal do Ibes. É bem complicado.

S6: Em termos de você se deslocar pra um médico é complicado, porque você tem que pegar o ônibus 'Boa Vista' e ir para o terminal. Eles deslocam um ônibus que faz a principal ai da rodovia e você tem que ir para o terminal do Ibes e pegar outro que vai para o terminal de Vila Velha.

Apenas um dentre todos os sujeitos entrevistados citou acreditar que um o motivo para a escassez de investimentos para melhoria da infraestrutura no bairro se deve a sua imagem ruim:

S5: A falta de investimento em infraestrutura por parte da prefeitura no bairro. É por ser habitado por pessoa de má índole, que já vem desde lá atrás.

Ademais, nenhum dos outros doze entrevistados asseverou que os eventos criminais ocorridos no bairro, que contribuíram para manchar sua imagem, têm reflexo na falta de investimento público e na redução do interesse da iniciativa privada.

O abandono que marca a relação entre as diversas instâncias do Estado e a população da região faz com que os moradores de Boa Vista desenvolvam uma espécie de insegurança existencial, pois se sentem desamparados por aquele deve ser o responsável pela satisfação de suas demandas.

Uma hipótese que nos parece plausível é a de que esse sentimento leva os moradores de Boa Vista a direcionar toda a sua insegurança existencial para a insegurança violenta, pois vêem nos traficantes o motivo de todas as aflições que atingem suas vidas.

Assim, “os sentimentos de insegurança e a falta de segurança, a impunidade, a falência das organizações que deveriam garantir os direitos do cidadão e a segurança são estopins do medo e do sentimento de insegurança generalizado” (BAIERL, 2004, p. 41). Então o morador tende a culpar aquele que vê como responsáveis pelo não atendimento de suas demandas como a origem do mal, canalizando suas críticas ao anseio por segurança.

O Estado quando não se mostra capaz de atender aos anseios da população gera o medo no indivíduo de não ter o devido amparo em situações extremas. Logo, a fala crítica quanto à sua ineficiência em garantir as condições básicas para uma vida com dignidade, materializada na falta de investimentos em infraestrutura na região, é associada ao medo da violência.

Tal fato faz com que os moradores de Boa Vista relacionem seu estado de insegurança existencial, com a criminalidade violenta que decorre das ações dos grupos armados ligados ao tráfico de drogas, tornando este “o grande responsável pelas mudanças que afetam a continuidade das rotinas cotidianas” (SILVA, 2008, p. 37).

Assim, o morador que não tem envolvimento com o tráfico de drogas local faz questão de se diferenciar de qualquer característica que o associe a suas ações. Ao mesmo tempo em que busca se afastar daqueles identificados como traficantes,

o morador busca manter uma relação de proximidade com aquele identificado como igual.

Conforme veremos no item que sucede a este, os moradores de Boa Vista alegam manter boas relações com seus vizinhos. Ponto este que diverge daquilo é apontado como uma das consequências da sociabilidade violenta que a generalização da desconfiança. Não que a desconfiança não exista nas relações sociais em Boa Vista, pelo contrário. Ocorre que, no caso de Boa Vista a desconfiança não é generalizada, mas seletiva.

3.4 VIZINHANÇA

A região de Boa Vista é uma área urbana que apresenta um considerável adensamento populacional¹⁰, mas conserva um atributo em específico que geralmente é relacionado a regiões interioranas com aglomeração mais esparsa de pessoas. Este atributo se verifica nas falas dos moradores entrevistados que alegam que em Boa Vista “todo mundo conhece todo mundo”. Essa forma de conhecimento permite que o morador elabore um mapa de risco social, onde são identificados aqueles indivíduos entre os quais se podem manter uma relação mais próxima e íntima.

S3: Os vizinhos são beleza. Os vizinhos da minha rua ali são unidos e atenciosos. Quando um precisa do outro eles apóiam. Vamos supor, se eu tô sendo lesado por um meliante ali, por um vagabundo, eles são os primeiros a se a manifestar e ajudar. Em caso de doença eles ajudam a cuidar e a levar pro hospital.

S5: No meu quintal é uma casa só, com vários vizinhos ao lado. Então na minha vizinhança são todos gente boa, você pode chegar e conversar, entendeu, pode bater um papo tranquilo, que não vai dar em nada. Só saber chegar de boa.

À medida que o conhecimento mútuo entre os habitantes tem sua origem nas experiências cotidianas no espaço público do bairro, possibilita a ocorrência de uma espécie de seletiva social, cuja resultante dependerá da identificação do indivíduo como semelhante ou não semelhante, onde os semelhantes são aqueles com os quais não há restrição alguma quanto à relação social mais próxima.

¹⁰ Conforme informações da Secretaria Municipal de Orçamento e Gestão de Vila Velha (2013, p. 22), a quantidade de moradores por hectare é a seguinte: Boa Vista I 9,12; Boa Vista II 20,79; Vista da Penha 4,51.

Essa seleção não ocorre por questões de afinidade, onde aqueles que possuem interesses em comum interagem motivados pela vontade de satisfazê-los. A seleção daqueles que irão compor seu círculo social mais próximo tem por parâmetro a representação da violência urbana, identificada na figura do traficante de drogas. Neste sentido, aqueles identificados como não semelhantes, que seriam os indivíduos cuja relação social é indesejada, resta à adoção de determinadas medidas que tenham por finalidade o distanciamento social, mediante um processo definido como “limpeza simbólica” (SILVA e LEITE, 2007, p. 574 – 575).

Discernir quem é do “tráfico” de quem não é, torna-se de fundamental importância no contexto observado, pois é esse o processo que permite ao morador tecer uma rede de relação social dentro de certa margem de segurança que entende como menos arriscada frente às ameaças oferecidas pela violência urbana e, em consequência, o possibilitará maior liberdade em suas condutas, bem como evita ser identificado com os indesejados traficantes.

Aqueles que alegaram não possuir envolvimento com o tráfico de drogas, disseram que mantêm uma relação próxima com seus vizinhos, desde que sejam identificados também como alheios às atividades associadas ao tráfico de drogas. Esse processo de limpeza simbólica verificado entre os moradores de Boa Vista, foi identificado entre os moradores das favelas cariocas, ocasião em que se afirmou que “os moradores não só reconhecem que as quadrilhas de traficantes fizeram das favelas um local de violência, como deles fazem questão de se separar” (SILVA e LEITE, 2008, p. 56).

S7: A relação entre vizinhos chega ser tão boa e tão próxima que acaba sendo uma convivência muito boa. Nasci ali e sempre morei no Boa Vista. Meus amigos são tudo daqui. Mas sempre tem a maçã podre, né. Sempre tem um que acha melhor a vida fácil. Aí você é criado com ele na rua, nas brincadeiras, mas tem que se afastar. Fazer o quê, né?

S4: As próprias mortes que acontecem ali devido ao vizinho que mata o outro, devido a ter todo o tipo de pessoas ali. Tem muitas pessoas que moram ali que fazem parte do tráfico, enfim. Aí tem armas, por exemplo, né, a pessoa tem arma e vai e tem uma discussão com vizinho e fala que vai pegar a arma. Que nem essa semana mesmo que eu vi lá, o cara deu um tapa no vidro do carro do outro cara lá, aí o cara correu, aí o outro cara falou: ‘eu vou lá em casa buscar não sei o que lá’. Aí o cara entrou para dentro de casa e saiu de lá o cara sem camisa, com a camisa embolada, assim. Aí o cara entrou no carro e saiu atrás do outro lá para baixo. Ocorre uns negócios estranhos assim, entendeu.

Mas nem todos os moradores são de fato conhecidos pelos demais, uma vez que há certa rotatividade de parcela da população de Boa Vista. Em razão da universidade lá situada a região é um atrativo para servir de moradia para estudantes, especialmente os oriundos de locais mais distantes, que se estabelecem nas proximidades da universidade durante o período estudantil.

O único morador entrevistado que reside em um prédio quase que exclusivamente habitado por esta população flutuante, destacou que acredita que o estreitamento dos laços afetivos não ocorre em razão do pouco tempo que geralmente o morador estudante permanece residindo lá. No entanto, os moradores estudantes temporários não são vistos por ele com desconfiança.

S6: O meu prédio é daqueles de oito andares e é o mais próximo da 'UVV'. Então o meu prédio é um prédio universitário. Então ele tá sempre mudando de gente, todo semestre você tem alguém diferente na sua porta. A gente vê muito pouco. O seu vizinho a gente vê durante um semestre. Quando você para pra ver já tem outra pessoa morando e entrando naquela porta, entendeu. Dá pra contar nos dedos as famílias que entraram junto com a gente e tão lá até hoje. Mas é jovem, barulho sempre tem. Mas são bem educados.

Interessante destacar que os resultados obtidos por nossa pesquisa colidem frontalmente com sua hipótese inicial, que previa que as relações mantidas entre moradores em Boa Vista e, entre estes e os de outras localidades, seriam superficiais e distantes, marcadas por uma desconfiança generalizada produzida em consequência da sociabilidade violenta, enquanto ordem social instituída, que seriam a causa da “incomunicabilidade e do esgarçamento das tradicionais relações de vizinhança produzidos pelo medo e pela desconfiança” (SILVA, 2008, p. 45).

No entanto, aparentemente a desconfiança quanto às pessoas desconhecidas não extrapola ao que se pode verificar em outros contextos sociais, conforme foi possível aferir durante a presença no campo, pois os moradores de Boa Vista são comunicativos e em momento algum pode se perceber que evitam o contato com desconhecidos.

O que se pode constatar é que os laços sociais afetivos entre vizinhos existem e a desconfiança não é generalizada, como a hipótese inicial da pesquisa indicava, mas seletiva. Os moradores entrevistados disseram ser importante saber com quem se relaciona e escolher em quem confiar, com base em suas experiências nas rotinas do bairro.

Assim, a desconfiança dos moradores não é algo geral, mas direcionado a quem identificam como envolvido com o tráfico de drogas, é dirigida para os integrantes do “tráfico”, de quem buscam se afastar mediante ao citado processo de limpeza simbólica, por meio do qual os moradores se esforçam para demonstrar ser “pessoa de bem” (MISSE, 2008, p. 381).

S10: O pessoal do tráfico já são conhecidos. Se tá ali toda hora, já é suspeito, né. Pra mim eles devem pensar: ‘ou tá aqui comprando droga, ou tá começando a se envolver, querendo saber mais coisa’. E assim vai. Eu tenho uns amigos aí que tá nessa vida, uns tá preso, outros já foi morto. Alguns ainda tá nessa vida. Fica ali no meio dos moleques do movimento, se bater polícia vai junto. Se rolar guerra, vai junto também. Então, se você não é do tráfico, melhor sair fora.

O excerto exposto a seguir é um relato captado de um morador sobre certa situação desagradável ocorrida no prédio em que reside. Apesar de afirmar inicialmente que nunca se envolveu em situações desagradáveis com sua vizinhança, expressa a heterogeneidade das pessoas que a compõe.

Sua fala atribui créditos a sua vizinhança próxima, ao passo em que os demais moradores do bairro são vistos de maneira negativa. Merece registro, que esse relato foi o único momento no campo em que foi possível obter uma reclamação de um vizinho para com outro, que conforme sua alegação, ambos não são com o tráfico de drogas.

S4: Nunca tive problema com vizinho. Agora, problema entre vizinho eu já vi já, vários. Tenho tudo quanto é tipo de vizinho, né. É muito heterogêneo. De diversas classes sociais e com nível cultural diferente. Tem cara que mora em Boa Vista que tem Hilux e S-10 zero, que moram ali, também. É um bom local né, um local com boa localização. O problema são os moradores e a falta de investimento por parte da prefeitura, não tem assessoria quase da prefeitura. Não tem um projeto urbano, no caso. Nos prédios lá, o cara pega uma área e constrói uma garagem pra ele. Aí, depois o cara vai e faz uma casa em cima da garagem. Lá no meu prédio [no terreno de propriedade do condomínio] o cara construiu uma casa de três andares. Aí fez uma folha lá, um documento, perguntando quem era a favor ou contra a construção daquela casa lá. Aí eu falei: ‘eu sou contra, não concordo, pois essa área é do prédio. Você invadiu essa área e construiu uma casa. Você não vai pagar IPTU, não paga o condomínio por aquilo ali e você vai vender aquilo ali como se fosse, entendeu, um imóvel seu.

Frente ao exposto até o momento, algumas questões merecem reflexão: A convivência entre vizinhos é de fato tão pacífica e amigável? O fato de não ser morador de Boa Vista, fez com que os moradores entrevistados omitissem o um possível descontentamento com a vizinhança? No relato exposto acima, se o

morador reclamado fosse conhecido como envolvido com o tráfico de drogas, será que o reclamante teria adotado a conduta que alegou?

Por falta de elementos que baseiem um posicionamento conclusivo acerca dessas questões, a hipótese que surge é que, provavelmente se aplique as questões elencadas, seria dizer que em Boa Vista há a vigência de uma espécie de lei do silêncio tácita, que tem por finalidade “manter as aparências e esconder dos de ‘fora’ os aspectos menos abonadores da vida local” (SILVA, 2008, P. 45).

No entanto, é necessário se afirmar que o momento permite apenas ter tal perspectiva como uma hipótese, haja vista os assuntos que ainda serão enfrentados nos capítulos a seguir.

3.5 INTERVENÇÕES URBANAS NO ENTORNO

As recentes intervenções urbanas que ocorreram em Boa Vista, especificamente em seu entorno, transformou uma região periférica e pouco procurada em uma localidade com grande circulação de pessoas provenientes de outras partes da cidade.

Atualmente, em um prédio construído há poucos anos em Boa Vista II, em frente ao *campus* da Universidade Vila Vela, funciona o fórum municipal. Na quadra ao lado de onde está localizado o fórum, encontra-se atualmente em fase de acabamento, a construção de um edifício que sediará a unidade do Ministério Público Estadual no município. Não fosse o bastante, o edifício que serve de sede para a administração do Município de Vila Velha está situado em um bairro vizinho, em Coqueiral de Itaparica, a uma distancia não superior a um quilometro dos edifícios citados.

Logo, não há dúvidas quanto à importância dessa região no contexto político de Vila Vela.

A concentração das edificações que sediam essas instituições em uma proximidade sem precedentes, aliado a construção de um grande e luxuoso shopping nessa mesma região, encheu os moradores de Boa Vista de esperança

quanto à possibilidade de que, enfim, as condições de infraestrutura e serviços públicos no bairro evoluíssem para uma situação mais satisfatória.

É fato que muitas mudanças ocorreram nas vias onde estão situadas as instalações citadas, em um processo denominado como gentrificação (CALDEIRA, 2011, P. 36), que buscou enobrecer a região afetada, modificando inteiramente o aspecto do ponto de vista urbanístico e viário. Entretanto, apesar dessas intervenções terem alterado sobremaneira as vias públicas que servem de acesso aos edifícios citados, o interior do bairro não foi contemplado.

S5: Eu tava esperando que essa obra do shopping fosse criar uma puta de uma imagem sobre o bairro, que o bairro vai valorizar, vai engrandecer o bairro, os moleques já não vai ficar nessa bandidagem. Mas continua a mesma coisa. Porque antigamente onde era o shopping ali era um lixão. Ali melhorou muito. Agora é uma avenida grandona, antes era só um trechozinho que levava a rua principal do fórum. Hoje em dia você vê duas pistas de mão e contramão. Você chega ali e fala: 'não tô no Boa Vista, pô, tô em Vitória'.

S7: Porque na verdade o que interessa pra tá melhorando é o que o povo vai tá vendo, porque se chegar alguém de Vitória pra visitar o shopping ele não vai entrar no meio de Boa Vista. Ele vai ver o shopping e vai ver o que tem por fora. Ele vai ver o fórum, ele vai ver a 'UVV', vai ver o 'INSS', mas ele não vai entrar. Então não é negócio, não é interessante modificar lá dentro. Maquia do lado de fora e o povo vai ver que tá tudo bem, mas se você for entrar realmente lá dentro você vai ver que não tá muito bem assim. Ainda tem muita coisa pra poder melhorar em Boa Vista.

S13: Acho que junto com o fórum, a ampliação da UVV e a chegada do shopping, ali naquela região, acho que deu uma melhorada significativa. Ali onde é o shopping hoje era um lixão. Mas aqui dentro nas ruas do bairro, continua o mesmo. Construíram um posto da guarda municipal ali no shopping, mas quem diz que vem aqui?

S8: O policiamento tem sido mais intensivo, devido ao fórum ali, né. E o shopping também, né, que tá atraindo mais policiamento para área ali, para coibir ali os roubos e coisas desse tipo. Antes da construção do fórum e do shopping a policia só passava em caso de ocorrência, de algum assassinato. Como tem grã-fino circulando pelo bairro, tem que ter mais policia. Agora então que tem até juiz aqui no bairro, eles quer dar uma limpada por ali.

Para os moradores, as alterações que ocorreram em decorrência da implantação dos edifícios citados, aliados a ampliação e reforma do *campus* da UVV, melhoraram as condições de Boa Vista.

No entanto, não acreditam que o shopping foi construído para atender a eles, em razão dos produtos e serviços ofertados que estão além do poder de consumo que disponibilizam. Esse é inclusive o motivo que expõem ao dizer que não tem o costume de freqüentá-lo.

Outra crítica feita pelos moradores se dirige a um posto da Guarda Municipal de Vila Velha, instalado em uma extremidade de Boa Vista II ao lado do shopping. Assim como o shopping, os moradores dizem acreditar que aquele posto não foi construído para atender a comunidade, mas sim a pessoas de outras localidades.

S6: Então as coisas de bom ali, o único que surgiu foi o shopping, que ali é uma coisa, uma novidade pra gente que foi ótimo. Mas eu não vou no shopping. Tudo é caro e eu não tenho como ir lá e levar meu filho, sabe como criança é tudo que ver quer.

S3: Eu não uso o shopping, porque infelizmente a situação financeira não permite sempre, né. Mas alguma vez levar os filhos da gente e a família. Mas em termos de você curtir um cinema, você curtir uma coisa boa ali, um lazer, você não tem como, porque o custo é muito alto. Vizinhos sempre questionam, porque é como eu falei o que tem que ter ali é uma área pro pessoal do bairro, assim, um parque, um evento diferente, não sei. Alguma coisa que possa atrair turismo e a gente, igual eles fazem na praia. Mas eles não investem muito no bairro, ali, muito pouco.

S3: Aquele posto é apenas por política, pra dizer que tem trabalho de guarda municipal. Pro povo de outros lugares não ter medo daqui. Mas eu não vejo, não só em Boa Vista, mas em Soteco ou em Santa Mônica. Eu rodo tudo e não vejo a guarda municipal atuando nessa área do crime, como a guarda municipal de Vitória, infelizmente.

S8: O postinho não melhorou nada pra nós do Boa Vista, pois a prefeitura não trabalha com a policia militar. Você só vê guarda municipal na Praia da Costa ou em Itapuã, aqui no bairro você não vê. Eles colocaram o posto ali, mas o guarda municipal não se desloca, fica parado ali. Você não vê eles rodando no bairro.

S5: Ainda acontece com frequência ali perto do shopping, perto do fórum mesmo. O pessoal sai da faculdade que é ali do lado do fórum e é assaltado. Ai a policia vem pra tentar conter isso, porque tem três imagens aqui que é a da UVV, do fórum e do shopping e eles não podem derrubar essa imagem, né. Essa imagem boa, mas acontecem alguns assaltos. É perigoso ali a noite. Eles criaram uma imagem tão boa do shopping, mas eles não cuidam ao redor. Então a bandidagem acaba crescendo em cima disso. Mas eu creio que não seja o pessoal de Boa Vista, porque assalto dentro do bairro não tem. Os meninos de dentro não assaltam dentro do bairro. E quem assalta se os meninos souber eles acabam matando. Porque eles não aceitam. Tem a lei deles. Assaltar dentro do bairro, roubar dentro do bairro, não pode.

Apesar de bem vistas pela maioria dos moradores de Boa Vista, as recentes mudanças na estrutura urbana ocorrida na região, seus relatos reafirmam a desconfiança que tem quanto aos investimentos públicos e privados destinados ao bairro.

Como as alterações se limitaram as vias que compreendem os arredores, não alcançando assim o interior do bairro, os habitantes entendem que foi criado ali

é uma espécie de maquiagem que visa ludibriar quem observa de fora e não alterar de fato a realidade local. Assim, tendem a expor que compõem o público alvo das melhorias promovidas.

Mais uma vez, o descrédito da imagem local em razão do perigo oferecido pela presença do tráfico é apontado como o culpado por este abandono.

S2: Acho que o shopping não emplacou tanto por causa da localização. Boa Vista tem o filme muito queimado por aí a fora, você sabe né. Povo tem medo porque aqui tina muito tiroteio e morte. Faz tempo que não tem tiro no Boa Vista. Mas tem muito tráfico, isso não acaba. E o shopping, ele não é tão divulgado, pode ver. Quem usa mesmo é o pessoal da UVV, só. Nem é tão frequentado, acho que devido à localização, assim, pra falar a verdade.

S4: Fui no máximo duas vezes. Não vou muito lá. Se eu for lá da minha casa dá cinco minutos andando. Mas se eu for eu vou de carro. Eu não me sinto seguro para ir andando até o shopping. Eu prefiro ir de carro. Acho mais seguro ir de carro do que ir andando ali. Pra falar a verdade prefiro ir no outro shopping.

Nessas falas é reiterada pelos moradores a ideia de que o tráfico é o responsável pelo atraso do bairro, pois para eles o motivo pelo qual as intervenções urbanas não atingiram a área que compreende o seu interior é culpa do traficante de drogas, grande causador da imagem ruim de Boa Vista.

Mais uma vez, a violência urbana (SILVA, 2008, p. 36) é utilizada como parâmetro para articular as falas dos moradores, que agrupam todas as suas expectativas não atendidas que produzem um estado de insegurança existencial, na insegurança provocada pelos portadores da violência urbana (SILVA, 2008, p. 43).

As expectativas geradas no morador de Boa Vista em razão da ameaça que identifica nas ações violentas, fazem com ele articule não só a sua fala com base nessa situação, mas também sua forma de se relacionar e de agir. É através da experiência no dia-a-dia da região que ele consegue identificar aquilo que o coloca em risco.

Ao longo deste capítulo, buscamos interpretar a perspectiva do morador de Boa Vista em relação às características fundamentais do bairro. Já foi possível verificar que a violência integra de maneira inequívoca o cotidiano da localidade, interferindo diretamente na maneira como o morador atribui significado a suas experiências no espaço público local.

No capítulo vindouro, passamos a apresentar as situações identificadas pelo morador de Boa Vista como ameaçadoras e que o colocam em risco, diariamente. A partir da identificação da ameaça, com fulcro em seu conhecimento empírico, o indivíduo passa a organizar suas rotinas e sua conduta de maneira a não se colocar em situação que defronte os interesses de certos grupos.

Nesse capítulo seguinte, evidenciaremos com mais vigor o nosso argumento sobre possibilidade da produção da sociabilidade violenta em Boa Vista, apesar de algumas ressalvas, as quais serão devidamente apontadas no decorrer de seus itens.

4 AMEAÇA ROTINEIRA

Em Boa Vista não há a presença indivíduos portando armas de forma ostensiva, como nos ambientes em que Machado da Silva (2008) constatou haver o desenvolvimento da sociabilidade violenta.

A atuação dos traficantes ocorre especialmente por meio do comércio varejista, na entrega ao consumidor final, sendo o uso do armamento limitado à defesa do território ou nas demonstrações de força, por meio da punição de algum individuo que se coloque como um empecilho à satisfação de seus interesses.

Entre os relatos dos moradores, inclusive dos que afirmaram estar associados a esses grupos, no bairro não existem atravessadores, somente pequeno comercio que abastece o consumidor final da cadeia produtiva.

Aos olhos menos atentos, a região de Boa Vista é um bairro como outro qualquer, com pessoas transitando pelas ruas no ir e vir rotineiro, comum a todas as cidades brasileiras. Mas à medida que se começa a observar com um pouco mais de cautela, pode-se perceber com certa facilidade os locais em que as transações acontecem, tanto em locais mais movimentados como nos menor circulação de pessoas, que guardam como semelhança a presença constante desses comerciantes.

Quanto à atuação da polícia, o morador de Boa Vista de uma maneira geral demonstra satisfação com o trabalho desenvolvido na região. O fim do conflito armado que marcou a localidade em um passado recente é atribuído às operações desses órgãos.

No entanto, existe uma crítica de que as instituições policiais não põem um fim definitivo à presença dos traficantes, o que para alguns indica certo grau de conivência que pode ser o resultado de corrupção. Ademais, sua presença constante no local é bem avaliada e segundo alguns relatos é o motivo para que o bairro tenha se transformado em um lugar tranquilo para se viver.

Resta a dúvida quanto ao morador estar realmente satisfeito com a atuação policial em Boa Vista, ou se esse discurso seria o produto do medo de

sofrer algum tipo de represália, caso expresse alguma forma de descontentamento com os serviços prestados na região.

Por meio da experiência cotidiana, o morador de Boa Vista consegue identificar exatamente as situações que o colocam em risco. Com base nesse conhecimento empírico, organiza suas rotinas e sua conduta de maneira a não se colocar em situação que defronte os interesses de certos grupos.

Portanto, a proporção em que desenvolve modelos que indicam como se deve proceder para evitar ser atingido por esse perigo, buscam não cometer ações que os levem a sofrer a punição por aquilo que identificam como ameaça.

Ter ciência das situações que o expõe as ameaças cotidianas pode significar a diferença entre a vida e a morte, como no caso exposto, onde não saber quem é a companheira do chefe do tráfico local poderia fazer com que certo indivíduo se colocasse em uma posição passiva de punição.

A experiência no contexto da localidade é de fundamental importância para que se possa identificar o agente ameaçador, como se notará no caso descrito a seguir:

Cerca de sete pessoas, todos os homens jovens, aguardavam a sua vez para se sentar na cadeira do cabeleireiro. Era o final de uma ensolarada tarde de sábado, as vésperas do natal. Segundo o cabeleireiro, os dias de sábado eram os de maior movimento e que em razão da proximidade das festividades de fim de ano, nesse dia, o salão estava excepcionalmente cheio. Como cada corte de cabelo masculino demorava em média quinze minutos para ser finalizado, naquele dia a espera iria ser um pouco mais prolongada que o de costume. Creio que tenha sido o único cliente daquele dia a ficar feliz em saber que iria ter que aguardar cerca de noventa minutos para ser atendido, pois o corte de cabelo era uma desculpa para lá estar. O motivo principal era coletar os dados para a pesquisa e fiquei satisfeito em esperar, pois os noventa minutos de espera significavam igual tempo para coletar dados. Este salão de cabeleireiro, destinado exclusivamente ao público masculino, foi um campo fértil de dados, pois é lugar em que se fala de tudo de maneira aparentemente aberta, como não vi acontecer em nenhum outro lugar de Boa Vista. Um pequeno ar condicionado dava conta de manter a temperatura no local bem agradável e o bate papo rolava solto em um volume que abafava o som da pequena TV, que reparei estar ligada. De súbito, uma mulher jovem, que me aparentou não ter mais do que vinte anos de idade, surgiu por detrás da porta de vidro transparente do salão que dava para a rua. Ela então abriu a porta. Nesse momento, para minha surpresa, todas as vozes do salão se calaram. Silêncio total, a não ser pelo ruído que saía da TV ligada. Pude perceber que alguns clientes que aguardavam o atendimento abaixaram suas cabeças após ter olhado rapidamente para a moça. Segurando a mão dela, um menino que não devia ter mais que uns quatro anos de idade, estava vestido com apenas com um calção. Ela usava roupas curtas, típicas das mulheres jovens que são avistadas pelas ruas de Boa Vista: short bem curto, blusa decotada com

o abdome a mostra. Observei que ostentava algumas tatuagens pelo corpo, sendo que uma delas cobria quase que completamente sua coxa direita, cabelos escuros bem compridos e lisos. Pele clara e corpo em forma, característico de mulher que faz musculação. Uma jovem muito bonita e sensual. Mas como que uma jovem tão atraente assim aparece em um salão cheio de homens e os olhares não se voltaram inteiramente para ela? Ao se dirigir verbalmente ao cabeleireiro, que parou de realizar o corte que estava em andamento e prontamente dedicou toda a sua atenção à moça, perguntou: “Vai demorar muito aí?” O cabeleireiro respondeu de pronto, com voz firme: “Não. Seu menino tem prioridade”. Então, a moça fez um sinal positivo com a cabeça e disse: “Pode continuar aí, volto daqui a pouco”. Ela fechou a porta e se retirou. Após sua saída, alguns segundos de silêncio angustiantes se seguiram. Não sabia quem era. Durante esses breves segundos de silêncio após a saída da moça, alguns entre os jovens presentes no local se entreolharam, até que uma voz tímida quebrou o silêncio: “É! Olha pra essa aí tá morto, fi”. Então um jovem que acredito ter por volta de uns doze anos e com uma coragem superior a minha, fez a pergunta que também me fez na segurança de minha intimidade: “Quem é?”. Resposta: “Mulher de [nome]. Ele é o cara. Mata e morre por essa daí”. Depois de ouvir essa resposta, uma agradável sensação de alívio deu lugar à angústia causada pela dúvida, pois me dei conta de que, naquela ocasião, adotei a opção correta ao não perder a oportunidade de me manter calado. (Diário de campo. 19.12.2015).

Essa situação em específico demonstra que o conhecimento prévio do contexto local pode permitir ao indivíduo que está integrado interpretar um fato como perigoso. Por outro lado, evidencia o temor que existe em relação ao tráfico, que apesar de não se apresentar ostensivamente armado em Boa Vista, de alguma forma exerce influência sobre as condutas do indivíduo no espaço público.

O acontecimento narrado revela a existência de um universo simbólico próprio, em que a experiência constante junto à rotina cotidiana do grupo permite que seus códigos e normas sejam aprendidos e interpretados. Indecifrável aos olhos daqueles que não pertencem a esse universo simbólico, o perigo presente em certa situação se torna algo extremamente difícil de perceber, especialmente quando se mostra extremamente diverso ao padrão que integra sua vida cotidiana.

A intenção deste capítulo é debater, com base nos dados coletados em campo, as situações em que o morador de Boa Vista se considera ameaçado e qual é a origem dessa ameaça, ao que Machado da Silva indicou como sendo “duas condições básicas do sentimento de segurança existencial que costumava acompanhar a vida cotidiana rotineira – integridade física e garantia patrimonial” (SILVA, 2008, p. 36).

Ponto fundamental do presente trabalho, este capítulo permite que nossa argumentação se consolide com mais veemência. Nele, é possível apontar de

maneira mais direta, como e porque entendemos ser possível que ocorra a produção da sociabilidade violenta em um contexto distinto, ao das favelas do Rio de Janeiro.

Baseamos nossa afirmação na ideia de que, havendo indícios suficientes da existência de alguns dos elementos que formam a essência da sociabilidade violenta, desde que interfiram diretamente nas condutas e relações sociais dos indivíduos. Entendemos assim que tal fato já seria o suficiente para afirmar seu desenvolvimento. Essa perspectiva será detalhada ao longo dos itens que compõem o presente capítulo.

4.1 VIOLÊNCIA E PRESENÇA DO TRÁFICO

A violência é um fenômeno social que se manifesta em razão de uma complexidade de fatores, cujo termo é utilizado atualmente pela população de maneira geral para dar significado às ações que agridem, assustam, amedrontam e delimitam o contínuo e normal transcorrer de sua vida cotidiana (BAIERL, 2004, p. 118).

No primeiro capítulo deste trabalho, houve a preocupação em se tecer alguns breves comentários sobre o conceito e as principais características que moldam o fenômeno da violência. Este item por sua vez, almeja expor a maneira como o morador de Boa Vista elabora a representação de tal fenômeno, a partir de sua perspectiva da vida cotidiana local.

Em geral, o morador de Boa Vista entende a violência como elemento diretamente associado à ação do tráfico no bairro, que expõe a constante ameaça à tranquilidade de que gozam em seu dia-dia.

Quando provocado a traçar uma definição do que entende por violência, o morador tende a por em evidência os crimes contra a vida e o patrimônio como essencialmente relacionados às consequências provocadas pelo comércio de drogas ilícitas.

Em seu discurso de repúdio ao que define por violência e sua manifestação de contrariedade à atuação do tráfico segue uma receita já muito bem difundida entre a população em geral, que caracteriza a interpretação que domina a

opinião pública atualmente, que “apreende e explica a ‘violência urbana’ através da metáfora da guerra e dos ‘mitos’, variavelmente presentes no entendimento de diversos atores que lhe são associados: cidade legal vs. Cidade ilegal, Estado dentro do Estado, (...), etc.” (SILVA e LEITE, 2008, p. 49).

S2: A violência maior pra mim é o tráfico, não tem jeito. Essa é a violência maior. É a base de tudo, né. É o que induz o pessoal a roubar, morte. Além de induzir impõe, né. Você é obrigado a ser conivente com muitas coisas que você não aprova. E tem que fingir que não vê, né.

S6: A criminalidade. Muito tiroteio ali, muita competição com droga, então ali é péssimo. Inclusive, as pessoas estão colocando a casa à venda e nem conseguindo vender tá, porque infelizmente o bairro tá muito assim, mal falado demais. E a segurança ali tá crítica.

S4: Para mim a violência é um conjunto de fatores inerentes ao convívio da pessoa, ali no caso. Um assalto é um exemplo de violência. A pessoa tirando um bem, no caso. É um conceito amplo. O bairro ser violento é assim, um bairro onde a pessoa pergunta assim: onde você mora? E você responde: Boa Vista. Aí a pessoa já fica com medo. Porque ali é um local em que acontecem muitos assassinatos, ou então os próprios moradores dali que praticam atividades delituosas. Os caras dali saem para roubar em outro bairros, aí quando o cara é preso descobrem que o cara é de Boa Vista. Aí acaba dando essa fama para o bairro, entendeu, de violento, devido às pessoas que moram ali que assaltam outros locais, ou então devido à quantidade de mortes que ocorrem ali no local que já foram muitas, né.

S3: Violência é eu sair da minha casa, com meus filhos e minha esposa, quando eu chego numa situação de uma pizzaria ou lanchonete fazer um lanche, aquele tiroteio que acontece no bairro. Não só no bairro como num bairro mais próximo. Aquele tiroteio. Então por aí eu já não saio. Isso pra mim é uma violência. É uma falta de respeito do governante que a gente paga imposto muito bem pago e quando gera o imposto não gera só um, porque tudo o que eu compro eu pago. No mercado, na farmácia, etc. Então esse dinheiro do imposto ele tá indo para o lugar errado. Então, sobre violência pra mim é isso aí. Segundo é que não há respeito na sociedade.

S12: Nunca fui vítima, nem de ameaça. Só pode ser deus que tá me ajudando. Muita sorte, porque eu já moro lá há 39 anos. Só minha sobrinha que foi vítima em uma abordagem de bicicleta, mas graças a deus não ocorreu nada. Mas a gente ouve muito de pessoas que sofrem violência do tráfico. Morte, tiro e muita droga.

Ao passo que identifica sua rotina cotidiana constantemente à beira da ocorrência de um evento criminoso, o morador de Boa Vista identifica o tráfico como uma ameaça à tranquilidade conquistada há pouco, demonstrando que sua presença interfere diretamente na organização de sua vida cotidiana, mesmo que não se apresente armado de maneira ostensiva e com o foco voltado imediatamente ao comércio varejista do entorpecente e a defesa territorial dos pontos de venda.

Apesar de intensamente presente e da atuação constante no dia-dia de Boa Vista, os traficantes locais não fazem uso ostensivo de armamento, tornando o poder exercido sobre as rotinas do morador de Boa Vista mais limitado, mas “é importante notar que a submissão imposta aos moradores por esses bandos é tal que, mesmo quando não aterrorizam a população exibindo publicamente suas armas, eles podem interferir sobre as atividades rotineiras dessas pessoas” (ROCHA, 2008, p. 208).

A situação narrada a seguir serve para ilustrar o que se afirmou até o momento, pois se trata de uma demonstração de poder pelo tráfico, que impõe suas regras e quando infringidas não tarda em opor a punição contra o transgressor, que por vezes acaba ocorrendo através de sua execução:

S10: Os meninos de dentro não assaltam dentro do bairro. E quem assalta se os meninos souber eles acabam matando. Porque eles não aceitam. Tem a lei deles. Assaltar dentro do bairro, roubar dentro do bairro, não pode. Já presenciei uma vez, uma cara que era de Terra Vermelha, foi assaltar a sorveteria ‘Snoob’. Eu tava assistindo jogo ali no campo. O cara entrou pra roubar e quando saiu já dispararam vários tiros em cima dele, que é o pessoal do bairro mesmo que ficava ali perto armado. Os caras ficam de boa com a peça escondida, ali ninguém dá bobeira com ela na mão. Então o cara achou que não tinha ninguém trepado, foi lá roubou e o cara saiu com a sacola de dinheiro e com a arma. Então o dono saiu e gritou: ‘ó o ladrão, ó o ladrão’. Daí os caras pegaram ele em flagrante e pipocaram ele na esquina da ‘Snoob’.

Todavia, segundo outro morador, a presença do tráfico diminui o interesse na região como alvo de crimes contra o patrimônio de sua população, à medida que a presença dos “meninos” causaria o efeito de afastar os pretensos criminosos dando assim certo nível de segurança, especialmente para comerciantes e demais moradores locais, quanto a furtos e roubos:

Pesquisador: Então de certa forma a presença dos meninos é bom para os comerciantes?

S5: Com certeza. Tá ali, junto com o pessoal conhecido, acaba criando uma amizade tipo: ‘eu não vou denunciar vocês, mas não deixa ninguém me roubar’. Acaba criando essa relação, querendo ou não. Pô, não pode assaltar no bairro, ninguém vai me assaltar, eu tô tranquilo, mas também tem que ficar esperto pra num sair aqui na esquina e tomar uma bala perdida.

Pesquisador: Só os comerciantes se sentem mais seguros? Ou será que as pessoas que moram próximas aos caras se sentem seguros pela presença deles.

S5: De certa forma sim, por questão de assalto, essas coisas assim, pode se dizer que a gente fica tranquilo. Aqui no Boa Vista é difícil ter assalto, porque os meninos mata quem rouba aqui. Ainda acontece com frequência

ali perto do shopping, perto do fórum mesmo. O pessoal sai da faculdade que é ali do lado do fórum e é assaltado. Ai a policia vem pra tentar conter isso, porque tem três imagens aqui que é a da UVV, do fórum e do shopping e eles não podem derrubar essa imagem, né. Essa imagem boa, mas acontecem alguns assaltos. É perigoso ali à noite. Eles criaram uma imagem tão boa do shopping, mas eles não cuidam ao redor. Então a bandidagem acaba crescendo em cima disso. Mas eu creio que não seja o pessoal de Boa Vista, porque assalto dentro do bairro não tem. Os meninos de dentro não assaltam dentro do bairro. E quem assalta se os meninos souber eles acabam matando. Porque eles não aceitam. Tem a lei deles. Assaltar dentro do bairro, roubar dentro do bairro, não pode.

Tais considerações reforçam o argumento de que o morador de Boa Vista, apesar de manter uma rotina pacífica vive em um constante estado de medo de que a fragilidade dessa tranquilidade favorece seu rompimento, em razão as imposições feitas pelo tráfico que executa mediante uso de arma de fogo aquele que comete um crime contra o patrimônio, por exemplo.

A reação ao medo de rompimento da tranquilidade de suas rotinas cotidianas pode se apresentar de maneiras distintas como será exposto no capítulo seguinte, mas se pode afirmar que uma delas seria um processo de afastamento moral, por meio do qual o morador de Boa Vista que se diz não manter vinculo com as atividades ligadas ao comércio de drogas ilícitas se esforça para contrapor a ideia de que todos no bairro são criminosos ou coniventes com estes (FRIDMAN, 2008, p. 85).

Há uma errônea interpretação dominante que define os locais habitados pelas parcelas populacionais que ocupam as classes sociais menos favorecidas, como sendo o “território da violência e a população ali residente conivente com seus agentes, os traficantes de drogas” (SILVA E LEITE, 2008, p. 49). Segundo Rocha (2008, p. 217) o discurso de tranquilidade em locais com histórico de reiterados eventos de profunda violência urbana, tem dentre suas funções legitimar a afirmação de afastamento moral do morador em relação aos traficantes.

Outra forma de se reagir a esse medo é verificado nos discursos que defendem a utilização de meios mais rígidos de repressão aos crimes ligados ao tráfico, inclusive com a pena de morte (MISSE, 2010, p.17). Assim como na favela carioca, em Boa Vista, ao traficante é atribuindo o titulo de principal motivador da violência que ameaça a rotina cotidiana, à medida que o morador reconhece que seus locais de moradia se tornam mais violentos em razão de sua presença (SILVA e LEITE, 2007, p. 556).

Indivíduo prescindível a vida social do bairro, o traficante se torna indesejável aos demais moradores de Boa Vista ao ponto de ensejar nesse um discurso que defende inclusive sua eliminação letal. Esse entendimento domina a perspectiva da população em geral e ganha notoriedade a partir da difusão pela mídia sensacionalista (BOURDIEU, 1997, p. 25), que contribui para a formação de uma mentalidade que reproduz o discurso de endurecimento seletivo na ação do aparato repressivo com base na ideia de que “bandido bom é bandido morto” (FRIDMAN, 2008, p. 77).

Nas atuais condições de desigualdade econômica, precariedade institucional e desagregação do tecido social no Brasil, o sonho de uma cidade a salvo transfigura-se em uma mentalidade que é leniente com a “permissão para matar” exercida pelos organismos de repressão ao crime. Essa pena de morte, consagrada na prática pelo combate a delinquência, conta com a tolerância de grandes parcelas da população e não é repelida de forma enérgica pela justiça, pelos meios de comunicação de massa ou por uma parte dos formadores de opinião. (FRIDMAN, 2008, p. 77).

Esse discurso endossa o surgimento de movimentos que exigem o endurecimento do aparato repressivo do Estado por meio da aplicação de uma política de tolerância zero, que se pauta na construção de uma segurança pública contra os outros, mostrando que “a perda do sentimento de segurança humana (...) levará muitas pessoas a solicitar uma compensação restauradora da estabilidade, de tal forma a clarear os papéis de vida comunitária” (SHECAIRA, 2009, p. 169).

A aparente popularidade da política de tolerância zero esbarra em graves problemas de ordem social, uma vez que a atuação do Estado pautado nessa modalidade serve para exacerbar as desigualdades, ao passo que promove a repressão de maneira seletiva, com foco voltado às categorias rotuladas como perseguidas, promovendo o empobrecimento desses seguimentos em razão de seu maciço encarceramento (SHECAIRA, 2009, p. 173).

O remédio milagroso outro não é senão a ideologia da repressão, fulcrada no velho regime punitivo-retributivo, que recebe o nome de Movimento da Lei e da Ordem. Os defensores deste pensamento partem do pressuposto dicotômico de que a sociedade está dividida em homens bons e maus. A violência destes só poderá ser controlada através de leis severas, que imponham longas penas privativas de liberdade, quando não a morte. Estes seriam os únicos meios de controle efetivo da criminalidade crescente, a única forma de intimidação e neutralização dos criminosos. Seria mais, permitiria fazer justiça às vítimas e aos “homens de bem”, ou seja, àqueles que não cometem delitos. (SHECAIRA, 2009, p. 170).

Todo o material coletado durante o trabalho de campo expõe que o indivíduo que vive em Boa Vista define o traficante ou simplesmente o tráfico, como a origem dos eventos criminais violentos que tornam a região perigosa. Tal afirmação coaduna com o entendimento exposto por Silva e Leite (2007, p. 574), quanto à situação específica do morador da favela carioca, que aponta o indivíduo armado ligado ao tráfico como responsável pela mudança de qualidade no ambiente de sua localidade, acusados pelos demais moradores como responsáveis por tornar os locais violentos e perigosos.

Tanto nas favelas do Rio de Janeiro como em Boa Vista, constata-se que uma ínfima minoria dos moradores dessas regiões integra os grupos armados de traficantes e os demais, que alegam não possui envolvimento, buscam se distanciar das ações que possibilitem lhes ser atribuídos algum adjetivo, dentre os que entendem representar em efetiva participação em atividades ligadas ao crime (SILVA e LEITE, 2007, p. 574).

Entretanto, para o morador a ação dos grupos de indivíduos armados ligados ao comércio varejista de drogas ilícitas não é indicada apenas como a causa principal da violência no bairro. O traficante, além de ser indicado como o responsável pelos eventos violentos que ocorrem no bairro, também é visto como o culpado por todas as mazelas que afligem suas vidas como a falta de uma unidade de saúde no bairro, a escassez de áreas de lazer para as crianças ou a má qualidade no transporte público.

Para o morador de Boa Vista, a falta de investimento na infraestrutura do bairro, bem como o afastamento da iniciativa privada, decorre da má fama que o bairro goza no contexto atual da cidade de Vila Velha.

S9: A localização aqui é top, muito boa. Mas o foda é o tráfico. Quem vai investir em um lugar cheio de vagabundo? É um bom local, o problema são os moradores. Falta de investimento aqui porque ninguém faz nada, ninguém quer saber do pobre. Não tem nada.

S4: A falta de investimento em infraestrutura por parte da prefeitura no bairro. Você não vê uma obra da prefeitura em Boa Vista. Agora vai na Praia da Costa ou em Itapuã. É por aqui ser habitado por pessoa de má índole, que já vem desde lá atrás.

Durante uma das entrevistas ao ser questionado sobre o motivo que acredita induzir as pessoas a ingressarem no tráfico, o morador indica a facilidade

em se obter lucro rapidamente como principal atrativo, especialmente para os jovens:

Pesquisador: E essa galera entra nessa vida por quê?

S5: Dinheiro fácil, né. Todo mundo cresce o olho. Igual os amigos ali, eu trabalho numa fábrica e ganho um salário mínimo. Os caras ficam ali meia hora e conseguem o que eu ganho fácil, entendeu. Vendem umas pedrinhas, algumas buchinhas, e tão com mil conto no bolso. Aí investe em armas, pra tentar evitar confronto, ou pra ir atacar algum inimigo, ou roubar carro, roubar moto.

Pesquisador: Tem algum grande amigo envolvido?

S5: Tem um amigo da minha infância mesmo, cresceu junto comigo mesmo. O melhor amigo que eu tive. Infelizmente foi nessa vida de dinheiro fácil, sempre gostou de arma, né. Ai pô, desde pequeno mesmo a gente saia pros rock. Era amigão mesmo. Mas se perdeu nessa vida aí e eu tive que me afastar. Hoje em dia tá preso. A policia fez uma operação e acabou pegando ele. E ele já tava nessa vida aí já como gerente. Já tava bem visto, não só pelo bairro, mas por outros bairros já. Até na cadeia já tava falado. Às vezes eu paro e penso assim: 'caraca, porque, né'? Porque dessa vida?'. Pô, dinheiro fácil né, mas nessa vida só tem dois caminhos: ou é cadeia ou é morte. Neguim acha que a vida é fácil e ninguém vai passa a perna: 'eu sou o fodão'. O foda é isso.

A promessa de lucro rápido e fácil, aliado a determinado grau de desorganização social é indicado pelo morador de Boa Vista como considerações pertinentes quando de trata de aferir a motivação para o ingresso no tráfico. Assim, o morador atribui à escassez de recursos materiais e morais, bem como de oportunidades que permitam ao jovem a possibilidade de progressão social e econômica, como elementos que levaram ao desenvolvimento de uma subcultura, que viu no tráfico uma possibilidade:

S4: Devido a ser um bairro humilde, foi criando essa cultura da prática de tráfico de droga. Acabou fazendo parte da rotina do bairro. Pra mudar isso daí eu acho meio difícil. É devido lá trás ter começado esse processo aí de urbanização desorganizada, invasão de alguns locais, ali que são invadidos em Boa Vista, aí eu acho que acabou gerando isso. Aí o moleque não estuda, o pai preso a mãe tá morta, aí vai pra rua e vira bandido.

Conversar sobre o tráfico em Boa Vista com os informantes já conhecidos antes do inicio da pesquisa, favoreceu minimizar o temor do interlocutor em fornecer informações mais próximas ao que de fato ocorre no cotidiano do local. No entanto, houve casos em que o sujeito foi falando de forma distraída, quase uma fofoca, sem nunca ter havido qualquer tipo de contato pessoal anterior.

O excerto a seguir foi extraído do diário de campo e é um breve diálogo sobre a maneira como um morador se relaciona com os traficantes, apesar de alegar não ter envolvimento com o tráfico em Boa Vista.

Quando disse que sempre andava tranquilo pelas ruas de Boa Vista e não sabia por que a localidade era tão “queimada”, S12 me aconselhou a “não dar mole”, pois o tráfico está sempre de olho na situação do movimento: “Boa Vista é tenso, os moleques daqui são terríveis”. E então iniciamos um papo sobre o tráfico no bairro. Ele me expôs enquanto realizava seu ofício, a maneira como via a atuação dos “moleques” de Boa Vista, composto principalmente por jovens que estão no “movimento” em razão do lucro rápido e fácil. Contou também experiências com situações em que teve medo de sofrer alguma agressão, na ocasião em que teve que entrar em outro bairro na época em que havia um conflito entre grupos deste e os de Boa Vista. “Eu sou muito conhecido no Boa Vista, pois trabalho aqui tem 20 anos. Sei de onde você pode ir e vir mais tranquilo, mas tem uns lugares onde tem que ficar esperto. Eu mesmo não ando por aquelas ruas estreitas ali do meio de Boa Vista I, onde sempre acontece o pior aqui. À noite então, nem pensar que eu piso lá, só em caso de vida ou morte. Porque ali você nunca sabe quando vai começar um tiroteio, às vezes com a polícia e às vezes com o pessoal de outro bairro que vai lá. Ou vai pra tentar tomar a boca ou vai pra se vingar. E se eles me confundem com inimigo? Pode acontecer. Ainda mais a noite que fica difícil saber quem vem pela rua. Aqui em Boa Vista não pode dar mole senão roda”. Contou que muitos dos “moleques” também realizavam serviços com ele. Disse que conhecia todos os traficantes da região e que também era bem conhecido em razão do trabalho que realiza em Boa Vista: “Quando algum dos moleques ficam muito tempo sem vir aqui eu já sei que tá jurado. Aí ele precisa ficar em casa um tempo esperando a poeira baixar. Já vi uns jurados buscando a igreja pra se safar. Teve um que me procurou e levei ele pra igreja, mas ele não aguentou e voltou pro mundo”. Contudo, buscava manter uma relação não muito próxima com medo de que isso pudesse atrapalhar algo em sua vida. Então, procurava sempre dar conselhos para que eles buscassem a igreja, mas mantida certa distância para que não confundissem as coisas. Para ele a igreja seria a melhor solução para se abandonar a vida no “tráfico”, e que muitos dos que estavam jurados também o procuravam a fim de ter “revelações” acerca de seu futuro. (Diário de campo. 13.01.2016).

A presença do tráfico em Boa Vista é considerada a origem dos problemas que enfrenta em suas rotinas cotidianas, pois segundo as falas dos moradores, apesar de conviver atualmente com eventos criminais violentos esporádicos e pelo fato de os traficantes não portarem armas de forma ostensiva, exercem influência direta na vida dos demais indivíduos que lá residem e não possuem ligações com o comércio de drogas ilícitas.

Mesmo não utilizando sua força de maneira direta e imediata contra os demais moradores da região, desde que não interfiram em seus interesses, os demais moradores se sentem intimidados e amedrontados com sua constante presença, uma vez que entendem que essa presença favorece a acontecimentos violentos, imprevisíveis e incontroláveis, à medida que a finalidade do uso de

armamento tem por justificativa a defesa territorial de seus pontos de venda. Logo, caso alguém infrinja algum interesse ou tente tomar o território, há grande possibilidade da ocorrência de um evento criminal violento.

Assim, o que caracteriza a sociabilidade violenta é que as práticas se desenvolvem monocordicamente como tentativas de controle de um ambiente que só oferece resistência física à manipulação do agente. O que permite coordenação entre condutas, formando um complexo orgânico de relações sociais (e uma visão de mundo que é compartilhada, porém sem envolver intersubjetivamente), é justamente o reconhecimento da resistência material representada pela força de que podem dispor os demais agentes, produzido pela reiteração de demonstrações factuais de força, e não por acordo, negociação ou contrato ou outra referencia comum compartilhada. Todos obedecem apenas porque e enquanto sabem, pela demonstração do fato em momentos anteriores, que são mais fracos, com a insubmissão implicando necessariamente retaliação física quase sempre letal. No limite, pode-se dizer que não há “fins coletivos” nem “subordinação”; todas as formas de interação constituem-se em técnicas de submissão que eliminam a vontade e as orientações subjetivas dos demais participantes como elemento significativo da situação. (SILVA, 2008, p. 42).

Os moradores, com base em sua experiência no bairro entendem que a violência gerada em razão a presença do tráfico não lhe é direcionada diretamente, desde que não interfira em seus interesses. Sua experiência no contexto do bairro serve para que tenha a perspectiva de que aquilo que incomoda o tráfico pode levar o responsável pelo ato a ser punido, conforme o conhecimento de casos anteriores mesmo que de fictícios criados por uma imaginação influenciada pelo medo.

Em razão do estado de medo, o morador busca adotar determinada conduta a fim de não interferir no interesse do tráfico, bem como buscam evitar a exposição às consequências imprevisíveis e incontroláveis dos eventos criminais violentos, que com base em sua experiência no bairro tende a atingir inclusive os moradores que não possuem envolvimento com suas atividades.

Segundo Machado da Silva (2008, p. 44), certa parcela da população urbana brasileira vive sobre a égide de duas ordens sociais que apesar de divergentes coexistem, sendo a “institucional-legal e, paralelamente, da sociabilidade violenta”, esta que tem a vigência de uma “tácita lei do silêncio” como mais grave consequência (SILVA, 2008, p. 45).

Pode-se afirmar com base no que fora exposto, que apesar do morador de Boa Vista relatar que sua rotina cotidiana transcorre de maneira tranquila, pois os eventos criminais violentos já não ocorrem com a mesma frequência que em um passado recente, ou mesmo em comparação a outras regiões, vivem “uma vida

normal, porém à custa de uma enorme atenção e um diuturno esforço adicional destinado a garantir a continuidade das rotinas permanentemente ameaçadas pela proximidade da sociabilidade violenta” (SILVA, 2008, p. 45).

Portanto, evidenciamos que apesar do contexto em que está inserido o morador de Boa Vista ser distante daquele vivenciado pelo morador da favela carioca, ambos vivem em constante estado de alerta em razão das ameaças que identificam nas manifestações da violência urbana. Tal situação contribui para nosso argumento, sendo um dos indícios que entendemos possibilitar a afirmação de que é possível que a sociabilidade violenta seja produzida em realidades diversas daquela na qual seu conceito foi originariamente elaborado.

4.2 BALA PERDIDA

No item anterior, almejamos revelar o modo pelo qual o morador de Boa Vista elabora a representação da violência urbana, a partir de sua perspectiva da vida cotidiana local. Neste item por sua vez, discorreremos sobre algo que é identificado pelo sujeito que habita o bairro, como uma consequência direta e específica da presença e da atuação de certos indivíduos.

O termo “guerra” é muito difundido e utilizado pelo morador de Boa Vista para determinar o período de um passado recente, em que grupos armados ligados ao comércio de drogas ilícitas, chamado pelos moradores simplesmente de “tráfico”, travaram uma disputa armada e violenta pelo controle dos pontos de venda locais¹¹.

Nesse período, os moradores alegam que os tiroteios e os homicídios eram frequentes na região. Os comerciantes se viam obrigados a fechar as portas

¹¹ Algumas notícias jornalísticas do período dos conflitos: Traficantes em guerra promovem tiroteios e deixam população amedrontada em Vila Velha. Folha Vitória. Vitória, 08 maio 2014. Polícia. Disponível em: <<http://www.folhavitoria.com.br/policia/noticia/2014/05/traficantes-em-guerra-promovem-tiroteios-e-deixa-populacao-amedrontada-em-vila-velha.html>> Acesso em: fevereiro 2016. Confusão, tiroteio e morte no bairro Boa Vista II, em Vila Velha. Gazeta Online. Vitória, 23 maio 2014. Polícia. Disponível em: <http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2014/05/noticias/cidades/1487610-confusao-tiroteio-e-morte-no-bairro-boa-vista-ii-em-vila-velha.html> Acesso em: fevereiro 2016. Adolescentes são baleados durante tiroteio entre gangues rivais em Vila Velha. Folha Vitória. Vitória, 10 jan. 2014. Polícia. Disponível em: <<http://www.folhavitoria.com.br/policia/noticia/2014/01/adolescentes-sao-baleados-durante-tiroteio-entre-gangues-rivais-em-vila-velha.html>> Acesso em: fevereiro 2016. Guerra do tráfico faz mais uma vítima em Boa Vista, Vila Velha. Folha Vitória. Vitória, 11 fev. 2014. Vídeos. Disponível em: <<http://www.folhavitoria.com.br/videos/2014/02/guerra-do-traffic-faz-mais-uma-vitima-em-boa-vista-vila-velha.html>> Acesso em: fevereiro 2016.

de seus estabelecimentos, as escolas locais interrompiam suas atividades e as demais pessoas procuravam evitar, da maneira como podiam, circular pelos locais públicos da região. Esses eventos serviram para compor uma imagem extremamente negativa de Boa Vista como um lugar perigoso e violento, habitado por criminosos e por seus cúmplices.

Como os moradores que não possuem envolvimento com atividades ilícitas em Boa Vista entendem que não são o alvo imediato, tanto dos traficantes quanto dos policiais, a fala do medo quanto a sua vitimização se direciona para as consequências dos conflitos entre eles em suas ações.

Com a presença constante do tráfico pelas ruas da região, aliado ao fato de não confiar na atuação do aparato estatal, o morador de Boa Vista vive em estado de alerta em razão do receio de que eventos criminais violentos podem vir a ocorrer a qualquer momento.

Como os tiroteios são consequências vistas como inequívocas do atrito entre grupos rivais de traficantes e destes com as instituições estatais de ordem, o medo de ser atingido por um tiro que não o tinha como alvo se mostra constante. Entretanto, apesar do medo de ser vítima de bala perdida, nenhum morador soube dizer com precisão acerca da ocorrência de um evento dessa natureza na região.

Para os moradores, com o fim da guerra a frequência dos tiroteios e os homicídios em Boa Vista diminuíram. Muitos deles atribuem o término da guerra às operações do aparato repressivo estatal que prendeu, afugentou ou executou os indivíduos envolvidos. Todavia há no morador a desconfiança de que o conflito não acabou, porém prossegue de maneira mais branda, em razão do medo que o tráfico tem de ter suas operações prejudicadas novamente, pois em decorrência da atuação policial se vê obrigado a suspender o comércio de drogas enquanto ela durar, trazendo-lhe prejuízo aos lucros.

Passado esse período crítico de constantes eventos de violência urbana, atualmente os moradores percebem que a vida no bairro segue tranquila, mas que essa tranquilidade é frágil, pois à medida que não confiam na capacidade das instituições do Estado de promover a garantia dessa tranquilidade e a presença constante do tráfico, faz temer que os acontecimentos violentos do passado, voltem

a compor a rotina cotidiana de Boa Vista, como os expostos a seguir, que são relatos sobre eventos criminais violentos vividos em Boa Vista durante a guerra.

Pesquisador: Você já foi vítima do tráfico?

S5: Eu já sofri na pele uma vez, voltando do serviço. Tava em guerra. Eu meio que sabia né, porque sempre rolava tiro. Nessa época eu trabalhava em Itapuã. E um dia eu acabei voltando muito tarde do serviço e vinha de bicicleta. Chegando dentro do bairro de bicicleta normal, chegou um carro totalmente preto. Chegou por trás e começou a caminhar junto comigo. Ai eu achei suspeito e não sabia se corria ou se ficava parado, se continuava andando. Ai eu falei: 'não tenho nada a temer, vou continuar pedalando sem ter medo'. E até então o vidro abaixou e o cano de uma pistola foi apontado pra mim. E eu ouço uma voz de trás do carro falando: 'véi, né ele não, né ele não'. Aí tirou a pistola, subiu o vidro e cantou pneu. No outro dia eu pedi conta do serviço.

Pesquisador: Foi onde?

S5: Eu tava chegando no bairro. Eu tava em Vista da Penha. Quando eu entrei no bairro, aí vem o carro. Que tava em guerra com o outro bairro. Com certeza os caras não era dali. Mas ainda bem que me reconheceu porque a arma já tava apontada pra mim. Naquilo ali falei: 'morri, já foi'.

Pesquisador: Você acha que a origem desses tiroteios se deve a pessoas de fora?

S5: Vamos dizer que Boa Vista ataca outro bairro, aí o outro bairro vai revidar. É essa guerra de área, de querer matar o chefão, quer tomar a boca de outro pra se engrandecer. Então fica nessa guerra constante.

Pesquisador: Se não fossem os de fora vindo atacar o pessoal de Boa Vista, você acha que o fato de estar vendendo o negocio dele ali seria algo violento?

S5: Acho que não, seria mais baixo. A questão é que talvez o pessoal do bairro ataque os de fora.

Trechos na integra de um momento de entrevista realizada com dois homens, sendo que um deles disse morar na região há cerca de trinta anos. Nessa passagem, relataram momentos em que a guerra afetou suas vidas:

Pesquisador: Tinha guerra aqui?

S2: Teve. Se bobear, tem até hoje, só que tá mais tranquilo.

S1: É. Tá mais tranquilo.

S2: Tem tempo que a gente não escuta um tiro aqui no Boa Vista.

Pesquisador: Mas apesar disso, você acha o bairro tranquilo?

S1: Esse bairro é mais tranquilo do que muitos por aí.

S2: É. O bairro aqui é bom de morar. Quem vem morar aqui, quer sair não. Dia desses o S1 tava chateado, doido pra sair. Não é mesmo? Mas acho que agora ele não vai mais não. Na época da guerra.

S1: É. Acabou a guerra e agora eu fiquei tranquilo.

S2: Acabou a época de tiro.

Pesquisador: Vocês acham que a guerra acabou por qual motivo?

S2: Eu acho que é porque todo mundo foi preso. A polícia prendeu muita gente aí no bairro. Prendeu gente pra caramba.

S1: A policia agiu, né. É por isso que eu disse que não posso reclamar da policia, porque a policia dá assistência aqui.

A experiência com esse período em que as rotinas cotidianas em Boa Vista foram marcadas por reiterados eventos criminais violentos em um curto espaço de tempo, marca a memória do morador que diz temer novos acontecimentos dessa natureza.

A razão do constante estado de medo é a marcante presença de traficantes em Boa Vista. Segundo os relatos dos moradores, as ações do tráfico põem em risco toda a população local, apesar de compreender que a força presente em suas ações violentas não o tem como alvo direto. A exceção ocorre quando o individuo se coloca como um empecilho aos interesses com os agentes do tráfico.

Segundo os moradores, o controle territorial que o tráfico realiza parece ser direcionado apenas aos grupos rivais, que devem ser bem conhecidos por eles. Isso porque conforme se extrai dos relatos captados, não há uma constante senão eventual imposição restritiva quanto ao ir e vir em Boa Vista, sendo frequentado por pessoas de diversas regiões de Vila Velha, inclusive pelos que buscam o interior do bairro atrás dos entorpecentes lá encontrados.

Os pequenos comerciantes do varejo da droga parecem não se incomodar com o fato de que os demais moradores tomem conhecimento de seu ofício, pois se verifica que o tráfico de drogas em Boa Vista ocorre de maneira visível em plena luz do dia. Fato que favorece ao morador, a partir de sua experiência no cotidiano de Boa Vista, cognitivamente elaborar um complexo de práticas a fim de reduzir sua possibilidade de vitimização perante as ações do extrato dominante dessa ordem social (SILVA, 2008, p. 42).

É imprevisível traçar onde e quando tal fenômeno ocorrerá, mas é possível apontar os locais em que ele tem maior possibilidade de ocorrer fazendo com que certos pontos sejam evitados em certos horários. No entanto, existe na fala

dos moradores de Boa Vista um medo específico que chama a atenção em razão de ser compartilhado entre si, que conforme descrevem, ocorre como consequência inevitável nos conflitos entre grupos armados e destes com os agentes policiais, que é a “bala perdida”.

S12: Eu fiquei no meio, ali em Boa Vista I. Eles estavam correndo ali para não ser morto. As pessoas vinham de outros bairros. Um carro que vinha de Coqueiral vinha seguindo eles aí se iniciou o tiroteio ali perto do campo, aí passando no meio eu parei. Aí uma viatura chegou na hora e o policia disse que não era pra prosseguir porque tava rolando o tiroteio. Aí eu voltei. Aí quando eu volto me deparo com outra situação, outro sujeito voltando de arma em mão. Aí um até passou perto de mim e disse: ‘coroa, não se preocupa que não é com você não’. E saiu batido. Aí o comercio até fechou mais cedo, era três horas da tarde. A creche fechou mais cedo, os colégios liberaram as crianças e os funcionários.

S11: Nos bairros, não só em Boa Vista, como nos bairros em volta, qualquer horário que você passar ali corre o risco de bala perdida. Os caras atirando entre eles, briga de tráfico. Eles não mexem com a gente. Os malandros não mexem com a gente que mora no bairro. A questão deles é a briga entre eles. Aí a briga de tráfico de drogas. Quando a gente passa em um lugar na hora errada, aí é a hora que a gente toma uma bala perdida. Em termos de abordar e assaltar em Boa Vista, a gente não corre, porque o pessoal ali, eles não mexem com a gente.

S3: Eu trabalho como ambulante. Eu chego no bairro e tenho medo de tomar uma bala perdida ali. Eu trabalho inseguro. Eu falo com a minha esposa que tô indo, mas não sei se volto. É um trabalho complicado. Eu já me deparei em situações em meio a tiroteio em Boa Vista e fiquei muito assustado.

O medo de bala perdida expressa o conhecimento do morador de que ele não é o alvo direto do tráfico, assim como o seu patrimônio. Não se verifica quanto ao seu patrimônio à mesma preocupação que com sua integridade física, à medida que o morador de Boa Vista assevera que não se sentem ameaçados de sofrer furto ou roubo, por exemplo, em razão da vedação imposta pelo tráfico a esses crimes. O receio de que estes crimes possam colocar Boa Vista na mira da polícia faz com que os autores de furtos e roubos, por exemplo, sejam caçados e punidos.

No relato que se segue, o sujeito expõe que os traficantes entendem que a preocupação maior da polícia é com os crimes contra o patrimônio e contra a vida, pois há certa tolerância quanto à atuação dos pequenos varejistas de drogas. Portanto, quem rouba e é identificado geralmente é punido com a pena de morte, pois nos casos de homicídio a presença policial é mais breve se comparada às operações que visam a reduzir os crimes contra o patrimônio.

S7: A gente anda com celular a mostra dentro do bairro e não dá nada. Aí quando a gente sai fora do bairro a gente já não tem a segurança entre

aspas deles. Mas a questão é essa do tiroteio. Essas guerras que a gente acaba temendo pelo pior de tomar uma bala perdida dessas guerras. Mas questão de assalto ali é tranquilo pois você sabe que não vai ser roubado. Se você for roubado ali você pode ter certeza que foi alguém de fora. E acaba que o cara acaba assaltando várias pessoas, uma hora vai chegar no ouvido deles que tem 'neguim' assaltando dentro do bairro. Eles vão atrás dele. Aí perguntam: 'como que ele é?'. Tudo que atrapalha o tráfico ou a imagem do bairro e questão do tipo: 'neguim tá assaltando aqui no bairro, daqui a pouco a polícia vai tá aqui no bairro. Vai atrapalhar e eu vou ter que me esconder. Então eu vou deixar de ganhar dinheiro'. Então eles acabam: 'Ah! Eu vou matar esse cara, depois a polícia vem aqui e recolhe, passa um diazinho aqui e depois vai em bora'. Aí não acontece mais nada: 'depois eu vou continuar a ganhar o meu dinheiro'. Acaba acontecendo isso.

O medo da violência produz efeitos diretos sobre os comportamentos dos moradores de Boa Vista, conforme se observa de seus relatos, como algo que o afeta constantemente, expondo a gravidade da preocupação com a continuidade de suas rotinas cotidianas dentro de padrões que entende como normais.

A temida bala perdida se expressa de forma difusa e reflete o constante estado de alerta com que convivem. A ansiedade seria uma resultante desta situação, gerando "demandas de uma recomposição das rotinas pela força, fechando assim um círculo de ferro que reproduz indefinidamente a violência como elemento estruturador fundamental, sempre presente e sempre temido, nas favelas e em toda a cidade" (SILVA e LEITE, 2008, p. 76).

Neste item existe mais uma forte evidencia que coaduna com os elementos essenciais do conceito de sociabilidade violenta, segundo Machado da Silva (2008), uma vez que o morador identifica na força presente nas ações de violência uma referencia para a organização de suas rotinas cotidianas.

A ameaça que verifica nas ações do tráfico, entre as quais a bala perdida, faz com que o morador de Boa Vista se mantenha em constante estado de alerta para que possa identificar com certa precisão aquilo que o coloca em risco. Dado a esta constatação, entendo como tarefa difícil afirmar que qual situação não expõe que á nesse contexto a identificação da força presente nas ações de violência urbana como um principio de coordenação de condutas.

Como poderemos verificar no item a diante, a representação da violência urbana leva o morador de Boa Vista a adotar certas medidas para reduzir a possibilidade de sofrer alguma lesão, em decorrência de suas manifestações. Conseguimos revelar nos relatos dos moradores que eles elaboram um cognitivo

mapa de riscos do bairro, que distingue os locais em que fica mais exposto e, conseqüentemente mais propenso a vitimização em decorrência das ações que verifica como devidas a presença do tráfico.

4.3 PERIGO MAPEADO

Durante a coleta de dados em campo, foi possível verificar que o morador de Boa Vista diz encarar sua rotina cotidiana no bairro como tranquila, apesar do medo constante de que a violência venha a atingi-lo. Todavia, o mesmo morador que alega que o bairro hoje é mais tranquilo que um passado recente, evita percorrer determinados locais em certos horários, segundo ele para evitar o perigo existente na eventual possibilidade de que subitamente essa tranquilidade seja interrompida, pelo início um evento criminal violento.

O perigo que alega se deve a violência presente nos conflitos armados do tráfico, entre grupos rivais ou destes com a polícia. À medida que um local do bairro é interpretado como especialmente propício a ocorrência de um evento criminal violento, o morador passa a evitar perambular por lá a fim de minimizar a probabilidade de vitimização pela violência.

Evitar transitar por determinados locais do bairro em virtude do medo de se tornar vítima em eventos criminais violentos, com base em suas experiências cotidianas é uma maneira desenvolvida pelo morador por meio de uma espécie de mapa cognitivo em que estão dispostas determinadas áreas vistas como perigosas.

A ameaça que alega existir é a presença dos integrantes dos grupos armados ligados ao comércio de drogas ilícitas, a quem atribuem simplesmente como “o tráfico”. Portanto, onde o tráfico está, também está o perigo de se sofrer alguma lesão em decorrência da violência.

Assim, uma vez identificada à área do bairro onde existe maior presença do tráfico, o morador passa então a evitar transitar por lá. Existe ainda aquele morador que evita percorrer certos lugares em razão de outros fatores como conselhos de amigos e familiares para que simplesmente evite tal lugar, por considerar perigoso.

Entrevistados relataram que apesar de morar há mais de uma década em Boa Vista e de conhecer muitas pessoas em seu local de moradia, evita ir a outras porções da localidade pois entende que não existe motivos para ficar andando pelas ruas do bairro. Isso aliado aos conselhos recebidos de pessoas com o qual guarda estreita relação afetiva, simplesmente o segue sem qualquer tipo de questionamento.

O medo mobiliza os seres para ficarem em estado de alerta. Um sujeito, ao andar por uma rua escura, tende a ficar com medo da presença de um estranho em atitude suspeita e isso o coloca em estado de alerta, indicando que está correndo algum perigo. A grande questão é: como reage a esse sinal e que atitudes e condutas toma? (BAIERL, 2004, p. 38).

Em sua fala o morador associa violência e medo, como se sinônimos fossem. Mas o medo é a manifestação de percepção de que o ser está exposto a um fator de risco, uma “sensação que afeta as pessoas de diferentes formas e cada uma delas reage à sua maneira, ou seja, tem uma determinada conduta frente à sensação do perigo” (BAIERL, 2004, p. 39).

As reações ao medo se manifestam por diversas formas, pois é algo não natural, que se aprende por uma questão sociocultural ao longo da vida (BAIERL, 2004, p. 39). Algumas pessoas simplesmente se deleitam com a exposição ao perigo e a sensação de medo, como por exemplo, certos indivíduos que se arriscam na prática de esportes radicais, que para determinada porção da população pode causar medo apenas em ver suas atuações.

Uma das formas pelas quais o morador reage à sensação de medo, causada pela percepção de perigo presente na atuação do tráfico em determinados lugares de Boa Vista, leva-o a elaborar essa espécie de mapa cognitivo. A experiência no cotidiano de Boa Vista auxilia seu morador a elaborar um mapa dos locais onde há maior possibilidade de vitimá-lo, que o orienta à medida que seleciona onde deve evitar se fazer presente. Esse mapa que indica onde estão os perigos a serem evitados em suas rotinas cotidianas, a fim de permitir seu prosseguimento dentro de padrões aceitos como normais, de acordo com o que é captado diuturnamente, como sendo territórios que oferecem mais riscos a sua integridade física.

S4: Eu não posso passar em alguma rua lá, pois eu sei que aquela rua é uma rua perigosa, onde que ocorre o tráfico de drogas. É uma rua onde eu

posso sofrer um assalto ou ser hostilizado por alguém lá, né. Que às vezes o cara tá lá vendendo a droga e tá armado, tá mal intencionado.

S1: As ruas principais são as mais perigosas. Não sei se é porque a gente trafega sempre nelas. Todo mundo evita essas ruas vicinais, essas estreitas, que são essas menores ali no meio de Boa Vista I. Essas aí a gente não passa e nem sabe como é que é.

S3: O pior de se morar aqui é a falta de segurança nas outras ruas onde a gente passa. Por exemplo, eu tenho segurança na minha rua e nas outras eu já não ando com segurança por causa do tráfico.

S9: Eu não me sinto seguro andando pela rua do bairro, principalmente pela presença de traficantes, né. Eu já vi já vários assassinatos ali, né. Já pude ver assim né, ouvi o tiro, escutei lá o disparo e fui lá olhar lá e tinha uma pessoa estendida no chão lá. Já vi policial a paisana perseguindo bandido. Abordou o bandido lá no meio da rua. Bateu no cara e tal. Mas isso já faz um tempo. Aí o cara chamou uma viatura. A viatura foi lá e levou o cara e tal.

S6: Então, ir lá pra baixo eu nunca fui mesmo por causa de que eu não conhecia ninguém por aquela região. Eu ando mesmo ali pela caixa d'água, até a parte da sorveteria 'Diprimeira', eu não sei se ali é Boa Vista ainda. Eu evitava muito ir ali por causa da violência que o povo falava. Eu nunca vi. Eu nunca andei lá à noite também, mas sempre a minha mãe falava pra não ir lá, então eu não ia. Lembro disso até hoje. Eu não frequento muito aquele lado ainda por medo de bandido ou qualquer coisa do tipo assim.

S4: Em Boa Vista II ali subindo, indo pra Glória, naquele morro perto da UVV, eu não passo. Em certo horário não tem como. Ali é o movimento, é complicado. Só a noite é complicado. Durante o dia tem policiamento ali, pessoas passando.

S8: Aquelas ruas mais estreitas são complicadas porque não tem nenhum monitoramento. Então dificulta um pouco o trabalho, não só da polícia como também de passar gente ali. Ali sempre o movimento já é crítico. É o movimento que você vê na cara, o cara distribuindo assim.

S6: Eu não frequento muito, eu não subo muito ali em Boa Vista. Na verdade o caminho que eu faço, eu evito. Eu ando muito pouco por ali. Ando muito pouco por ali. Mas vejo muito movimento de policiais por ali, direto subindo o morro.

S13: Comparando com o tamanho de Vista é muito pouco o que eu ando por ali. Eu não me aventuro muito pelo lado de lá não. Na descida do campo, ali eu não vou nem um pouco por causa da violência.

Todo morador de Boa Vista sabe dizer qual o lugar do bairro que evita frequentar, inclusive os que alegam ter envolvimento com o tráfico local, por diversas razões mas que guardam a violência como elemento em comum. Existe um lugar que chama atenção em razão do nome dispensado a ele pelos moradores: "linha vermelha". Segundo relato de um morador que diz ter envolvimento com o tráfico, seria esse o lugar mais perigoso de Boa Vista.

Pesquisador: Existe algum lugar do bairro que você evita porque se sente ameaçado?

S10: Tem lugares sim, tipo, um pouco pesado de ir. Alguns becos e vielas ali eu nem passo perto, prefiro passar longe, porque eu não sei a hora que pode acontecer guerra de tiro ou pessoas de fora que vem guerrear ali com eles. Então eu não sei que hora que vai acontecer. Eu nem passo perto de lá, prefiro passar na rua de trás, que é um pouco mais tranquilo. Por Vista da Penha, que é bem mais tranquilo, do que tá passando, vamos dizer assim na linha de frente né, na linha vermelha.

Pesquisador: Eles chamam assim ali?

S10: O pessoal do bairro chama ali de linha vermelha. Ali é onde que acontece o intenso tráfico e tem tiroteio. Ali é onde acontece as tretas. É só passar com o olho atento que você vê uma movimentação estranha, suspeitos. Pessoal comprando droga ali, na cara dura, outros vendendo e uns na proteção.

O medo de circular por determinadas ruas do bairro leva o morador a estabelecer limites a sua liberdade de ir e vir, uma vez que sua presença e conduta no espaço público são cognitivamente restringidas. Ao evitar frequentar determinada região que compreende seu local de moradia, os indivíduos se sentem compelidos a moldar sua vontade em razão de sua possibilidade, e por isso “alteram sua rotina, sua forma de ser no mundo, alteram as relações sociais, não ficam mais indignadas, aceitam o inaceitável, fingem não ver, estão reconstruindo territórios, buscando formas de defesas, revides, mudando horários, etc.” (BAIERL, 2004, p. 40).

O medo da violência vivido contemporaneamente nos centros urbanos brasileiros de maneira geral, vem provocando a produção de novas formas de sociabilidade (BAIERL, 2004, p. 119), organizadas a partir de determinadas formas de “estratégias cotidianas de proteção e reação que tolhem os movimentos das pessoas e restringem seu universo de interações” (CALDEIRA, 2000, p. 27).

O desordenamento da vida se dá nos vários âmbitos do cotidiano, alterando ritmos e horários. Nova dinâmica é imposta a esse cotidiano que afeta: a vida familiar, a vida da vizinhança, a vida religiosa, as relações de amigos, a estrutura arquitetônica das moradias, promovendo, entre outras exigências, um maior controle da vida dos filhos e familiares e o impedimento de transitar em determinadas áreas e locais. (BAIERL, 2004, p. 127).

O morador adulto disse ter medo de circular por determinados locais de Boa Vista. No tocante as crianças sobre as quais guardam relação de responsabilidade há grande temeridade quanto a sua permanência pelas ruas do bairro. Um dos motivos seria que Boa Vista se localiza em uma região central de Vila Velha e por essa razão serve como uma espécie de corredor viário, utilizado como trajeto por quem se desloca pela cidade.

Todas as ruas do bairro são pavimentadas e as mais movimentadas possuem revestimento em asfalto, sendo grande parte em terreno plano e em um morro com extensão pequena, de fácil acesso, que torna a região propícia a intensa circulação de veículos automotores como carros, ônibus e motocicletas. As ruas principais da região não são muito largas, sendo em sua maioria em mão única com apenas uma faixa de circulação e estacionamento permitido em posição paralela ao longo das bordas da rua.

O risco de acidentes automobilísticos poderia ser um dos motivos para que os pais e responsáveis impedissem as crianças de circular pelas ruas da região. Porém, em nenhum momento da pesquisa no campo essa questão foi abordada como motivo para que se evitasse a permanência de crianças na rua. O único motivo pelo qual o morador de Boa Vista impede que a criança sob sua responsabilidade frequente os espaços públicos no bairro, ao apontar que a rua não é local apropriado para as crianças brincarem, é o medo de ser aliciada para atividades associadas ao comércio de drogas ilícitas:

Pesquisador: Porque as crianças hoje não brincam nas ruas de Boa Vista?.

S1: Eu acho que é por medo mesmo, do tráfico, de ser aliciado e tal, né.

S2: Hoje em dia os pais tão segurando mais os filhos.

Os moradores que são pais ou responsáveis por crianças disseram evitam deixar que eles ficassem desacompanhados, pois acreditam que as ruas de Boa Vista não é local apropriado para a criança brincar, pois podem ser seduzidas pelos traficantes para atuar junto a eles:

S7: As crianças que os pais querem segurança tem que segurar dentro de casa, porque o tráfico tá por aí atrás da molecada, porque de menor não vai preso.

S13: Hoje em dia os pais 'tacam o filho no computador', jogo e videogame. Tem criança que nem sabe das brincadeiras que a gente brincou. A gente jogava bola, pipa, peão, bolinha de gude, queimada, pique bandeira, pique esconde e hoje a gente não vê mais nada. A gente brincava disso tudo aqui na rua de trás.

S1: O meu [filho] brincava na rua quando ele ficava lá comigo [quando trabalhava em um outro bairro próximo]. Lá só tem gente boa, não tem tráfico. Aqui em Boa Vista, rua não é lugar pra criança.

S3: Eu conheço alguns moleques ali desde pequeno e no dia-dia você vê que eles estão indo para o lado errado. Você não pode nem orientar eles, porque eles estão todos assim, do lado da malandragem. Mas é o que eu falei, é porque os pais não tem condições de manter aquela educação. E o

governo também não dá esse colégio integral, falando que gera muito gasto, ainda mais com essa crise nossa. Mas não pode deixar sua criança por aí de bobeira, porque como eu falei, o tráfico pega eles e aí já era.

A sensação de medo envolve a vida cotidiana em Boa Vista, indica que o morador percebe a existência de um perigo (BAIERL, 2004, p. 39), levando-o a desenvolver certos tipos de reação como a alteração significativa do ritmo de suas condutas, a partir da elaboração cognitiva de uma complexa estratégia que tem a representação da violência por referencia (SILVA, 2008, p. 35).

O medo oriundo dos perpetradores da violência urbana está na fonte de um complexo de medidas como no caso exposto, que visam a estabelecer métodos evasivos frente às ameaças que a violência representa. Escolhas como por onde e quando se deve circular, além de com quem se torna desejável estabelecer relações sociais, estão entre as maneiras identificadas até o momento como devidas a necessidade de se impor defesas as ameaças e perigos que são percebidos nas experiências da vida cotidiana dos moradores de Boa Vista.

Neste item fica claro o que estamos argumentando, pois de fato o morador de Boa Vista, conforme até aqui exposto, norteia sua forma de agir e de interagir no espaço público com uma atenção especial as ameaças e riscos que identifica presentes nos eventos em que a violência urbana se manifesta.

Mapear seu local de moradia em zonas que consideram próprias e impróprias para a circulação, classificadas de acordo com a presença ou ausência dos elementos que são associados ao tráfico, é outra conduta que percebemos ser compartilhada entre o morador em Boa e das favelas do Rio de Janeiro.

Entendemos que este fator é preponderante para afirmar que é possível expressar que a sociabilidade violenta, segundo Machado da Silva (2008), se manifesta nas rotinas cotidianas de Boa Vista, apesar de o contexto em que se apresenta guarde discrepância dos ambientes em que revelou tal fenômeno.

Dentre os pontos que existe distinção entre o que Machado da Silva (2008) observou nos ambientes em que desenvolveu sua pesquisa é a maneira pela qual seus moradores se relacionam e encaram a atuação dos policiais. Essa questão será tratada no item seguinte, onde procuramos estabelecer, com base nos relatos dos moradores, como que é vista a atuação policial no bairro.

4.4 A POLÍCIA

Nos locais identificados por Machado da Silva (2008, p. 45) como o nascedouro da produção da sociabilidade violenta, verificou-se que as operações policiais são marcadas pela atuação ilegal dos agentes. Segundo o que é apontado pelos moradores dessas localidades, conforme exposto pelo referido autor em sua obra, os moradores das favelas cariocas sofrem não só pela truculência e arbitrariedade com que são tratados pelos policiais, mas com a imprevisibilidade da ocorrência das operações, quase sempre tendo por resultado pessoas mortas e feridas, inclusive os próprios policiais.

Essas incursões policiais geralmente aplicam a metodologia das políticas de segurança pública focadas na guerra ao tráfico, que torna sobremaneira dificultosa a missão dos moradores em elaborar padrões de conduta que reduzam as possibilidades de vitimização por esses agentes, uma vez que todos os habitantes das regiões alvo dessas operações são vistos como integrantes de um estrato cultural criminoso (SILVA e LEITE, 2008, p. 49).

No entanto, Machado da Silva e Leite (2008, p. 63) destacam que os moradores das favelas do Rio de Janeiro não criticam a atuação violenta, tão pouco a repressão ao crime e o controle impostos pela polícia, mas a falta de diferenciação de quem é traficante de quem não é (SILVA e LEITE, 2008, p. 73). Os moradores apóiam às ações policiais que visem a por fim a atuação dos traficantes de drogas, todavia criticam a falta de critérios em suas abordagens.

O resultado do trabalho realizado por Silva e Leite (2008, 73) nas favelas cariocas, dão conta de que seus moradores criticam o aspecto indiscriminado da ação dos policiais uma vez que não diferenciam a “gente de bem” dos “marginais”, pois o que de fato gera indignação é “menos a violência policial em si e mais a falta de seletividade de seu objeto” (SILVA e LEITE, 2008, 73).

Quanto ao caso específico dos moradores de Boa Vista, durante o trabalho em campo, buscou-se captar como que encaram a atividade policial na rotina da localidade. O morador de Boa Vista em geral se mostra satisfeito com o trabalho que as instituições policiais exercem na região e muitos atribuem o fim do conflito armado, que marcou a região em um passado recente, as operações desses

órgãos estatais, que levaram a morte e a prisão dos suspeitos de integrar os grupos envolvidos no conflito. Ademais, sua presença constante no local é elogiada e segundo alguns relatos é o motivo para que o bairro tenha se transformado em um lugar tranquilo para se viver.

S3: A policia trabalha direto. E depois eu não sei se tem alguma coisa a ver, mas depois que entrou o shopping, o fórum e mais a UVV ali, colocaram monitoramento ali, ai melhorou, porque aí a policia já entra direto ali. Isso é todo dia. Mas infelizmente não inibe eles, porque eles já conhecem, tipo assim, tem o 'orelha' que fica vigiando, aí eles percebem que tem alguma viatura se aproximando, aí não tem como você controlar, porque infelizmente a viatura vem e eles já conhecem de longe. Mas constantemente a viatura roda no bairro.

S1: Roda muita viatura. Inclusive quando tava naquele problema alto aí, de muito tráfico [ao pronunciar a palavra 'tráfico', diminuiu o volume de sua voz a um sussurro, como que conta algo secreto], a polícia deu uma assistência intensa. Você deve passar por aí e você vê. Essa assistência diminuiu o movimento. Diminuiu bastante. Por policia eu não posso reclamar. Eu acho que a assistência da policia tá tranquila.

A satisfação do morador de Boa Vista com a atuação policial no bairro ocorre, pois eles acreditam que o policial consegue fazer tal distinção e atuar de maneira mais objetiva. Assim se pode afirmar que tanto nas favelas do Rio de Janeiro como em Boa Vista, a o uso da violência como instrumento de atuação policial não é algo reprovável para seus moradores, desde que essa violência não tenha como objeto a “pessoa de bem”:

Pesquisador: E sobre a maneira que a policia trabalha aqui no bairro? Ela é violenta?.

S1: Não.

S2: Não. Mas de repente é com quem é vagabundo. Porque com morador, nunca ouvi falar não.

S1: Eles nem abordam pessoa que tá trabalhando. Nem aborda.

S2: Eu mesmo, nem me lembro a ultima vez em que me pararam.

Pesquisador: Vocês acham que os policiais conseguem ver quem é e quem não é criminoso?

S2: Conhece.

S1: Conhecem sim. Eles tão fazendo blitz em tudo quanto é canto. Isso aí, a gente passa com o carro e baixa os vidros para eles verem quem é, né.

S2: Eu mesmo passei ali em Gaivotas agora de moto, com minha viseira preta fechada e nem me pararam. Acho que é por causa do uniforme. Pelas roupas, né.

A pessoa de bem é uma construção elaborada pelos moradores como um antagonista ao traficante. Seria aquela pessoa cuja conduta é entendida como a mais aceitável e dentro dos padrões dominantes. Quando perguntado se a polícia consegue distinguir quem é “bandido” e quem é “pessoa de bem”, os moradores disseram o seguinte:

S3: A policia que trabalha ali na região são da comunidade. Então eles já conhecem todo mundo. Eles ficam observando e logo em seguida vem o apoio deles. Então eles já vem com a informação certa. O malandro dá muita pinta ali, então à polícia já conhece.

Pesquisador: Você acha que a polícia consegue distinguir quem é bandido?

S10: Alguns sim porque já são conhecidos. Tá ali toda hora, já é suspeito, né.

Pesquisador: E quem não é conhecido, você acha que tem alguma forma de identificar o bandido?.

S10: Acho que não. Pra mim eles devem pensar: ‘tá aqui comprando droga, ou tá começando a se envolver, querendo saber mais coisa’. E assim vai. Eu tenho uns amigos aí que tá nessa vida, uns tá preso, outros já foram mortos e alguns ainda tá nessa vida. Fica ali no meio.

Interessante destacar que o morador de Boa Vista entende que o policial identifica o indivíduo associado ao tráfico, pois são sempre os mesmo que atuam nas rondas diárias de lá, e ainda, que esses policiais são moradores de regiões próximas ou até mesmo do próprio bairro. Isso demonstra que para o morador de Boa Vista o policial que atua nas ruas do bairro é um individuo que compartilha das mesmas referencias simbólicas que as suas, portanto consegue discernir a “pessoa de bem” do “bandido”. Ao contrário do que ocorre nas favelas do Rio de Janeiro onde o policial “muito raramente tem algum interesse na vida local: constituem um poder que interfere de fora, através das famosas ‘operações’” (SILVA e LEITE, 2008, p. 71).

S4: Pra mim o trabalho da policia é dez. Passando esses dias mesmo pelo bairro eu vi uma abordagem da policia. A policia passou com uma Kombi cheia de soldado. São vários becos que tem ali, né. Aí em cada beco que passava, parava e descia dois. Aí no próximo beco mais dois. E assim cercaram a rua toda, geral ali, com uma Kombi só. Se em uma Kombi cabem duas pessoas, desceram doze e saíram revistando a área toda ali. Isso aí era às quatro horas da tarde. Ali em baixo em Boa Vista I, perto daquela sorveteria ‘Snoob’, ali perto do campo.

S3: Por eu andar muito pela área, já observei que eles trabalham muito bem. Nunca houve um mau trabalho, pelo contrário, sempre nos atendeu muito bem ali. Só que, é igual eu falei, policiais tem e rodam direto ali, só que a violência tá demais e a situação do vagabundo é que ele tem tempo de raciocinar e vigiar. Ele tem alguém que vigia ali. Então ele tem a

informação certa, aí a polícia chega e isso dificulta. Mas tem dia que eles pegam, por causa do monitoramento [por câmeras instaladas em alguns pontos]. Sem o monitoramento não conseguiria localizar.

Mas há ainda aqueles relatos que revelam certo grau de desconfiança a atuação da polícia. Segundo alguns moradores a polícia é conivente com a atuação de traficantes no bairro, em razão da corrupção e da displicência dos policiais que atuam na região. A crítica feita pelos moradores, não se volta contra a atuação violenta dos policiais, mas a sua atual conivência com os traficantes que ainda atuam no bairro. Os moradores suspeitam que a corrupção possa estar na raiz do fato de a polícia não ter acabado de vez com o tráfico de drogas em Boa Vista.

S9: A polícia passa identificando, mas ela nunca tem um tempo para parar e fazer uma reunião com a comunidade, tipo assim, chamar o presidente do bairro, reunir os pessoal de mês em mês, aí chama alguém que possa nos dar uma palestra e orientar o que tá acontecendo, se estão gostando do trabalho da polícia e tal.

S7: Eu acho que a polícia não é tão presente. A polícia vem fazer as rotinas da polícia, mas passa as 'baratinha', eles vêm à movimentação meio estranha, mas acabam não fazendo nada. Que é essas policias de rotina. Porque se é tráfico, é venda de droga, é proibido, tem que botar alguma coisa pra tentar conter isso. Mas só que tem uma ou duas viaturas rodando no bairro pra tentar conter isso, mas eu acho que se eles quisessem acabar com tudo mesmo, faziam uma operação grande pra detonar tudo.

S10: Eu acho que tem algumas participações de alguns pode estar influenciando nisso. Porque eu já vi algumas cenas de policias dentro da boca recebendo a propina né, pra tipo: 'não vou chamar o batalhão, não chamar ninguém, vou deixar vocês tranquilos aí vendendo o seu'. Eu presenciei isso várias vezes, já tem uns anos.

Os moradores acreditam que a polícia poderia acabar com o tráfico de drogas no bairro, mediante ações repressivas mais enérgicas.

S10: Se a polícia quiser acabar com o tráfico aqui em Boa Vista, basta colocar uma viatura aqui né, como são as duas principais, uma aqui e outra lá. Acabou. Ou bota uma viatura só pra ficar circulando no bairro. O bairro não é grande. Botou polícia pra circular a pé, acabou com o tráfico de Boa Vista.

S10: Mas quando vem fazer a operação, vamos dizer a GAO, eles não querem saber de nada, vem pra botar os moleques pra correr mesmo. Aí que os moleques vê a bruxa. Porque eles ficam com medo, porque a 'GAO', o 'GOTE', a 'ROTAM', o 'BME', vem pra acabar mesmo. Com eles não tem isso não.

S4: A polícia vem, mas é pra abaixar a poeira quando o bicho tá pegando, sempre faz vistorias e tal. Mas eu acho que eles quisessem mesmo acabar com tudo ali, faziam uma operação pra acabar. Mas eu não sei por que eles não acabam com isso.

Dentre todos os relatos sobre a atuação policial em Boa Vista, apenas um morador alegou ter sido vítima de abuso em decorrência da ação policial. Porém,

apesar de expor que a polícia atua de maneira ilegalmente agressiva, note-se que ele defende o uso da violência nas abordagens, desde que essa violência se direcione a “bandidagem”.

S5: Algumas ações da polícia acaba sendo bem rígidas ali no bairro. Eu já fui abordado várias vezes no bairro. Eles não chegam na tranquilidade não. Às vezes você tá conversando com alguém na sua rua que tem participação, você é também. Então já chega, às vezes até na pancada. Já me deram umas rasteiras, já deram tapa.

Pesquisador: Você acha esse tipo de ação correta?

S5: Em alguns sim. Porque eu acho assim, a bandidagem ali diz: ‘a polícia é verme, polícia não vai fazer nada, sou de menor’. Acaba criando essa imagem. A polícia não pode passar a mão na cabeça de bandido, né. Então eles tem que chegar e fazer o serviço deles. Mas questão de agressão assim eu não acho certo não.

A fala do morador de Boa Vista expõe uma polícia que conseguiu por fim ao conflito entre grupos rivais pelo controle dos pontos de venda de drogas no bairro, mas que não consegue por fim definitivamente ao comércio varejista local. O trabalho da polícia é elogiado, mas se acredita que é corrupta e displicente. Os relatos indicam que a polícia não atua com violência abusiva, mas defende o uso de tal prática contra a “bandidagem”.

A perspectiva em relação à atuação policial exposta pelo morador de Boa Vista é muito distante da revelada pelo indivíduo que habita a favela carioca, conforme descrito por Machado da Silva (2008).

Embora não se verifique semelhança entre as formas com que avaliam a atuação policial em seus locais de moradia, podemos apenas supor que talvez esse discurso possa representar exatamente uma consequência do medo de uma represália pelo aparato policial, uma vez que “o silêncio (e, mais geralmente, as distintas formas de omissão, as quais não devem ser entendidas como passividade ou desinteresse) constitui dispositivos de defesa” (SILVA e LEITE, 2008, p. 70).

O silêncio e a omissão como meios de defesa em uma ordem violenta são pressupostos inequívocos citados por Machado da Silva como “a consequência mais perversa da sociabilidade violenta como ordem instituída – afora, é claro, a letalidade que lhe é inerente” (SILVA, 2008, p. 45).

Por derradeiro, o fato de a polícia não ser temida pela população de Boa Vista em proporções análogas ao temor expresso pelo morador da favela da capital

fluminense, por si só não é suficiente para refutar nosso argumento. Em seu relato o morador expressa certo grau de satisfação com o serviço desempenhado pela polícia, ao passo em que guarda determinada parcela de desconfiança em relação a sua atuação.

Ao logo deste capítulo almejamos deixar claro que entendemos serem duas realidades distintas, tanto as encaradas em Boa Vista quanto as experimentadas nas favelas cariocas. No entanto, ao analisar os pontos chave descritos por Machado da Silva (2008) com o núcleo ou a essência da sociabilidade violenta, seguimos defendendo o argumento de é possível afirmar que esse fenômeno possa se manifestar em ambientes distintos aos das favelas, desde que se verifiquem a presença de seus elementos fundamentais.

No capítulo que se segue, procuramos dar um desfecho a essa argumentação. Para tanto, procuramos expor que de fato a força identificada nas ações da representação da violência urbana, elaborada pelo morador de Boa Vista, serve como parâmetro para a organização de suas rotinas.

O discurso do medo do tráfico indica que este integra a fonte principal das ameaças que o levam a organizar suas rotinas cotidianas, de maneira a reduzir a possibilidade de ser por ele afetado. Tal fator expressa que existe uma espécie de ordem social a ser seguida, pois em razão de suas experiências cotidianas, ignorá-la pode resultar em sérios danos a sua integridade individual.

5 O MEDO DA VIOLÊNCIA E A ORGANIZAÇÃO DA VIDA COTIDIANA

A sociabilidade violenta segundo Machado da Silva (2008, p. 22) tem seu núcleo localizado nas favelas, local em que os demais moradores se vêem diante da compulsoriedade de compartilhar um mesmo território com os perpetradores da violência urbana. Conforme exposto no primeiro capítulo deste texto, a afirmação de que há a sua produção irá depender da identificação dos elementos que compõem sua essência.

A característica mais essencial da sociabilidade violenta seria um tipo de clausura forçada, que impede o indivíduo submetido a essa espécie de ordem social de expor suas demandas. Essa situação leva o sujeito a desenvolver recursos para tornar possível viver com a presença constante do perigo e da insegurança, que marcam sua rotina cotidiana.

Vivem sob um triplo cerco: dos traficantes que dominam seus locais de moradia, da “permissão para matar” (que pode se manifestar em formas “mais brandas” da opressão cotidiana e do tratamento permanente de “gente sob suspeita”) e da mentalidade que ergue contra eles os muros simbólicos do desapego, do não-reconhecimento e da ausência de pontes e de diálogo que façam o problema pertencer a todos. (FRIDMAN, 2008, p. 79).

A generalização da desconfiança entre vizinhos, que por sua vez ensejaria em uma tácita lei do silêncio estão entre as consequências observadas pela vigência da ordem imposta pela sociabilidade violenta (SILVA, 2008, p. 45). Machado da Silva afirma que “não se trata apenas de manter as aparências e esconder dos ‘de fora’ os aspectos menos abonadores da vida local, mas da incomunicabilidade e do esgarçamento das tradicionais relações de vizinhança produzidos pelo medo e pela desconfiança” (SILVA, 2008, p. 45).

A expectativa gerada na população de Boa Vista em virtude das ameaças verificadas nos agentes identificados como traficantes, têm produzido reações diversas. Mas há um ponto em comum em todas elas, uma vez que todas as suas modalidades são individuais. Cada indivíduo busca reagir de maneira isolada frente ao risco que experimenta em suas rotinas cotidianas, a proporção em que não se verifica na região em epígrafe a existência de organismos comunitários que representem os interesses locais.

Tal afirmação se baseia nos relatos extraídos de seus moradores, que diante das situações que consideram ameaçadoras a sua integridade física, elaboram cognitivamente suas próprias ações omissivas. Assim, o morador tenta de forma passiva enfrentar as consequências dos eventos criminais violentos no cotidiano do bairro. Apesar de tais ações terem por característica comum o individualismo, muitas delas são compartilhadas entre habitantes distintos.

Desta feita, inicialmente apontaremos para a maneira pela qual o morador elabora o discurso do medo, geralmente identificado na figura do traficante e na bala perdida como elemento associado às consequências de suas ações. Esse temor seria uma consequência da manifestação inequívoca da produção, mesmo que parcial, de um padrão de sociabilidade violenta no contexto de Boa Vista.

Mais adiante explicitaremos a existência de um complexo sistema em que tanto as conversas do dia-a-dia quanto nas notícias veiculadas nos meios midiáticos, contribuem significativamente para o processo de proliferação e consolidação da noção da violência urbana. Constantemente presente nessas modalidades de comunicação, os eventos criminais violentos tem seu espaço cativo no cotidiano do morador de Boa Vista.

Por fim discutiremos a forma pela qual a violência influencia na organização das rotinas do morador de Boa Vista. Este é o principal argumento que ampara nosso entendimento de que é possível se afirmar que a sociabilidade violenta se processe mesmo que de maneira não integral, ou seja, mesmo que não se verifique cumulativamente todo o rol de elementos citados por Machado da Silva (2008).

Conforme defenderemos, verificados os indícios que indiquem que a representação da violência urbana interfere na maneira de agir e de se relacionar no contexto de determinada localidade, é o suficiente para que se afirme que há a produção de um padrão de sociabilidade violenta.

Essa situação configuraria o que Machado da Silva (2008) expõe como a vigência de duas ordens sociais distintas, que apesar de contraditórias, comungam de um mesmo espaço territorial e temporal sem que ocorra um conflito entre elas pela hegemonia local. Esse é o panorama da realidade em Boa Vista.

Por derradeiro, destacaremos que entre os produtos da manifestação do fenômeno da sociabilidade violenta em Boa Vista, podem ser verificados nas questões que abordaremos neste capítulo: a elaboração do discurso do medo, a propagação da noção de violência urbana e a organização das rotinas cotidianas do morador pautada no risco oferecido pelas ameaças violentas presentes no bairro.

5.1 O MEDO

Ao longo dos capítulos anteriores, descrevemos uma série de situações em que o morador de Boa Vista alega se sentir inseguro e amedrontado, em razão das ameaças que identifica presente no cotidiano do bairro. Ele teme que a tranquilidade de sua rotina cotidiana seja rompida, que suas demandas não sejam atendidas pelo poder público, de circular por determinados lugares em certos horários, de deixar as crianças brincarem na rua, de ser vítima de um evento violento, etc.

Dentre as consequências diretas dos riscos que identificamos como de responsabilidade daquilo que acreditamos ser os percussores da violência urbana, está a elaboração do discurso do medo. Por meio dele, os moradores expressam a maneira inequívoca pela qual a violência interfere em suas rotinas cotidianas.

Segundo Baierl (2004, p. 38), o medo é um sentimento diretamente relacionado “com os sentidos, com a faculdade ou habilidade que os sujeitos possuem de perceber, analisar e classificar as coisas no mundo real” (BAIERL, 2004, p. 38), a partir de experiências próprias ou de terceiros das quais toma conhecimento.

Mas essas situações que o morador de Boa Vista expõe como temíveis ou as formas pelas quais reage a ele, não nos parece distintos daquilo que considerável parcela da população brasileira em geral teme.

Silva e Leite (2008) realizaram uma análise com base em relatos captados junto a moradores de favelas do Rio de Janeiro. Dentre os resultados dessa pesquisa, apresentaram que a crítica dos habitantes dessa localidade se volta especialmente para a interferência dos eventos violentos na continuidade do fluxo

continuo das rotinas nos territórios das favelas (SILVA e LEITE, 2008, p. 75). Em razão dessa situação, as ameaças produzidas pela incerteza e pela insegurança, acarretam em uma ansiedade geral, “expressa sob a forma de um medo geral difuso” (SILVA e LEITE, 2008, p. 76).

Baierl (2004) desenvolveu um estudo em áreas de favela de Santo André. Essa pesquisadora empreendeu um estudo empírico em que buscou tecer a complexa cadeia de relações entre diferentes personagens sociais. O produto desse trabalho foi elaborado por meio das falas dos moradores, a partir das quais identificou o que denominou medo social, como algo que “vem afetando as pessoas em sua existência, dando novos ritmos e sentidos as seu cotidiano, alterando a arquitetura de suas casas, mudando trajetos e formas de ocupar a cidade e seus territórios” (BAIERL, 2004, p. 194).

Por seu turno, Caldeira (2011) ao desenvolver seu estudo em que analisa a relação entre criminalidade, democracia e território urbano, expôs uma série de questões acerca do medo na cidade de São Paulo. Para tanto, coletou relatos de moradores de regiões distintas da capital paulista. Esta pesquisa revelou que, não obstante haver uma variação das experiências violentas e do medo, de acordo com seu posicionamento no estrato social “todos estão igualmente preocupados com medidas de proteção e com aquilo que se poderia chamar de trabalho simbólico para dar sentido a suas várias experiências de violência” (CALDEIRA, 2011, p. 78).

O termo medo, utilizada pelo morador de Boa Vista, pode ser interpretada como o termo que descreve a sensação de parte das experiências com que se depara em suas rotinas no bairro. Pode se considerar que esse temor é uma consequência da expectativa que carrega consigo de sofrer algum tipo de prejuízo pessoal direto, uma vez que se sente ameaçado em razão da ação dos indivíduos que integram os grupos armados associados ao comércio de drogas ilícitas.

Apresentamos a seguir, um relato que representa a síntese do que pode ser percebido durante a pesquisa no campo. Em sua fala o sujeito expõe o que mais lhe provoca medo no bairro: a “bala perdida”. Ademais, revela acreditar que essa opinião é compartilhada pelos outros habitantes da localidade.

Pesquisador: O que lhe causa medo em Boa Vista?

S5: O risco maior ali é bala perdida. Porque você não sabe quando o vagabundo vem. Ele já chega atirando. Vem de fininho, daí tira a 'peça' e 'larga o dedo'. Ele não tá nem aí se tem 'gente de bem' na rua, pai de família, criança. Vem de fininho pra pegar o inimigo de boa e fazer o que quer.

Pesquisador: Quem faz isso?.

S5: Com certeza é a bandidagem, porque o que estraga ali é a bandidagem. Que por um lado é bem grande aquela área ali do meio, aí então acaba estragando o bairro todo, por causa disso. Muitas pessoas tem medo de vir ao bairro em questão disso, entendeu. Falam: 'Pô, você mora no Boa Vista? Ah! Nossa, tá doido. Deus me livre eu pisar lá'. Então, quem já mora ali e sabe o que rola e o que não rola, as pessoas ali tem medo só da 'bala perdida'. Porque é só não atrapalhar o tráfico que não precisa ter medo. Em algumas áreas ali não tem medo, não tem o que temer. Mas muitas pessoas ali tem medo das rixas deles com os bairros de fora que chegam atirando e a gente acaba tendo medo de bala perdida.

Não obstante ao mapeamento de risco realizado pelo morador de Boa Vista evidenciar certa região como perigosa, alguns moradores simplesmente não tem medo. Pelo menos é o que o relato do sujeito exposto acima nos leva a crer. No momento em que descreve que "quem já mora ali sabe o que rola e o que não rola", pode nos conduzir ao entendimento de que há uma espécie de regramento de conhecimento mútuo entre o tráfico e os demais moradores.

Essas regras seriam impostas por que detêm os meios para coagir, restando aos demais sujeitos à submissão a fim de garantir sua integridade individual. Na narrativa seguinte, outro morador expõe que conhecer bem o que pode ser interpretado como uma interferência ou uma oposição aos interesses do tráfico, pode tornar o indivíduo passível de sofrer alguma penalidade.

S10: Se você é uma pessoa de fora e chega e já quer botar as caras de vez onde não deve, isso acaba sendo perigoso. A mesma coisa quando você chega no bairro, você não sabe como que é o lance do tráfico, você não sabe como que é. Ai você chega querendo dar uma de tal, de bonitão, daí acaba se ferrando. Não pode dar esse 'mole', tem que saber chegar, no sapatinho, entendeu?.

A imposição pela força é revelada na fala anteriormente citada "porque é só não atrapalhar o tráfico que não precisa ter medo", reforça a ideia de que existem certas normas a serem seguidas pelo morador que não tem envolvimento com o tráfico. Seguir as normas significa não se colocar em oposição a seus interesses e evitar retaliações, como as descritas no capítulo anterior em que pessoas tiveram que se mudar do bairro em razão das ameaças que sofreram.

Desta feita, quando o sujeito relata que “as pessoas ali não tem medo”, deve-se ao fato de que se elas seguem os ditames impostos compulsoriamente pelo tráfico, sua incolumidade estaria garantida. Como os habitantes tem pleno conhecimento do que é imposto pelo “tráfico”, pois eles sabem “o que rola e o que não rola”, basta seguir para não ser incomodado.

Este pode ser um indicativo de que apesar de o temor que aflige o morador de Boa Vista estar focado na representação do traficante, seu medo de fato não decorre especificamente da atuação do traficante enquanto comerciante, nas ações de venda de drogas, mas nas que envolvem as disputas pelos locais em que ela é comercializada.

Em outras palavras, o fator preponderante que põe em risco o andamento contínuo da rotina cotidiana do morador de Boa Vista, não seria especificamente o comércio de drogas ilícitas, mas as “rixas deles com os bairros de fora que chegam atirando e a gente acaba tendo medo de bala perdida”, conforme se extrai do relato em análise.

Neste contexto, a elaboração da ideia da “bala perdida” entre os moradores de Boa Vista, decorre da perspectiva de que a “pessoa de bem” que habita a região não se considera alvo de interesse imediato do tráfico, a menos que interfira em seus anseios. A bala perdida é entendida pelo morador como uma consequência do conflito armado entre os grupos rivais, que geralmente desencadeia uma série de disparos de armas de fogo.

Imprevisível e descontrolado, o evento violento denominado tiroteio seria o nascedouro da “bala perdida”, caracterizada pelos projéteis que colidiriam e causariam danos as pessoas não envolvidas diretamente nesses eventos.

Personagem construído como antagonista a “pessoa de bem” (MISSE, 2008, p. 381), o bandido nas falas dos moradores de Boa Vista é aquele indivíduo indesejável, cuja extinção resultaria na provável melhoria das condições de vida local, sendo sua morte ou desaparecimento um desejo amplamente difundido, sobre o qual aparentemente não ensejaria o menor dos remorsos (MISSE, 2010, p.17).

A “bandidagem” presente na fala supramencionada seria composta pelos indivíduos que compõem os grupos armados ligados ao comércio de drogas ilícitas,

apontados pelos moradores que alegam não possuir envolvimento nesse negócio como o grande mal que assola Boa Vista.

A representação simbólica do medo, que de maneira geral está presente no cotidiano do morador de Boa Vista, pode ser encarada como proveniente do receio constante de se tornar uma vítima dos conflitos armados que ocorrem no local, motivados pelas disputas dos locais de comércio de drogas ilícitas.

Assim os grupos armados ligados ao tráfico de drogas são apontados por seus habitantes como os responsáveis por certa parcela dos eventos violentos na região. Seriam eles em razão de sua constante presença que oportunizariam os acontecimentos imprevisíveis e incontroláveis que estariam na origem da “bala perdida”.

Os locais onde o morador verifica mais intensa e constante presença do tráfico são os locais que evitam percorrer, de acordo com o mapa de risco que elaboram cognitivamente, conforme discorremos no capítulo anterior. Evitar percorrer determinados pontos de Boa Vista em determinados horários, seria então uma forma de organizar sua rotina em virtude do medo causado pela ameaça tácita oferecida pela bala perdida.

Meu interlocutor descreveu “aquela área do ali meio” em referência ao mapeamento de riscos por si elaborado, que busca descrever o local que vê como mais propício a vitimização pela bala perdida. Essa região é identificada por muitos dos moradores como “linha vermelha”, pois segundo sua fala, ali há a maior concentração de traficantes em Boa Vista. Logo, seria o local em que há maiores possibilidades de ser vitimado por uma bala perdida, uma vez que as ações de ataque e defesa entre os grupos rivais geralmente desencadeia um tiroteio, sempre imprevisível e fora de controle. É a localidade em que seu sentimento de medo é despertado com maior vigor e, portanto, ser evitado, pois é o principal foco da “bandagem” no bairro. A imagem violenta e perigosa dessa região seria propagada para as demais localidades da cidade consideradas menos violentas e perigosas. Isso faria com que as pessoas de outras regiões generalizem suas expressões de temor, que pode ser interpretada como consequência de um processo de deterioração da imagem do local e de seus sujeitos, nos moldes do que Goffman (2008) definiu como estigma: “Pô, você mora no Boa Vista? Ah! Nossa, tá doido. Deus me livre eu pisar lá”. (Diário de campo. 22.11.2015).

O morador de Boa Vista constrói a representação do medo de acordo com o contexto em que se encontra inserido, podendo variar de acordo com a situação em que o indivíduo se encontra.

Medo é um termo utilizado para expressar de maneira sintética a percepção da existência de um elevado grau de possibilidade de sofrer lesão a seus bens físicos e morais, não apenas em razão de experiências próprias, mas pelo que captam do meio externo por fatos ocorridos com terceiros.

Nas conversas informais, os moradores entrevistados reiteraram o argumento do medo, em seus relatos, no entanto em seus relatos sobre experiências violentas nenhum deles apareceu na situação de vítima. Todas as falas remetem a experiências alheias que tiveram conhecimento, mediante terceiros nas conversas cotidianas ou pela mídia.

Os moradores também entendem que não são alvos diretos dos grupos armados locais, bastando que não infrinjam alguma regra por eles imposta. Por isso sua fala do medo é direcionada para os tiroteios ocorridos pela disputa das bocas de fumo e a bala perdida seria o resultado desse cenário caótico, ocupando o topo das ameaças rotineiras.

Interessante destacar, conforme se revelou em momento anterior, que o medo de sofrer lesão aos bens patrimoniais é mínimo. Em momento algum durante a coleta de dados os moradores de Boa Vista expressaram ter medo de roubos ou furtos, por exemplo, dentro dos limites do bairro.

Sua alegação quanto a não ter medo de roubos no interior de Boa Vista se baseia na compreensão de que se o “tráfico” descobre que tem alguém roubando no interior do bairro ele logo terá executada a sua sentença de morte. Esse ponto também revela que há entre os moradores e traficantes a ciência da existência de certas regras de conduta.

O medo de ser vítima leva o indivíduo então a adotar medidas, que segundo sua experiência conduzirão a redução da probabilidade de ocorrência do evento, seja pela elaboração de mapas de risco, pela adoção de condutas ou pela imposição de meios físicos. Todas essas ações são a materialização de um sentimento que exige alguma forma de reação para aliviar o incômodo que causa a violência real ou esperada. As formas de se reagir ao medo não é um elemento natural, mas são aprendidos e condicionados, em razão da sociedade e dos traços culturais que a caracterizam (BAIERL, 2004, p. 39).

Outra distinção necessária a ser feita é de que o medo não pode ser confundido com a violência e com as formas de reação a ele, pois o modo pelo qual se reage a esse medo pode ser de fato violenta. Assim, “pode-se reagir ao medo fugindo dele, entregando-se a ele e ao objeto do medo, enfrentando-o, ou pode-se, simplesmente fingir que ele não existe” (BAIERL, 2004, p. 39).

A vigência de uma ordem social pautada na sociabilidade violenta leva o indivíduo a elaborar formas específicas de reação ao medo que ela lhe enseja. Dentre as formas de reação aos elementos que integram a sociabilidade violenta, descritos por Machado da Silva (2008), são a alteração dos modos pelos quais o sujeito organiza suas condutas e suas interações sociais no espaço público. Questões essas evidenciadas no contexto da realidade vivida pelo Morador de Boa Vista.

Dentro dessa análise de como o morador de Boa vista elabora seu discurso do medo, em razão de suas experiências com a violência urbana real ou esperada, no item a diante, desvelaremos a maneira pela qual a noção de violência urbana se propaga e se consolida entre sua população. Tal questão se apresenta relevante, haja vista que mesmo aquele morador que não experimentou da violência em seu local de moradia a teme e contribui para sua difusão.

5.2 A DIFUSÃO DA NOÇÃO DE VIOLÊNCIA URBANA

Em Boa Vista é possível notar que há a existência de um complexo sistema em que tanto as conversas do dia-a-dia quanto nas notícias veiculadas nos meios midiáticos, contribuem significativamente para o processo elaboração e proliferação da noção de violência urbana.

Constantemente presente nessas modalidades de comunicação, a violência e conseqüentemente o medo que se origina a partir de sua ocorrência, tem espaço cativo no cotidiano do morador de Boa Vista.

Seja nas conversas informais cotidianas, seja em seu momento de entretenimento frente a um aparelho de televisão, o morador da região tem acesso a informações das mais diversas, dentre as quais as que versam sobre eventos

criminais violentos. Parte das experiências que conduz o morador a adoção de certas condutas com o condão de minimizar a probabilidade de vitimização por ações criminais violentas, está presente nessas conversas informais entre vizinhos, amigos e parentes.

Essas trocas de informações sobre a violência e o medo compõem parte das experiências diárias do morador que contribuem para a elaboração cognitiva de suas estratégias de organização da vida no cotidiano. No entanto, essas mesmas conversas podem originar boatos em razão as diversas interpretações, podendo assim “se instalar como verdade e contar com a passividade, o silêncio e a submissão” (FRIDMAN, 2008, p. 89).

A elaboração de estratégias cognitivas de organização da rotina levaria em consideração o medo que marca as condutas do morador de Boa Vista no espaço público. Seu objetivo é manter a tranquilidade e a continuidade de suas rotinas dentro de um padrão definido como de normalidade.

Tanto simbólica como materialmente, essas estratégias operam de forma semelhante: elas estabelecem diferenças, impõem divisões e distâncias, constroem separações, multiplicam regras de evitação e exclusão e restringem os movimentos. Muitas dessas operações são justificadas em conversas do dia a dia cujo tema é o que chamo de fala do crime. As narrativas cotidianas, comentários, conversas e até mesmo brincadeiras e piadas que tem crime como tema contrapõem-se ao medo e a experiência de ser uma vítima do crime e, ao mesmo tempo, fazem o medo proliferar. (CALDEIRA, 2000, p. 09).

Nessas conversas entre os moradores, não somente as experiências pessoais seriam compartilhadas, mas também aquelas ocorridas com terceiros que chegaram ao seu conhecimento de forma pessoal ou mediante os veículos de informação disponíveis a população em geral.

As diversas modalidades em que as notícias são atualmente difundidas, desde as mais clássicas como jornais impressos e programas de rádio, até outros mais modernos como as mídias virtuais e as redes sociais, contribuem para que as experiências cotidianas com a violência e o medo sejam propagados.

Mas aquelas informações transmitidas pelos programas jornalísticos que compõem a programação das emissoras de televisão em especial, são as que mais causam impacto sobre o morador. Isso ocorre em razão de a televisão ser a principal forma de entretenimento diário do habitante de Boa Vista.

S4: Eu gosto de assistir televisão. Trabalho muito o dia todo e chego em casa querendo banho e deitar na cama pra ver o jornal. Não fico andando por aí não. Só saio de casa só quando preciso ir trabalhar, ou no supermercado e na farmácia. Quando tô muito animado vou em Coqueiral que é mais tranquilo, comer uma pizza ou um lanche. Aqui no Boa Vista é muito visado por vagabundo, aí prefiro ficar em casa mesmo

S2: Aqui no bairro você não tem muita opção. Pode ir fazer um lanche e só. Tem o campo ali, mas não vou lá porque tudo de ruim acontece lá. É tiroteio de dia, venda de droga e um monte de malandro. Não tem uma praça pra ir a noite levar as crianças pra brincar. Mas acho que se tivesse ia ser igual ao campo, ficar cheio de mau elemento. Aí prefiro ficar assistindo a televisão mesmo. Gosto de ver jogo, o cidade alerta, o jornal nacional.

S1: Meu radinho fica o tempo todo ligado, né. Aí trabalho e vou ouvindo as notícias. À noite quanto tô em casa gosto de assistir televisão e durmo depois que acaba o jornal nacional. Acordo muito cedo e gosto de deitar cedo também. Não sou chegado a esse negocio de novela, nem de jogo. Mas o jornal vejo todo o santo dia. Acho que a gente tem que ser bem informado nos dias de hoje.

Todos os sujeitos entrevistados disseram possuir em sua casa pelo menos um aparelho de televisão, e admitiram acompanhar diariamente a programação.

Dois dentre os entrevistados criticaram o fato de as equipes de reportagem só procurarem o bairro quando ocorrem eventos criminais violentos. Assim, cobram que também seja mostrado que o bairro já não é tão violento e perigoso quanto em outros tempos. Igualmente, gostariam que os meios de informação contribuíssem com suas demandas junto às instituições públicas.

S6: Já foi mais violento. Na época da guerra acabou criando uma imagem tão grande e ruim do bairro, que ficou tão conhecido e agora que amenizou mais as coisas e está mais fraco esse ponto de vista, mas todo mundo ainda tem medo. Não sabe como que é aqui, entendeu. Porque eu não sei, mas Boa Vista só aparece no jornal quando tem tiro ou morte. Eles tinham que vir aqui, conversar com o povo e mostrar que a gente quer melhorar o bairro.

S13: Antigamente, era pesado. Antigamente era muito pesado. Há uns sete anos, era bastante pesado. Era bastante perigoso. Era todo dia morte era todo dia tiroteio e acabou criando essa imagem imensa. Repórter vivia aqui. Todo dia tinha reportagem de Boa Vista, só coisa ruim. Aí muitos morreram, né. Eles brigavam entre si e acabou morrendo muita gente. Muita gente ainda tá presa, pegou vários anos aí por tráfico, de armas e tal. E acabou criando essa imagem. E hoje em dia tá um pouco mais tranquilo, não é toda hora que acontece, mas de vez em quando acontece algumas coisas. Porque em qualquer lugar acontece. Então ali não vai ser o único lugar que não vai ter? O repórter nunca veio aqui pra saber se a gente tá bem, se o prefeito tá dando moral aqui. Só quer saber de desgraça. Então só vem quando rola tiroteio.

S5: A imprensa, se for falar coisa boa vai falar do shopping, da universidade e do fórum, única coisa. Mas falar bem só se for de um bairro totalmente diferente tipo Itapuã, um bairro totalmente diferente, né. É onde que a

imprensa fala que é um lugar bom de viver e tal. Ali no Boa Vista já consideram favela.

Embora não se trate de uma consequência específica exploração midiática, tanto a violência quanto o medo dela encontram nesses meios de comunicação uma potencialidade para a difusão de sua representação.

A violência encontra formas específicas de manifestação enquanto fenômeno social de acordo com o contexto em que ocorre. Porém, a televisão, por exemplo, tem a capacidade de aumentar a proporção dos eventos, especialmente as questões criminais e violentas.

A violência tem uma representação ímpar em cada indivíduo, segundo a subjetividade configurada em seu processo cultural. A mídia acaba gerando um déficit por mais informações que possam oferecer algum sentido lógico ao indivíduo que se vê diante de uma sociedade “violenta”. É este déficit que mantém a demanda por mais notícias sobre crimes, motivando os meios a explorar tal caminho. (NAKAMURA, 2013, p. 4).

Isso decorre de sua habilidade para dar uma espécie de sincronismo às manifestações de violência, distribuindo para a sociedade “uma leitura sobre o mundo no qual o imaginário de cada personagem social acaba sendo permeado pela percepção de que na sociedade em que ele vive a violência está em processo crescente” (NAKAMURA, 2013, p. 4).

As manifestações criminais violentas em Boa Vista são muito exploradas pelas mídias jornalísticas¹², que não se verifica na mesma proporção quando se trata das questões positivas que lá acontecem. O lado positivo da região é algo que parece desinteressar aos meios de comunicação, assim como as demandas de seus habitantes por atenção do poder público, não recebem a mesma atenção por parte dos jornalistas.

Assim, a imagem de Boa Vista continua negativa frente aos indivíduos que não conhecem a realidade da região, pois o que se noticia dos acontecimentos

¹²Algumas publicações em ambiente virtual sobre eventos criminais violentos na região de Boa Vista: Vila Velha: três assassinados em tiroteio no bairro Boa Vista 1. Folha Vitória. Vitória, 04 fev. 2016. Balanço Geral. Disponível em: <<http://www.folhavitoria.com.br/videos/2016/02/742898898-triplo-hmc-vv.html>> Acesso em: fevereiro 2016. Dois adolescentes morrem em tiroteio em Vila Velha, ES. G1. Vitória, 19 out. 2014. Espírito Santo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2014/10/dois-adolescentes-morrem-em-tiroteio-em-vila-velha-es.html>> Acesso em: fevereiro 2016. Insegurança faz escolas em bairro de Vila Velha suspenderem aulas. G1. Vitória, 09 maio 2014. Espírito Santo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2014/05/inseguranca-faz-escolas-em-bairro-de-vila-velha-suspenderem-aulas.html>> Acesso em: fevereiro de 2016.

cotidianos do bairro retratam apenas uma parte de sua experiência. Essa abordagem seletiva do dia-a-dia de uma região contribui para a manutenção do status do local como violento e perigoso.

Ao passo que determinada parcela dos habitantes deixa de usar o espaço público e se recolhe a intimidade de sua vida privada, acompanhando tudo o que acontece pelos meios de comunicação que expõe de forma seletiva os acontecimentos, há uma tendência de que se interprete que não há coisa boa alguma na localidade, apenas aquilo que se retrata nos noticiários.

Essa perspectiva contribui para que a noção da violência urbana e o medo de suas consequências se proliferem, para além daquilo que o morador de fato experimenta em sua rotina cotidiana. Ao passo em que contribui para a consolidação da representação da violência urbana, leva o morador a tecer seu complexo de estratégias de conduta e a elaborar a organização de suas rotinas.

Neste próximo item, o último deste capítulo, buscaremos reiterar o argumento de que é possível que a sociabilidade violenta se manifeste com reservas, como no caso de Boa Vista. Organizar toda a rotina, por meio de um complexo de ações que tem por finalidade reduzir a possibilidade de se tornar uma vítima, é um indício que consideramos robusto o suficiente para amparar nossa afirmação.

5.3 ORGANIZAÇÃO DA ROTINA

A partir do medo que sente da violência representada nas ações ligadas ao comércio de drogas ilícitas que ocorre cotidianamente pelas ruas de Boa Vista, o morador desenvolve formas de conduzir suas ações no dia-dia com base em sua experiência na região. Seu medo de se tornar vítima de um evento criminal violento, leva-o a fazer escolhas que tem o condão de minimizar a probabilidade de ser acometido pela violência. A partir desse medo:

Rocha (2008, p. 217) estudou o discurso da tranquilidade na fala dos moradores de uma favela carioca. Tal favela possui um histórico marcado por constantes eventos violentos em consequência dos conflitos entre policiais e

traficantes armados, entretanto atualmente já não mais possui a presença do tráfico ostensivamente armado. Neste caso, o papel a ser cumprido pelo discurso da paz e da tranquilidade é “transmitir aos moradores um sentimento de segurança, reforçando a confiança na continuidade das rotinas cotidianas que muitas outras favelas não têm” (ROCHA, 2008, p. 217).

Também cabe ao discurso da tranquilidade atuar como uma espécie de “instrumento de controle social, abafando comportamentos considerados desviantes” (ROCHA, 2008, p. 217), sendo ainda uma maneira pela qual o morador afirma seu afastamento moral como um gesto de repúdio aos traficantes.

Para Rocha (2008, p. 217), o discurso da tranquilidade presente nesse caso seria uma versão específica da “lei do silêncio”, imposta pelos grupos armados, tanto traficantes quanto milícias, que detêm o controle territorial da região.

Apesar de todo o medo exposto pelo morador de Boa Vista em razão da ameaça que sente da presença constante do tráfico, tanto os eventos criminais violentos quanto o controle territorial exercido pelo tráfico não são constantes, mas eventuais. Mesmo ao se verificar essa limitação na atuação do tráfico em Boa Vista, o morador que alega não possuir envolvimento organiza a sua rotina cotidiana pautado no discurso do medo.

S3: Viver em Boa Vista é do trabalho pra casa e curtir em casa uma televisão ou um filme e acabou. Por causa da violência eu não saio. Não saio de jeito nenhum. Do trabalho pra casa e pronto. Lazer acabou, porque lazer não tem.

S5: Só saio de caso de carro, sabe. Até pra ir na padaria vou de carro por que eu não gosto de ficar por aí dando sopa pra traficante. Outro dia tava uma paz só, e do nada mataram dois ali atrás. Imagina se tem alguém ali na hora. Ia pro saco junto.

S9: A gente vê muita coisa e ouve muita coisa, né. Eu? Sair por aí pra pagar pra ver? O dia que disserem assim: “acabou o tráfico no Boa Vista”. Tipo, aí levo meus meninos pra brincar e tomar um sorvete ali. Tá desenfreado o negócio, você sabe. Tem que saber com quem fala, né. Com quem anda, não pode ir por ali, por lá, senão dança. Se tivesse condição me mudava, mas tá osso.

No capítulo quatro foram descritas aquelas situações em que o morador de Boa Vista considera como ameaçadoras, especialmente a sua integridade física. A partir das consequências da presença do tráfico no bairro, eles descrevem como ameaças as situações normalmente ligadas às disputas pelos pontos de venda de

drogas ilícitas, sendo a temida bala perdida o resultado dos tiroteios que marcam esses conflitos.

Ante tal situação, o discurso do medo é elaborado e passa a nortear a organização de sua rotina, que tem o escopo de minimizar a oportunidade de ser alvejado pela violência presente nesses conflitos. Dentre as formas mais notórias de organizar sua rotina, expostas pelos moradores de Boa Vista em seus relatos, está em traçar cognitivamente de maneira prévia o trajeto pelo qual pode percorrer.

Planejar seu percurso pelas ruas e regiões de Boa Vista, é visto pelo morador como de fundamental importância para a manutenção do tranquilo andamento de sua rotina cotidiana. Tal mapeamento é feito com base em suas experiências diárias, que podem ser incorporadas tanto pelas formas de difusão do medo quanto pelos atos que presencia pessoalmente.

Portanto, mapear o bairro com base nos riscos que cada local oferece a sua integridade física é uma das modalidades de organização de suas rotinas que tem como parâmetro a violência urbana. Este que é um dos elementos inequívocos da existência de um padrão de sociabilidade violenta.

Outra forma de organizar sua rotina determina com quem não é aconselhável se relacionar. Como apresentamos, as relações entre vizinhos em Boa Vista são típicas de regiões interioranas, pautadas na proximidade e no conhecimento mútuo. Isso contribui para que o morador defina com quais pessoas pode manter um laço mais próximo, uma vez que os moradores afirmam que todos no bairro se conhecem. Logo, essa identificação torna mais fácil restringir suas relações sociais às “pessoas de bem”.

O distanciamento moral do tráfico ocorre mediante a identificação dos indivíduos a ele associado. Esse comportamento é uma maneira de repudiar o estilo de vida daqueles vistos como traficantes, fica inserido dentre as modalidades de organizar a rotina a partir da representação da violência urbana. Todavia, existem aquelas pessoas que não tem envolvimento com o tráfico que não vêem problema em manter um laço de amizade e respeito.

Dois entre os moradores entrevistados, disseram serem amigos muito próximos de pessoas associadas ao tráfico. Um deles inclusive nos indicou seu

amigo que atua no comércio ilegal de drogas, por quem fomos muito bem recebidos e que nos forneceu um excelente relato de seu ponto de vista sobre a vida em Boa Vista.

Desta feita, apesar do processo de limpeza simbólica nos parecer à regra em Boa Vista, há que se frisar que as exceções também existem.

Organizar a rotina significa orientar suas condutas de maneira que se assegurem seus interesses e se garanta o normal andamento de seu dia, dentro de padrões previsíveis e desejados. Conforme suas experiências anteriores indicam, certas formas de agir ou de se omitir possibilitam maiores chances de sucesso.

Na medida em que identifica as ações criminais violentas como uma ameaça constante, o sujeito se colocará em situação de constante preocupação com essa organização.

Se os indícios até aqui apresentados não permitem estabelecer que em Boa Vista ocorre à produção da sociabilidade violenta, este ponto em específico revela a existência de certa semelhança entre as realidades encaradas pelo morador da favela carioca e pelo sujeito que reside em Boa Vista. Portanto, entendemos que há a possibilidade de que a sociabilidade violenta seja produzida em ambientes diversos aos pesquisados por Machado da Silva (2008), mesmo que de forma mais restrita.

As populações mais diretamente afetadas (ou dito de outra maneira, menos protegidas) continuam a viver uma vida “normal”, porém a custo de uma enorme atenção e um diuturno esforço adicional destinado a garantir a continuidade das rotinas, permanentemente ameaçadas pela proximidade da sociabilidade violenta, organizadas como subalternas que são à ordem estatal, mas sob a condição de serem impedidas de se apropriarem coletivamente da “outra parte” desta mesma normalidade cindida. (SILVA, 2008, p. 45).

As diversas formas em que a violência urbana se manifesta, influencia diretamente na organização das rotinas do morador de Boa Vista. Uma de suas consequências é a elaboração de barreiras, visando impor alguma resistência ao que identificam como ameaças, em razão do daquilo que a violência urbana pode promover e assim alterar a continuidade de sua rotina cotidiana.

Essas barreiras impostas como forma de defesa à agressão do sujeito que definem como ameaçadores, podem se processar de forma física ou abstrata, de acordo com o que se pode captar da pesquisa em campo.

Assim, dentre as formas de reação ao medo da violência verificados nas rotinas cotidianas do morador de Boa Vista, merece destaque o que se pode denominar de barreiras físicas e sociais.

Ao passo em que verifica certo elemento como um fator que oferece risco a manutenção de sua rotina cotidiana, dentro das balizas daquilo que considera desejável e previsível, o morador tende a erguê-las, de forma a defender sua tranquilidade e seu padrão de vida. Seu fim então seria impor algum tipo de resistência às pretensões de terceiro que colidem com as suas.

Os meios físicos de impor barreiras no contexto urbano seriam os tradicionais muros e grades, utilizados como forma de impedir o acesso corporal daqueles sujeitos indesejáveis. Componentes quase que onipresentes na arquitetura das casas e condomínios de apartamentos que integram as residências em Boa Vista, as grades e os muros refletem bem como o morador se sente inseguro no cenário local.

S13: Você não pode deixar a casa aberta, de jeito nenhum. Não com medo de roubo, porque aqui isso não tem. É que quando tem guerra, o bandido sai voado e entra em qualquer canto. Se eu deixar aqui escancarado pode entrar sei lá quem aqui e aí já viu.

S10: Tem que ficar ligado e sair batido se ser ruim. Chega atirando, nem aí. Já teve caso de tiroteio com vinte, trinta tiro. Quem entra aqui pra invadir não tá de brincadeira. Vem pra matar, pra bagunçar mesmo. Já tive que pular muro pra fugir. E aqui tem muro baixo não. Tem caco de vidro, tem prego.

S9: Aqui é tudo gradeado. Aqui tô seguro. Minha porta fica bem de frente pra rua, aí não dá pra fazer muro. Mas a grade já ajuda muito.

A sensação de insegurança provocada pela representação da violência urbana leva o indivíduo a adotar atitudes de defesa passivas baseadas na omissão. Inequivocamente, um dos fatores que nos levam a argumentar sobre a produção da sociabilidade violenta em Boa Vista.

Essa situação é verificada no caso do morador de Boa Vista que não é associado ao tráfico, pois de acordo com sua experiência no cotidiano no bairro, não disponibiliza dos meios que o permita agir de maneira distinta.

Desta feita, lhe resta construir essas barreiras de maneira a tentar minimizar sua sensação de fragilidade frente ao medo de ser expor aos riscos presentes em seu cotidiano. No entanto, esta maneira de reagir à violência verificada junto aos moradores de Boa Vista, não nos parece muito diversa das reações em geral da população que vive em outras regiões urbanas.

No contexto do que pudemos verificar em Boa Vista, o morador além de se preocupar com as citadas barreiras físicas, tem o cuidado de impor resistência às ameaças cotidianas por meio da limpeza simbólica (SILVA e LEITE, 2007, p. 574 – 575). Esta seria a principal forma de barreira social desenvolvida pelo sujeito que habita a região, que afirmou não estar associado ao tráfico.

Quanto ao processo de limpeza simbólica, vale asseverar que se trata de um “esforço incansável de afastamento moral não resulta de uma deliberação prévia, nem de uma armadura protetora constituída pela introjeção de valores garantida em um percurso social assegurado anteriormente” (FRIDMAN, 2008, p. 85). Em outras palavras é a busca do morador não associado ao tráfico para se afirmar como “pessoa de bem”, ou seja, um antagonista da figura do traficante de drogas.

Contudo, verificam-se exceções a essa regra, pois encontramos pessoas não associadas ao tráfico local, que mantêm relações diversas com traficantes, sem que tal situação lhe cause maiores problemas.

Neste contexto, pode-se apontar a violência como diretamente vinculada à elaboração de estratégias de organização das rotinas cotidianas, que tem como final desse processo a elaboração de barreiras físicas e sociais. Aliadas, compõem o arsenal com o qual o morador busca defender seus interesses e garantir que seu dia-a-dia transcorra de forma previsível e tranquila.

Todavia, essas estratégias de defesa passiva, pois se baseiam em atitudes omissivas não irão garantir que tal intento seja atingido. Na verdade, isso contribui para a diminuição da ansiedade do morador e de certa forma aliviar a tensão causada pelo o medo da violência urbana.

A falta de ações coletivas como formas de reagir à violência demonstra certo grau de individualismo entre os moradores de Boa Vista, apesar das boas relações que mantêm com seus vizinhos. Tal fato revela a falta de uma perspectiva

que demonstre que a violência urbana é um problema comum a toda à população do bairro.

Ao longo deste quinto e último capítulo, nos propomos a discorrer sobre a maneira pela qual entendemos que a violência influencia na organização das rotinas do morador de Boa Vista. Buscamos expor os motivos pelos quais entendemos que a sociabilidade violenta se processe mesmo que de maneira não integral, ou seja, mesmo que não se verifique cumulativamente todo o rol de elementos citados por Machado da Silva (2008).

A realidade vivida pelo morador de Boa Vista é específica, não havendo confusão entre suas características com as dos ambientes das favelas cariocas estudadas por Machado da Silva (2008). Mas esse fato por si só não nos parece impedir que se afirme que existe a possibilidade de a força física presente na violência urbana, possa se manifestar em ambientes distintos.

No caso específico de Boa Vista, verificamos que o morador entende que está subordinado aos interesses de um grupo de indivíduos que, pelas apresentações de força em momentos anteriores, penalizam quem se põe em rota de colisão a seus interesses. Assim, resta aqueles que insistem em continuar permanecendo nesse local assumir uma postura passiva, no intuito de manter em certo nível de aceitabilidade a convivência como as ameaças a sua integridade individual.

Destarte, defendemos que basta a representação da violência urbana ser identificada pelo morador como uma orientação para suas condutas no espaço público, o suficiente para se afirmar que há a produção de um padrão de sociabilidade violenta.

Nosso entendimento é de que isso já é o suficiente para configurá-la como uma ordem social vigente, contraditória a institucionalmente constituída, mas ambas permanentemente ocupando um mesmo território de maneira que não colidem.

Por fim, o argumento que buscamos elaborar se baseia no fato de que embora a realidade de Boa Vista se distingue dos ambientes analisados por Machado da Silva (2008), há na representação da violência urbana elaborada por

seus moradores, uma forma de orientação para modelos de conduta, baseados no uso irrestrito da força física com princípio de coordenação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando definimos a região de Boa Vista como o recorte geográfico para a realização de nossa pesquisa, a única informação sobre suas rotinas cotidianas eram as notícias veiculadas pela mídia. Antes de ir para o campo acreditávamos que iríamos encontrar um lugar inóspito e hostil. Mas o cenário que encontramos não é muito diferente do que ocorre nos demais bairros de Vila Velha os quais estamos habituados.

Durante os seis meses em que executamos nossas incursões etnográficas, não chegou ao nosso conhecimento nenhuma ocorrência de evento violento, que houvesse deixado vítima por disparo de arma de fogo no bairro. No entanto, cerca de um mês após nossa retirada do campo e antes da conclusão desta dissertação, tivemos por meio da mídia jornalística - logo confirmada por um dos sujeitos entrevistados procurado por nós nessa ocasião - a notícia de um acontecimento criminal violento que deixou três vítimas fatais¹³.

Por meio de nossa experiência etnográfica, pudemos verificar pessoalmente que Boa Vista não um bairro tão violento quanto imaginávamos. Mas também não é o lugar tão pacífico quanto alguns moradores se propuseram a descrever. Todo o morador entrevistado disse gostar de viver em Boa Vista, mas essa vida tem seu preço.

O morador em Boa Vista se esforça diariamente para prosseguir em suas rotinas cotidianas dentro daquilo que lhe é desejado. Mas verificamos que existe o permanente receio de que alguma manifestação criminal violenta esteja prestes a ocorrer, fazendo com que o indivíduo adote certas posturas no que diz respeito as suas condutas e suas interações sociais.

Parece-nos que a realidade experimentada diariamente pelo morador de Boa Vista em seu bairro, embora distinta, apresenta algumas semelhanças que os aproxima daquilo que Machado da Silva (2008) descreve como sendo a vida nas favelas do Rio de Janeiro.

¹³ Três jovens são mortos com mais de 20 tiros. Gazeta Online. Vitória, 03 fevereiro 2016. Polícia. Disponível em: <http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2016/02/noticias/cidades/3927211-tres-jovens-sao-mortos-com-mais-de-20-tiros.html> Acesso em: fevereiro de 2016.

A sociabilidade violenta, segundo Machado da Silva (2008), tem como produto fundamental a transformação de qualidade das interações sociais e na alteração das condutas dos indivíduos, em função da expectativa de ações violentas tanto por parte de criminosos quanto de policiais. Essa situação indicaria a convivência de duas ordens sociais distintas em um mesmo espaço territorial, mas sem qualquer intenção de se sobrepor à ordem social vigente (SILVA, 2004, p. 72).

Em Boa Vista, o morador identifica que os grupos armados ligados ao comércio de drogas ilícitas presentes no bairro penalizam, mediante emprego da força física presente na violência quase sempre de forma letal, aqueles que não se submetem a seus interesses. Submeter o morador a sua vontade é um ato daquele que ocupa uma posição dominante dentro dessa ordem social, na intenção de garantir a manutenção desta situação.

Portanto, o morador que não está vinculado ao tráfico se vê compelido a não adotar medidas que indiquem alguma espécie de oposição às ações dos traficantes. Pois pelas experiências anteriores, tem plena consciência que não dispõe de recursos suficientes para retaliar uma possível agressão.

Assim, ele adota uma postura defensiva, a partir da elaboração cognitiva de um complexo de estratégias que visam a afastar as ameaças de forma a diminuir a possibilidade de ser alcançado por elas. Executam suas táticas defensivas por meio da imposição de barreiras físicas, como grades e muros, bem como de barreiras sociais como o afastamento moral. Evitar circular por certos lugares, não deixar as crianças brincarem nas ruas e evitar se relacionar com os traficantes estão entre as modalidades de se evitar os riscos que as manifestações da violência urbana proporcionam.

Ao descrever o medo da bala perdida como a maior preocupação em sua rotina cotidiana, apesar de não se ter ciência de seu acontecimento no bairro, expõe a percepção do morador de que os eventos criminais violentos são insuscetíveis ao controle por parte do indivíduo comum. A bala perdida é vista como uma consequência quase inevitável nas situações de confronto entre os grupos que dominam os pontos de comércio de droga presente no bairro, e destes contra a intervenção das instituições policiais.

Ponto que destoa da construção da sociabilidade violenta de Machado da Silva (2008), diz respeito à percepção do morador de Boa Vista quanto à atuação dos agentes policiais. Para o morador a atuação da polícia é boa, mas expressam certa desconfiança. Esse fato se deve ao suposto desinteresse por parte da polícia em por um fim no tráfico do bairro, pois o morador acredita que isso não seria uma tarefa impossível de se realizar, bastando uma postura mais dura e enérgica contra a ação dos traficantes e que não seja corrupta, conforme alegam.

Enquanto que para o morador da favela da capital fluminense a polícia é temida, sobretudo durante as operações, em razão de sua natureza súbita e eventual que diminui sobremaneira sua capacidade de defesa. A ação policial é descrita pelo habitante da favela carioca como truculenta, ilegal e arbitrária, ao passo que diante de suas ações se sente completamente impotente de impor qualquer resistência (SILVA e LEITE, 2008, p. 71).

Mesmo que não se apresentem todos os elementos citados por Machado da Silva (2008) como pressupostos necessários a afirmação de que ocorre a produção de um padrão de sociabilidade violenta, isso não impede, segundo o nosso ponto de vista, que seja possível afirmar que estão presentes alguns de seus aspectos.

O núcleo da sociabilidade violenta, segundo machado da Silva (2008) é a configuração de uma ordem social que tem na força física presente nas ações de violência urbana o seu princípio de coordenação. Isso leva o indivíduo a adotar uma série de medidas para se resgarde dos eventos violentos. Ou seja, tem o poder de alterar o modo de agir do indivíduo. Assim, desde que se comprove a existência do núcleo da sociabilidade violenta em determinado contexto, entendemos possível à afirmação de que há a sua produção.

Apesar de os relatos do morador de Boa Vista não se referir a polícia como autora de atos ilegais e truculentos, eles acreditam que a passividade das instituições policiais contribui para a presença do tráfico. Apesar de a desconfiança com o aparato policial no bairro não se apresentar nas mesmas proporções da que Machado da Silva (2008) apresenta como componente da realidade vivida pelo habitante da favela, ela existe.

A presença do tráfico, tanto física quanto simbólica, faz com que o morador de Boa Vista se organize de modo a evitar sua interferência em suas rotinas cotidianas. Isso é um fato.

Embora não tenhamos conseguido verificar o desenvolvimento da sociabilidade violenta em sua integralidade, evidenciamos em Boa Vista a existência de elementos essenciais presentes no conceito proposto por Machado da Silva.

Desta feita, entendemos que há a possibilidade de a sociabilidade violenta se manifestar em contextos distintos aos das favelas cariocas. Apesar de não estarem presentes em sua integralidade, bastando à existência de evidências inequívocas da manifestação de alguns de seus aspectos mais essenciais, como a força física presente na violência por princípio de coordenação de uma ordem social autônoma, em situação de coexistência com a ordem social institucional tradicional vigente, sem que elas colidam.

Logo, apesar de compreender que a realidade do morador de Boa Vista se distingue da encarada pelo habitante da favela carioca descrita por Machado, existe um padrão de conduta orientado a partir da ameaça que verifica na representação da violência urbana.

REFERÊNCIAS

BAIERL, Luzia Fátima. *Medo social: da violência visível ao invisível da violência*. São Paulo: Cortez, 2004.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BIONDI, Karina. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão, seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos*. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL. In: IBGE: Censo 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=320520&search=espirito-santo|vila-velha>> Acesso em: setembro 2015.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade na antropologia. In: *Novos Estudos - CEBRAP*. n. 21, p. 133 – 157, São Paulo, 1988.

_____. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

CHAUÍ, Marilena. A não-violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. In: *Almanaque 11 – Educação ou conversa?* Centro de Referência Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1980. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/2200#page/1/mode/1up>> Acesso em: agosto 2015.

DINIZ, Débora. A pesquisa social e os comitês de ética no Brasil. In: Soraya Fleischer e Patrice Chuchu (org.). *Ética e regulamentação na pesquisa antropológica*. Brasília: Letras Livres / Editora UNB, 2010. p. 183-190.

FARIAS, Juliana. In: Luiz Antônio Machado da Silva (org.). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 173-190.

FRIDMAN, Luís Carlos. Morte e vida favelada. In: Luiz Antônio Machado da Silva (org.). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 77-98.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ed. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GRILLO, Carolina Christoph. *Fazendo o doze na pista: um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

LIRA, Pablo Silva. *Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instancias urbanas*. Vitória: Editora GSA, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MISSE, Michel. (1999a). *Crime urbano, sociabilidade violenta e ordem legítima: comentário sobre as hipóteses de Machado da Silva*. Rio de Janeiro, 1999a. Disponível em: <https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/60/Crime_urbano.pdf>. Acesso em: dezembro 2015.

_____. Malandros, vagabundos e marginais: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro IUPERJ, Tese de Doutorado em Sociologia. Rio de Janeiro, 1999b.

_____. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. *In: Civitas*. v. 8, n 3, p. 371-385, Porto Alegre, 2008.

_____. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. *In: Lua Nova*. n.79, p. 15 – 38, São Paulo, 2010.

NAKAMURA, André Luís. A mídia e a difusão da violência urbana: o imaginário social permeado pela massificação midiática. *In: 9º Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero. Anais Eletrônicos*, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Andr%C3%A9-Luis-Nakamura.pdf>> Acesso em: fevereiro 2016.

NERI, Marcelo Cortes. A nova classe média. *In: Fundação Getúlio Vargas: centro de políticas sociais*, 2008. Disponível em: < http://www.cps.fgv.br/cps/classe_media/> Acesso em: outubro 2015.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos orais: do indizível ao dizível*. In: Von Simsom (org.). Experimentos com histórias de vida. São Paulo: Vértice Editora, 1988, p. 14–43.

ROCHA, Lia de Mattos. Uma favela sem tráfico? os limites da ação e da opressão do tráfico. *In: Luiz Antônio Machado da Silva (org.)*. Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 191 - 225.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *In: Sociedade e Estado*. v. 19, n. 1, p. 53-84, Brasília, 2004.

_____; LEITE, Márcia Pereira. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas. *In: Sociedade e Estado*. v. 22, n. 3, p. 545 – 591, Brasília, 2007.

_____. (org.). *Vida sob cerco: violência e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIMMEL, Georg. (2006). *Questões fundamentais de sociologia: individuo e sociedade*. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar.

SOARES, Antônio Mateus de Carvalho. Composição da sociabilidade violenta no Brasil. *In: Revista de Ciências Humanas*. v. 14, n. 1, p. 175-190, Viçosa, 2014.

VILA VELHA. Perfil socioeconômico por bairros. *In: Secretaria Municipal de Planejamento, Orçamento e Gestão*. Vila Velha, 2013. Disponível em: <<http://www.vilavelha.es.gov.br/midia/paginas/Perfil%20socio%20economico%20R2.pdf>> Acesso em: fevereiro 2015.

WACQUANT, Loic. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Trad. Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WHYTE, Willian Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. (2014). Mapa da violência 2013: mortes matadas por arma de fogo. *In: Mapa da violência*. 2014. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/MapaViolencia2013_armas.pdf> Acesso em: setembro 2015.

ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. *In: Mana*. v. 15, n. 2, p. 557-584, Rio de Janeiro, 2009.

_____. Pesquisando no perigo com jovens vulneráveis: que ética?. *In: Stella Taquettee Célia e Pereira Caldas (org.). Ética e pesquisa com populações vulneráveis*. v.1, p. 189-215. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

_____. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2015.

_____. Ética na pesquisa social: novos impasses burocráticos e paroquiais. *In: Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS*. v. 3, n. 5, p. 133 – 157, Porto Alegre, 2015.